

ELENA ORTIZ PREUSS

**ACESSO LEXICAL E PRODUÇÃO DE FALA EM BILÍNGUES PORTUGUÊS-
ESPAÑHOL E ESPAÑHOL-PORTUGUÊS**

Porto Alegre

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

**ACESSO LEXICAL E PRODUÇÃO DE FALA EM BILÍNGUES PORTUGUÊS-
ESPANHOL E ESPANHOL-PORTUGUÊS**

ELENA ORTIZ PREUSS

ORIENTADORA: Profa. Dra. INGRID FINGER

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, especialidade em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2011**

CIP - Catalogação na Publicação

Ortiz Preuss, Elena

Acesso lexical e produção de fala em bilíngues
português-espanhol e espanhol-português / Elena

Ortiz Preuss. -- 2011.

183 f.

Orientadora: Ingrid Finger.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Acesso lexical. 2. Produção de fala. 3.
Bilinguismo. 4. Português. 5. Espanhol. I. Finger,
Ingrid, orient. II. Título.

ELENA ORTIZ PREUSS

**ACESSO LEXICAL E PRODUÇÃO DE FALA EM BILÍNGUES PORTUGUÊS-
ESPANHOL E ESPANHOL-PORTUGUÊS**

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, especialidade em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Finger

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ingrid Finger
UFRGS

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
UFRGS

Profa. Dra. Neide Maia González
USP

Profa. Dra. Márcia Cristina Zimmer
UCPel

Ao meu pai

AGRADECIMENTOS

Ao final de uma etapa tão importante em minha vida acadêmica, é chegado o momento de expressar minha gratidão às pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para essa conquista.

Em especial quero agradecer:

- ao meu pai, Noé Pereira Ortiz (*in memoriam*), pela inspiração e pelo sonho;
- ao meu marido, Marcelo Mateus Preuss, pela paciência, pelo incentivo e pelo companheirismo incondicional;
- à minha orientadora e amiga, profa. Dra. Ingrid Finger, pelo exemplo de profissional extremamente competente e humana, também pela confiança e por me proporcionar oportunidades de crescimento profissional, mas, acima de tudo, como pessoa.
- à toda a minha família, pelo apoio e pela torcida;
- à minha sobrinha, Thaís Ortiz Hammes, e à minha sobrinha emprestada, Heloisa Somacal, pela casa, pelas conversas e momentos de descontração, na já saudosa Porto Alegre.

Quero expressar minha gratidão a pessoas e instituições que foram fundamentais para a execução da pesquisa:

- à Reitoria da URCAMP (Universidade da Região da Campanha), especialmente à direção da URCAMP, de Santana do Livramento, à ANEP (*Administración Nacional de Educación Pública de Uruguay*), e ao *Centro Regional de Profesores del Norte, CERP del Norte*, por viabilizarem a coleta de dados, disponibilizando espaço físico para esse fim e ajudando a divulgar o estudo entre os possíveis participantes.
- à Faculdade de Letras da UFG (Universidade Federal de Goiás), especialmente aos colegas da Área de Espanhol, à Profa. Dra. Maria Zaíra Turchi, ex diretora da Faculdade de Letras, e ao Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo, atual diretor, pelo apoio sempre que precisei;
- aos professores que formaram parte tanto das Bancas de qualificação como da Banca de Defesa da Tese: Prof. Dr. Augusto Buchweitz (UFRGS); Prof. Dr. Cléo

Vilson Altenhofen (UFRGS); Profa. Dra. Neide Maia González (USP); e Profa. Dra. Márcia Cristina Zimmer (UCPel), pela leitura cuidadosa e pela valiosa reflexão;

- à Profa. Dra. Ana Beatriz Arêas Luz Fontes, a quem considero uma grande amiga virtual, com quem eu compartilhava minhas angústias, principalmente, quando os experimentos teimavam em não dar certo e cuja ajuda foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa;
- ao Augusto Viana Pires, à Cintia Avila Blank e à Johanna Dagort Billig, pela ajuda com o *e-prime*;
- à Simone Maciel Mendonça e à Alix Costa L.P. B. dos Santos, que me auxiliaram com materiais;
- à Letícia Soares Bortolini, ao Javier Geymonat e à Cinthia Nuñez, que me ajudaram a estabelecer contatos com a ANEP e o CERP del Norte que viabilizaram a coleta de dados;
- ao Prof Dr. Tony Berber Sardinha, que me ajudou com as frequências de palavras e me indicou o Banco de português, muito útil para o experimento;
- à Rosana Beatriz Garrasini Sellanes, que gentilmente me ajudou a “caçar” palavras para os experimentos, buscando vocábulos mais usuais na região de fronteira entre Brasil e Uruguai;
- às pessoas que aceitaram participar dos experimentos tanto para a coleta de dados para a Tese como na coleta para o estudo-piloto;
- à Profa. Valneide Luciane Azpiroz, coordenadora do Programa de Português para Estrangeiros da UCS (Universidade de Caxias do Sul), por, tão prontamente, enviar-me o material sobre o CILP, Certificado Internacional de Língua Portuguesa;
- à Profa. Dra. Magdalena Coll a à Profa. Dra. Cleci Bevilacqua, que ajudaram a sanar dúvidas sobre frequências de palavras em espanhol;
- às colegas e amigas, Profa. Dra. Carla Janaína Figueredo (UFG) e Profa. Dra. Terumi Koto Bonnet Villalba (UFPR), que gentilmente me auxiliaram com materiais importantes para o trabalho.
- à colega e amiga Profa. Margarida Rosa Álvares, que me ajudou muito desde que cheguei em Goiânia, e com quem compartilhei muitas angústias ao longo da realização deste estudo.

Além das pessoas citadas, quero estender os meus agradecimentos a todos os amigos, colegas e alunos que me deram palavras de incentivo e torceram por mim durante essa caminhada.

Language should be investigated not so much as an interdisciplinary exercise, but rather as a single enterprise that incorporates theoretical and methodological approaches both across and within disciplines, including neurosciences, psychology, and theoretical linguistics.

(WALENSKI & ULLMAN, 2005, p. 328)

RESUMO

Nesta tese apresentamos uma pesquisa que teve como objetivo geral analisar os mecanismos de acesso lexical e produção de fala em um grupo de bilíngues português-espanhol e espanhol-português. Mais especificamente, foi observado o desempenho desses bilíngues em tarefas de nomear desenhos na L2, a fim de: (a) identificar efeitos de interferência (semântica, de identidade e de facilitação fonológica/ortográfica); (b) observar se o *status* cognato das palavras poderia interferir no processo de lexicalização; (c) averiguar a existência de interatividade entre as línguas; e (d) verificar se havia correlação entre as médias dos tempos de reação, de acurácia das respostas e o grau de similaridade entre as línguas. Para isso, foram desenvolvidas duas tarefas, dentro do paradigma de interferência desenho-palavra, nos quais houve manipulação da natureza das relações entre desenho-palavra e controle sobre os tipos de palavra envolvidos. Contamos com uma amostra de 23 bilíngues, os quais tiveram que nomear 90 desenhos que apareciam duas vezes nos testes (uma vez na condição relacionada e outra vez na condição não-relacionada). Para avaliar cada efeito de interferência (semântica, de identidade e de facilitação fonológica/ortográfica) foram usados 30 desenhos, os quais foram subdivididos em três grupos, com 10 desenhos cada, conforme o tipo de palavra (cognatas, não-cognatas e falso-cognatas). Dessa forma, nosso experimento passou a ter uma configuração ortogonal. Em geral, os resultados obtidos no experimento parecem evidenciar a especificidade dos mecanismos de seleção, uma vez que as nomeações, conforme as expectativas iniciais, foram mais rápidas, na condição relacionada, nos efeitos de identidade interlinguística e de facilitação fonológica/ortográfica, e mais lentas, nessa mesma condição de relação, no efeito de interferência semântica. Assim, tais resultados parecem fortalecer a hipótese de que a seleção lexical é específica na língua de resposta. Outra evidência extremamente significativa se refere ao importante papel que o *status* cognato das palavras desempenha no processo de lexicalização, tendo sido constatada relevância estatística tanto isoladamente quanto em comparações e interações com os outros efeitos testados. Esses resultados mostram que, ao avaliar os tipos de efeitos de interferência, é preciso considerar os tipos de palavras envolvidos. Foram identificados, também, importantes indícios de que o princípio de interatividade é funcional entre as línguas, principalmente, porque no contexto que privilegiava a ativação sublexical (efeito de facilitação fonológica), as falso-cognatas apresentaram tempos de reação mais rápidos, e a explicação mais plausível para isso é a ocorrência de ativação bidirecional, vinda dos segmentos fonológicos ativados pela tradução na L1 (que não corresponde ao mesmo conceito na L2), a qual incrementou a ativação do nó lexical-alvo na L2. Outro indício relevante observado é de que a fórmula similaridade linguística=facilidade de aquisição da L2 parece ser inconsistente, em virtude de uma sobrecarga atencional provocada pela similaridade entre as línguas. Essa suposição se respalda nos resultados dos tempos de reação e de acurácia entre as cognatas, os quais não foram correspondentes, porque houve contextos em que a nomeação foi mais rápida, mas a acurácia foi menor. Essa diminuição de respostas corretas pode ser uma decorrência da sobrecarga atencional, provocada pela similaridade das palavras. Entretanto, são necessárias, ainda, mais investigações.

Palavras chave: Acesso lexical; Produção de fala; Bilinguismo; Português; Espanhol

RESUMEN

En esta tesis se presenta un estudio que tuvo como objetivo analizar los mecanismos de acceso léxico y la producción del habla en un grupo de bilingües portugués-español y español-portugués. Más concretamente, se observó su desempeño en tareas de nombrar dibujos en la L2 para: (a) identificar los efectos de interferencia (semántica, de identidad, y de facilitación fonológica/ortográfica), (b) verificar si el *status* cognado de las palabras podría afectar el proceso de lexicalización, (c) establecer la existencia de interactividad entre las lenguas, y (d) determinar si existía correlación entre el promedio de los tiempos de reacción, la exactitud de las respuestas y el grado de similitud entre las lenguas. Para ello, dos tareas se desarrollaron dentro del paradigma de interferencia de dibujo-palabra, en las que hubo manipulación de la naturaleza de las relaciones entre dibujo y palabra y control de los tipos de palabras involucrados. Participaron de la investigación 23 bilingües, quienes tuvieron que nombrar 90 dibujos que aparecían dos veces en los testes (una vez en la condición relacionada y otra en la condición no-relacionada). Para evaluar cada efecto de interferencia (semántica, de identidad y de facilitación fonológica/ortográfica) se utilizaron 30 dibujos, subdivididos en tres grupos, con 10 diseños cada uno, dependiendo del tipo de palabra (cognadas, no-cognadas y falso-cognadas). Por lo tanto, nuestro experimento pasó a tener una configuración ortogonal. En general, los resultados obtenidos en el experimento parecen demostrar la especificidad de los mecanismos de selección, teniendo en cuenta que las nominaciones, de acuerdo con las expectativas iniciales, fueron más rápidas en la condición relacionada, en los efectos de identidad interlingüística y de facilitación fonológica/ortográfica, y más lentas, en la misma condición de relación, en el efecto de interferencia semántica. Luego, esos resultados parecen reforzar la hipótesis de que la selección léxica es específica en la lengua de respuesta. Otra evidencia muy significativa se relaciona con el importante papel que el *status* cognado de las palabras desempeña en el proceso de lexicalización, habiendo sido significativo estadísticamente ya sea de forma aislada o en comparaciones o interacciones con los otros efectos analizados. Esos resultados muestran que, al evaluar los tipos de efectos de interferencia, se debe considerar los tipos de palabras involucrados. Además, se identificaron importantes pistas de que el principio de interactividad es funcional entre las lenguas, principalmente, porque en el contexto que favorece la activación subléxica (facilitación fonológica), los falsos-cognados mostraron tiempos de reacción más rápidos, y la explicación más probable para eso es la ocurrencia de activación bidireccional, procedente de los segmentos fonológicos activados por la traducción L1 (que no se corresponde con el mismo concepto en L2), la cual aumentó la activación del nudo léxico-meta en la L2. Otra pista relevante que se observó es que la fórmula similitud lingüística=facilidad de adquisición de la L2 parece ser inconsistente, debido a una sobrecarga de atención causada por la similitud entre las lenguas. Esa suposición se apoya en los resultados del tiempo de reacción y de la exactitud de las respuestas en las cognadas, los cuales no fueron correspondientes, porque hubo contextos en los que el nombramiento fue más rápido, pero la precisión fue menor. Esa disminución de respuestas correctas, puede ser una consecuencia de la sobrecarga de la atención, causada por la similitud de las palabras. Sin embargo, todavía son necesarias más investigaciones.

Palabras clave: acceso léxico, producción del habla, bilingüismo, portugués, español.

ABSTRACT

This study aimed at analyzing the mechanisms of lexical access and speech production in a group of bilingual Portuguese-Spanish and Spanish-Portuguese speakers. More specifically, our goal was to observe the performance of these bilinguals in L2 picture naming tasks in order to: (a) identify the effects of interference (semantic, identity and phonological/orthographic facilitation), (b) investigate if the status of cognate words could affect the lexicalization process, (c) verify the existence of interaction between languages, and (d) determine whether there was a correlation between reaction time, accuracy and the degree of similarity between languages. Two tasks, in which the nature of the relationship between pictures and words and the types of words involved were controlled for, were developed within the picture-word interference paradigm. The sample was composed of 23 bilinguals, who were asked to name 90 pictures that appeared twice in the tests (once in the related condition and once in the unrelated condition). To assess each interference effect (semantics, identity and phonological/orthographic facilitation), 30 pictures, which were subdivided into three groups, with 10 pictures each, depending on the type of word (cognate, non-cognates and false cognates) were used. Thus, our experiment had an orthogonal configuration. Overall, the results show the specificity of selection mechanisms, since the nominations, as predicted, were faster in the related condition, in the effects of cross-linguistic identity and of phonological/orthographic facilitation; in addition, participants were slower in the same related condition, for semantic interference. These results seem to give support for the hypothesis that predicts that lexical selection is language specific. Another important result concerns the role played by the cognate status of words in the lexicalization process, since statistical significance was found either alone or in comparisons and interactions with other effects. These results show that, when assessing the types of interference effects, one must consider the types of words involved. In addition, important indications that the principle of interactivity is functional among languages were found, since false cognates showed faster reaction times in the context that favored sublexical activation (phonological facilitation effect). We argue that this effect is due to the occurrence of bidirectional activation, which comes from the phonological segments activated by the L1 translation (that does not correspond to the same concept in L2), which in turn increased the activation of the target lexical node in the L2. Another relevant finding is related to the linguistic similarity = ease of acquisition of L2 formula, which appears to be inconsistent due to an attentional overload caused by the similarity between the languages. This assumption is supported by the reaction time and accuracy results that were found between the cognates, which were not correlated, since there were contexts in which naming scores were faster but accuracy was lower. This decrease of correct responses may be a result of attentional overload, caused by the similarity of words. However, further investigation is needed to assess these effects.

Keywords: lexical access, speech production, bilingualism, Portuguese, Spanish.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>Continuum</i> bilíngue	24
Quadro 1: Definições e tipologias de bilinguismo.....	25
Figura 2: Exemplo da tela dos experimentos	37
Figura 3: Esquema do processo de acesso lexical bilíngue	52
Figura 4: Modelo de produção de fala de Levelt (1989)	54
Figura 5: Modelo de produção de fala de Poulisse & Bongaerts (1994)	57
Figura 6: Modelo de Controle Inibitório	58
Figura 7: Esquema de representação do efeito identidade interlinguística, conforme a HSE	61
Figura 8: Esquema de representação do efeito identidade interlinguística, conforme a HSNE	61
Figura 9: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo cognato	74
Figura 10: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo não-cognato ...	75
Figura 11: Esquema interativo de acesso lexical e sublexical de um vocábulo cognato	77
Figura 12: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo falso cognato..	78
Quadro 2: Casos testados nas tarefas	92
Quadro 3: Exemplos de pares de palavras	93
Figura 13: <i>Design</i> das tarefas	95
Figura 14: Contexto de competição semântica	104
Figura 15: Seleção lexical na condição de identidade entre as línguas	107
Figura 16: Esquema de nomeação de vocábulo cognato	108
Figura 17: Esquema de nomeação de vocábulo falso-cognato.....	110
Gráfico 1: Média dos tempos de reação entre os diferentes efeitos de interferência e diferentes tipos de palavras, nas diferentes condições	111
Gráfico 2: Média de acurácia entre os diferentes efeitos de interferência e diferentes tipos de palavras, nas diferentes condições.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Avaliação de desempenho linguístico dos bilíngues	89
Tabela 2: Frequência de uso linguístico dos bilíngues.....	90
Tabela 3: Média dos tempos de reação (TR) e desvio padrão (DP)	100
Tabela 4: Efeito de Interferência Semântica.....	102
Tabela 5: Efeito de Identidade Interlinguística.....	105
Tabela 6: Efeito de Facilitação Fonológica/Ortográfica	109
Tabela 7: Média de acurácia das respostas e desvio padrão (DP)	112
Tabela 8: Análise das respostas classificadas como erradas	118
Tabela 9: Reconhecimento lexical dos bilíngues português-espanhol	121
Tabela 10: Reconhecimento lexical dos bilíngues espanhol-português	123

LISTA DE SIGLAS

- ANT – *Attentional Network task* (tarefa de rede de atenção)
- ASL – Aquisição de Segunda Língua
- C – Cognata
- CI – Controle Inibitório
- CILP - Certificado Internacional de Língua Portuguesa
- DELE – *Diplomas de Español como Lengua Extranjera* (Certificados de Espanhol como Língua Estrangeira)
- DP – Desvio Padrão
- DPU – Dialetos Portugueses do Uruguai
- FC - Falso cognato
- FFO - Facilitação Fonológica/Ortográfica
- HAC – Hipótese de Análise Contrastiva
- HAE – Hipótese de Análise de Erros
- HI – Hipótese da Interlíngua
- HSE – Hipótese de Seleção Específica na língua
- HSNE – Hipótese de Seleção Não-Específica na língua
- II – Identidade Interlinguística
- IS – Interferência Semântica
- L1 – Primeira língua
- L2 – Segunda Língua
- LA – Linguística Aplicada
- LE – Língua Estrangeira
- NC – Não-cognata
- NR – Não-relacionada
- R – Relacionada
- SAS – Sistema Atencional Supervisor
- SOA – *stimulus onset asynchrony* (assincronia de início de estímulo)
- TOT – *Tip Of the Tongue* (ponta da língua)
- TR – Tempo de Reação / Tempo de Resposta

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 CONCEPÇÕES DE BILINGUISMO	22
2.2 BILINGUISMO E COGNIÇÃO	29
2.3 INTERFERÊNCIA INTERLINGUÍSTICA	42
2.3.1 Interferência e proximidade tipológica entre línguas	47
2.3.2 Efeitos de interferência no acesso lexical e produção de fala	49
2.4 ACESSO LEXICAL E PRODUÇÃO DE FALA BILÍNGUE	51
2.4.1 A língua não-alvo e o processo de seleção lexical	60
2.4.2 Ativação fluente: especificidade e interatividade	71
2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO	80
3 METODO	82
3.1 OBJETIVOS	82
3.1.1 Objetivo geral	82
3.1.2 Objetivos específicos	82
3.2 HIPÓTESES	83
3.3 PARTICIPANTES	84
3.3.1 Contexto	85
3.3.2 Questionário	87
3.3.3 Proficiência	87
3.3.4 Amostra	88
3.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	91
3.5 TESTES DE RECONHECIMENTO LEXICAL	95
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	96
3.7 ESTUDO PILOTO	97
3.8 SÍNTESE DO CAPÍTULO	99
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	100
4.1 TEMPOS DE REAÇÃO	100

4.1.1	Panorama Geral	100
4.1.2	Efeito de Interferencia Semântica	103
4.1.3	Efeito de Identidade Interlinguística	105
4.1.4	Efeito de Facilitação Fonológica/Ortográfica	108
4.2	ACURÁCIA	112
4.3	RECONHECIMENTO LEXICAL.....	120
4.3.1	Bilíngues português-espanhol	120
4.3.2	Bilíngues espanhol-português	122
4.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	125

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
----------	----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	133
-------------------------	------------

APÊNDICES	143
------------------------	------------

APÊNDICE A	– Termo de consentimento	144
APÊNDICE B	– <i>Término de consentimiento</i>	146
APÊNDICE C	– Questionário	148
APÊNDICE D	– <i>Cuestionario</i>	151
APÊNDICE E	– Prova de proficiência	154
APÊNDICE F	– <i>Examen de proficiencia</i>	159
APÊNDICE G	– Esquema do experimento para bilíngues português-espanhol	164
APÊNDICE H	– Esquema do experimento para bilíngues espanhol-português.....	168
APÊNDICE I	– Teste de reconhecimento lexical.....	172
APÊNDICE J	– <i>Test de reconocimiento lexical</i>	175
APÊNDICE K	– Desenhos utilizados nas tarefas	178

1 INTRODUÇÃO

A epígrafe que abre esta tese foi escolhida com o propósito de evidenciar a natureza da nossa proposta: estudar a linguagem, incorporando abordagens metodológicas e teóricas de outras áreas, neste caso específico, das Ciências Cognitivas. Isso é particularmente possível na área da Linguística Aplicada (doravante LA), tendo em vista o seu caráter interdisciplinar. Nosso estudo se insere numa das subáreas da LA, denominada Aquisição de Segunda Língua (doravante ASL), cujo foco é a investigação e compreensão do processo de aquisição de L2¹. (BOXER, 2004; LARSEN-FREEMAN, 2000).

Sabe-se que esse processo é fortemente influenciado por vários fatores de ordem emocional, cognitiva, social, entre outros. Aqui, nós iremos focar, principalmente, os aspectos relacionados ao processamento mental na produção de fala, porque concordamos com afirmações teóricas segundo as quais a aquisição de línguas é considerada uma habilidade cognitiva complexa e a fala envolve cognição (LA HEIJ, 2005; MCLAUGHLIN, 1990). Sob tal perspectiva, o ato de adquirir e falar uma L2 envolve os sistemas de memória, e exige capacidade de atenção, entre outros componentes das funções executivas. Em vista disso, justifica-se o desenvolvimento deste estudo, incorporando significativas contribuições das Ciências Cognitivas ao contexto de aquisição de L2.

Ao investigar o processo de produção de fala em L2, dois aspectos merecem destaque: 1) a notável capacidade que os bilíngues possuem de manter a comunicação em somente uma das línguas (COSTA, 2006; 2005; COSTA et.al. 2008); e 2) as evidentes interferências da L1 na produção de fala em L2, através de invasões lexicais, misturas ou empréstimos linguísticos (COSTA, 2006; 2005; POULISSE & BONGAERTS, 1994). Com relação ao primeiro aspecto, ressaltamos que muitas pesquisas tratam de investigar como se desenvolve a produção de fala bilíngue, com vistas a descobrir que tipo de mecanismo garante a produção na língua-alvo, isto é, como são selecionadas palavras de somente uma das línguas para concretizar a comunicação. A partir dessas investigações delineou-se duas

¹ Neste estudo, seguindo Ellis (1994), não se adota a concepção dicotômica entre os termos aquisição e aprendizagem (Krashen, 1988), ambos, portanto, serão usados indistintamente. Na mesma linha, não faremos distinção entre os termos segunda língua e língua estrangeira, bem como suas respectivas siglas, L2 e LE.

hipóteses sobre como ocorre essa seleção. De acordo com a Hipótese de Seleção Específica na língua (doravante HSE), o mecanismo de seleção lexical só é sensível ao nível de ativação dos nós lexicais da língua-alvo (COSTA, MIOZZO E CARAMAZZA, 1999). Por outro lado, a Hipótese de Seleção Não-Específica na língua (doravante HSNE) supõe que a seleção lexical é sensível ao nível de ativação de todos os nós lexicais, independente da língua a que pertencem, por isso é necessário um mecanismo de controle para garantir que a produção aconteça na língua pretendida (HERMANS, BONGAERTS, DE BOT & SCHREUDER, 1998). Tais hipóteses foram formuladas há mais de dez anos, mas até hoje a questão permanece em aberto, posto que foram encontrados resultados de pesquisa favoráveis a cada uma delas, o que evidencia a necessidade de mais investigações e cautela para alcançar conclusões mais confiáveis.

Quanto ao segundo aspecto, relativo à interferência interlinguística, queremos ressaltar que esse fenômeno também tem sido investigado há muito tempo, com o propósito de compreender a natureza das interferências e como minimizá-las (FERNÁNDEZ, 2005; GASS & SELINKER, 2008). Porém, tais pesquisas, em sua maioria, tratam do fenômeno a partir de um paradigma essencialmente linguístico, uma vez que analisam a interferência por meio das produções mais espontâneas do falante e contrastando os sistemas linguísticos envolvidos. Ainda há na literatura estudos enfocando a origem cognitiva e/ou manipulando potenciais gatilhos para a ocorrência do fenômeno. Esperamos, portanto, que nosso trabalho contribua nesse sentido.

Por outro lado, o contexto de aquisição de línguas próximas, como no caso de português e espanhol, parece encontrar na similaridade linguística um complicador para o desenvolvimento da L2. Os estudos têm mostrado que aqueles que se aventuram nesse aprendizado, muitas vezes, acabam não conseguindo alcançar níveis mais avançados de proficiência, apesar da facilidade inicial de compreensão (VILLALBA, 2002, 2004). Villalba (2004) defende que a facilidade de aprendizagem é um mito, pois logo no início o aprendiz percebe que entrou num terreno movediço em que é difícil identificar as fronteiras de cada idioma. Costa, Santesteban & Ivanova (2006) supõem que quanto maior a similaridade linguística, maior a possibilidade de interferência. Segundo eles, a fala bilíngue depende em ampla escala de mecanismos atencionais, pois de certa forma o acesso lexical é uma situação de conflito que precisa ser resolvida (duas respostas em potencial,

uma em cada língua, mas só uma deve ser selecionada). Para os autores, a facilidade de resolução desse conflito pode depender da similaridade entre a representação a ser atendida (a língua-alvo/de resposta) e a que deve ser ignorada (a língua de não-resposta). Nosso trabalho de investigação também pretende contribuir nesse sentido.

Cabe ressaltar que foram desenvolvidos experimentos sobre o acesso lexical e o processo de produção de fala com diferentes bilíngues - alemão-inglês (POULISSE e BONGAERTS, 1994), (HERMANS et.al., 1998); espanhol-inglês (COSTA et.al., 2000); inglês-francês (LEE e WILLIAMS, 2001); e espanhol-catalão (COSTA et.al., 1999), entre outros, mas não temos conhecimento de nenhuma investigação envolvendo bilíngues falantes de português e espanhol. Nesse sentido, ressalta-se o caráter inovador desta pesquisa que tem como objetivo principal investigar os mecanismos relacionados ao processo de acesso lexical e produção de fala em bilíngues português-espanhol e espanhol-português, a partir de experimentos desenvolvidos dentro do paradigma experimental de interferência² desenho-palavra. Além disso, este estudo objetivou também:

- 1) Observar se há evidências sobre a especificidade da seleção ou de competição entre as línguas no processo de seleção lexical.
- 2) Examinar como a latência de nomeação dos participantes é afetada pelos seguintes efeitos de interferência: semântica (*semantic interference effect*), identidade interlinguística (*cross-language identity facilitation effect*) e facilitação fonológica/ortográfica (*orthographic/phonological facilitation effect*).
- 3) Identificar evidências de efeito cognato na produção de fala, através da manipulação de palavras cognatas, não-cognatas e falso-cognatas.
- 4) Verificar se o princípio da interatividade³ entre as línguas é funcional.

² Esse termo, aqui, não mantém relação direta com as visões dicotômicas entre transferência x interferência (ou transferência negativa) da área de ASL, baseadas na materialidade ou produto linguístico. Usa-se o termo interferência, devido ao fato de que as distintas relações entre desenho e palavra distratora podem afetar ou não a rapidez do processamento, durante o acesso lexical e a produção de fala. Assim, os efeitos de interferência podem ser percebidos, quando a produção é atrasada, e positivos, quando é acelerada (nesse caso, diz-se que houve facilitação).

³ Esse princípio se refere à concepção de que a ativação lexical é fluente e espalhada bi-direcionalmente, do nível lexical ao fonológico e do fonológico ao lexical. Esse tema será melhor discutido na seção 2.4.2 desta tese.

Nosso estudo foi inspirado em experimentos desenvolvidos por Hermans, Bongaerts, De Bot & Schreuder (1998), Costa, Miozzo & Caramazza (1999) e Costa & Caramazza (1999) e, com vistas a alcançar nossos objetivos, foram delineadas as seguintes hipóteses (numeradas de acordo com o objetivo a que se referem):

H1- Em conformidade com a Hipótese de Seleção Específica na língua (HSE), previu-se que as duas línguas do bilíngue são ativadas, mas a seleção é específica e só considera o nível de ativação da língua de resposta (COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999).

H2a- Nas condições envolvendo o efeito de interferência semântica, espera-se que a nomeação seja lenta na condição relacionada (quando o desenho e a palavra distratora são da mesma categoria semântica), devido à competição lexical.

H2b- Nas condições envolvendo o efeito de identidade interlinguística, em concordância com a HSE, espera-se que a nomeação seja mais rápida na condição relacionada (quando a palavra distratora corresponde à tradução do nome do desenho), uma vez que só um dos léxicos é considerado para a seleção.

H2c- Nas condições envolvendo efeito de facilitação fonológica/ortográfica, espera-se que a nomeação de palavras cognatas seja mais rápida na condição relacionada (quando o nome do desenho e a palavra distratora compartilham similaridade fonológica/ortográfica).

H3- Supõe-se que palavras cognatas sejam mais fáceis de aprender e mais frequentes do que não-cognatas. Assim, espera-se que a nomeação de cognatas seja mais rápida do que a de não-cognatas tanto na condição relacionada como na não-relacionada (COSTA, CARAMAZZA & SEBASTIÁN-GALLÉS, 2000).

H4- A partir da suposição de que os falsos cognatos podem revelar que o princípio de interatividade é funcional entre as línguas, espera-se respostas mais rápidas na condição relacionada (quando a palavra distratora corresponde a tradução do significado do falso cognato) (COSTA, LA HEIJ & NAVARRETE, 2006).

As tarefas, desenvolvidas a partir do paradigma de interferência desenho-palavra, foram aplicadas a um grupo de 23 bilíngues, sendo 13 bilíngues espanhol-português e 10 bilíngues português-espanhol. Os participantes tinham que nomear desenhos na sua L2, enquanto ignoravam as palavras distratoras na L1 que apareciam na tela imediatamente anterior à tela do desenho-alvo da nomeação. A natureza das relações entre desenho e palavra era manipulada de modo a permitir observar efeitos de interferência (semântica, de identidade, fonológica) e efeito cognato.

A partir dos resultados obtidos no experimento, nesta tese defendemos que há evidências da especificidade do mecanismos de seleção lexical na língua de resposta, o que contribui para fortalecer a Hipótese da Seleção Específica (Costa et. al. 1999), embora ainda seja necessário investigar detalhadamente a operacionalização desse processo. Além disso, demonstramos a importância de se levar em consideração o *status* cognato das palavras no processo de lexicalização, ao avaliar efeitos de interferência entre as línguas.

Esta tese está organizada em três capítulos além da introdução e das considerações finais. Na introdução, apresentamos a justificativa e a relevância da pesquisa, bem como sintetizamos suas características gerais. No segundo capítulo, é feita a discussão sobre seu embasamento teórico, contemplando as concepções de bilinguismo e suas possíveis interrelações com o sistema cognitivo geral, o fenômeno de interferência e as teorias sobre acesso lexical e produção de fala. No terceiro capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, com relação à amostra, e os instrumentos de coleta e análise de dados. No quarto capítulo, apresentamos os resultados, juntamente com as análises e discussões dos mesmos. Finalmente, são apresentadas as considerações finais, em que sintetizamos os principais resultados e suas implicações, e apontamos algumas limitações deste estudo. Posteriormente, constam as referências e os apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo deste capítulo, pretendemos discutir o referencial teórico embasador da nossa investigação. Inicialmente, faremos uma reflexão sobre as concepções de bilinguismo, na qual se evidencia a dificuldade de definir o termo, bem como de classificar um sujeito bilíngue. Depois, faremos algumas considerações sobre as interrelações entre bilinguismo e cognição, em que apresentaremos resultados de pesquisas, apontando vantagens cognitivas do falante bilíngue na execução de diferentes tarefas, e discutiremos a constituição e funcionalidade de alguns componentes cognitivos relacionados com a habilidade oral bilíngue. Em seguida, discutiremos o fenômeno de interferência interlinguística, traçando um panorama histórico sobre o tema. Posteriormente, apresentaremos as principais teorias sobre acesso e produção de fala, as hipóteses sobre a especificidade da seleção lexical na língua de resposta e descreveremos pesquisas que tratam do tema, analisando efeitos de interferência. Discutiremos, também, a questão da ativação fonológica, buscando verificar quando e como ela acontece.

Passamos agora a discorrer sobre a concepção de bilinguismo.

2.1 Concepções de bilinguismo

O que é ser bilíngue? Essa pergunta, embora pareça simples, implica outra série de questionamentos, tais como: é preciso ter fluência em todas as habilidades nas duas línguas? O bilíngue deve dominar suas habilidades em todas as situações comunicativas? Quais são os critérios para medir a proficiência de um bilíngue? O bilíngue deve ter a mesma proficiência nas duas línguas? Essas e outras questões demonstram a complexidade que envolve o tema do bilinguismo, que ao longo dos anos tem recebido várias definições. Mesmo a partir de uma perspectiva psicológica, baseada na competência linguística, é possível constatar posições extremamente antagônicas. Bloomfield (1933), por exemplo, afirma que o indivíduo bilíngue é aquele que tem o domínio de duas ou mais línguas como um nativo. Contrariando essa visão que contempla apenas bilíngues perfeitos, Macnamara (1969) afirma que

aquele que tem competência numa das quatro habilidades na L2 já pode ser considerado bilíngue. Por outro lado, sob uma perspectiva sociológica, Weinreich (1953), afirma que bilíngue é a pessoa que usa duas línguas de forma alternada (cf. APPEL & MUYSKEN, 1996).

Cabe ressaltar que os problemas com o entendimento sobre bilinguismo surgem desde a sua definição mais clássica, considerando-se a origem da palavra, do latim *bi-linguis*, em que o prefixo latino significa dois, isto é, bilíngue é o que fala duas línguas (GASS & SELINKER, 2008; MEDINA LÓPEZ, 1997). Mas, conforme Gass & Selinker (2008), muitas vezes o termo bilíngue também acaba incorporando a noção de multilinguismo. Os autores (op.cit.) exemplificam isso com a afirmação de Bhatia (2006, p.5) de que “a investigação do bilinguismo é uma área ampla e complexa, incluindo o estudo da natureza do conhecimento e uso bilíngue de duas (ou mais⁴) línguas⁵”.

Edwards (2006), por sua vez, amplia ainda mais o escopo do bilinguismo. Considerando a pluralidade linguística mundial, o autor (op.cit.) afirma que não há ninguém no mundo que não saiba no mínimo poucas palavras em outra língua, além da variedade materna. Ele explica que o simples fato de alguém entender uma palavra em língua estrangeira já é um indício de que esse indivíduo possui algum “comando” dessa língua⁶.

Medina López (1997), por sua vez, problematiza a definição de Etxebarria (1995) de que bilíngue é o “indivíduo que, além de sua própria língua, possui uma competência semelhante em outra língua e é capaz de usar uma ou outra em qualquer situação comunicativa e com eficácia comunicativa idêntica” (ETXEBARRÍA, 1995, *apud* MEDINA LÓPEZ, 1997, p.19). O autor (op.cit.), muito pertinentemente, questiona se todas as pessoas têm essa capacidade de saber atuar em “qualquer”⁷ situação, mesmo na sua língua materna, e acrescenta que é muito difícil alguém possuir uma autonomia de códigos e não apresentar interferências linguísticas, ou seja, ele considera que o bilinguismo é menos perfeito.

⁴ Grifo nosso.

⁵ Todas as traduções e adaptações que aparecem neste estudo são de nossa responsabilidade.

⁶ Há teóricos que discordam dessa visão simplista de bilinguismo, que considera suficiente somente o conhecimento de algumas palavras. Também acreditamos que esse posicionamento é um pouco exagerado. Defendemos que ser bilíngue envolve o desenvolvimento de alguma habilidade linguística na L2 que possibilite atuar em alguns contextos comunicativos, o que implica saber mais do que algumas poucas palavras.

⁷ Grifo nosso.

Valdés (2001, *apud* GASS & SELINKER, 2008) também discute a visão do “bilíngue mítico”, capaz de atuar como um nativo em qualquer situação e em qualquer das línguas. Para a autora (*op.cit.*), há diferentes tipos de bilíngues, sendo, portanto, mais apropriado pensar o bilinguismo como um *continuum* com diferentes quantias de conhecimentos de L1 e L2 sendo representados, como ilustra a Figura 1. As duas letras representam línguas diferentes, sendo a primeira a língua dominante, e o tipo e caixa da fonte representam os diferentes níveis de proficiências que o falante pode possuir, em cada uma das línguas.

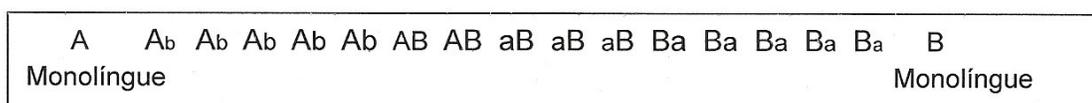


Figura 1: Continuum bilíngue

Fonte: Valdés (2003, *apud* BAKER, 2006, p. 08)

Para Baker (2006), definir exatamente os bilíngues é impossível, mas categorizações e aproximações podem ser necessárias. Além disso, defende que a abordagem mais útil pode ser identificar importantes distinções do bilinguismo, por isso apresenta uma série de dimensões a serem consideradas ao analisar bilíngues e multilíngues, as quais estão descritas a continuação (BAKER, 2006, p. 3-5):

- 1) **Habilidade** – nem todos os bilíngues possuem o mesmo desenvolvimento em todas as habilidades. Alguns são mais produtivos (falam e/ou escrevem) outros são mais receptivos (entendem e/ou lêem). Há os que têm uma competência bem desenvolvida nas línguas, outros podem ainda estar em fase de aquisição.
- 2) **Uso** – se refere ao lugar onde as línguas são adquiridas e usadas, que pode ser variado. Além disso o uso das línguas pode se relacionar aos propósitos do bilíngue.
- 3) **Duas línguas equilibradas** – raramente os bilíngues possuem competência igual nas duas línguas, ou seja, geralmente uma é dominante.
- 4) **Idade** – a aquisição de duas línguas desde o nascimento é conhecida como bilinguismo infantil ou simultâneo. Se for após os 3 anos, chama-se bilinguismo consecutivo ou sequencial.

- 5) **Desenvolvimento** – considera-se como bilinguismo incipiente quando uma língua está bem desenvolvida e a outra no início de aquisição. Além disso, se a segunda língua está sendo desenvolvida, chama-se bilinguismo ascendente, se uma língua está decrescendo, considera-se bilinguismo recessivo, ocorrendo um atrito linguístico que pode ser permanente ou temporário.
- 6) **Cultura** – Os bilíngues tornam-se mais ou menos biculturais ou multiculturais. A competência bicultural se relaciona com o conhecimento da cultura das línguas, sensações e atitudes em relação àquela cultura, comportamento culturalmente apropriado, consciência e empatia, e ter confiança para expressar o biculturalismo.
- 7) **Contexto** – alguns bilíngues vivem em comunidades bilíngues endógenas, que usam mais de uma língua no cotidiano. Outros vivem em regiões monolíngues (em comunidades exógenas, onde não há grupo de falantes da segunda língua) e se relacionam com outros bilíngues nas férias, por exemplo. Nos contextos subtrativos, há políticas de manutenção de línguas majoritárias em detrimento das minoritárias (muitos casos de populações de imigrantes). Por outro lado, nos aditivos, ocorre a aprendizagem da L2 sem custos para a L1, como no caso dos bilíngues de prestígio ou elite.
- 8) **Bilinguismo eletivo** – quando a pessoa escolhe aprender outra língua. Quando a aprendizagem ocorre para melhor atuar em alguma circunstancia, chama-se bilinguismo circunstancial

Wei (2000, *apud* GASS & SELINKER, 2008, p.27-28) e Butler & Hakuta (2006, p.116-117) apresentam várias definições e tipologias de bilíngues, cuja classificação considera dentre outros aspectos: o início do processo de aquisição, a sequência de aquisição, o grau de domínio das línguas, a frequência de uso das línguas e o *status* das línguas. Sintetizamos e adaptamos tais classificações no seguinte quadro:

Tipo	Termos relacionados	Definição
Bilíngue aditivo (<i>additive bilingual</i>)		Quem tem duas línguas combinadas de forma complementar e enriquecidas

Bilíngue ascendente (<i>ascendant bilingual</i>)		Alguém cuja habilidade para atuar na L2 é desenvolvida devido ao aumento do uso
Bilíngue equilibrado (<i>balanced bilingual</i>)	Ambilíngue (<i>ambilingual</i>) Equilíngue (<i>equilingual</i>) Bilíngue simétrico (<i>symmetrical bilingual</i>)	Alguém cujo domínio de duas línguas é, grosso modo, equivalente
Bilíngue composto (<i>compound bilingual</i>)		Quem aprendeu as duas línguas ao mesmo tempo e, muitas vezes, no mesmo contexto.
Bilíngue coordenado (<i>coordinate bilingual</i>)		Quem aprendeu duas línguas diferentemente em contextos separados
Bilíngue disfarçado (<i>covert bilingual</i>)		Quem disfarça seu conhecimento de determinada língua, devido à uma disposição atitudinal
Bilíngue diagonal (<i>diagonal bilingual</i>)		Quem é bilíngue numa língua não padrão ou um dialeto e uma língua padrão não relacionada
Bilíngue dominante (<i>dominant bilingual</i>)		Alguém com grande proficiência em uma das suas línguas e a usa muito mais do que a outra
Bilíngue adormecido (<i>dormant bilingual</i>)		Quem emigrou a um país estrangeiro por um período considerável de tempo e tem pouca oportunidade de manter ativamente em uso a sua primeira língua
Bilíngue precoce (<i>early bilingual</i>)	Bilíngue relacionado (<i>ascribed bilingual</i>)	Quem adquiriu duas línguas muito cedo, na infância
Bilíngue funcional (<i>functional bilingual</i>)		Quem pode operar em duas línguas com ou sem fluência completa para as tarefas disponíveis
Bilíngue horizontal (<i>horizontal bilingual</i>)		Quem é bilíngue em línguas distintas, mas com <i>status</i> similar ou igual.
Bilíngue incipiente (<i>incipient bilingual</i>)		Alguém em estágios iniciais de bilinguismo em que uma das línguas não está totalmente desenvolvida.
Bilíngue tardio (<i>late bilingual</i>)	Bilíngue alcançado (<i>achieved bilingual</i>)	Quem se tornou bilíngue após a infância
Bilíngue máximo (<i>maximal bilingual</i>)		Alguém com controle de duas ou mais línguas próximo ao de um nativo
Bilíngue mínimo (<i>minimal bilingual</i>)		Quem sabe poucas palavras ou frases na segunda língua
Bilíngue natural (<i>natural bilingual</i>)	Bilíngue primário (<i>primary bilingual</i>)	Quem não passou por algum treinamento específico e que, muitas vezes, não está apto a traduzir ou interpretar com facilidade entre as duas línguas
Bilíngue produtivo (<i>productive bilingual</i>)		Alguém que não só entende, mas também fala e, possivelmente, escreve em duas ou mais línguas
Bilíngue receptivo (<i>receptive bilingual</i>)	Bilíngue assimétrico (<i>asymmetrical bilingual</i>) Bilíngue passivo	Quem só entende uma segunda língua, ou na forma oral ou na escrita, ou ambas, mas não necessariamente fala ou escreve nessa língua

	<i>(passive bilingual)</i> Semibílingue <i>(semibilingual)</i>	
Bílingue recessivo <i>(recessive bilingual)</i>		Quem começou a sentir alguma dificuldade para entender ou expressar-se numa determinada língua, devido à falta de uso
Bílingue secundário <i>(secondary bilingual)</i>		Alguém cuja L2 tenha sido acrescentada à L1 via instrução
Semílingue <i>(semilingual)</i>		Alguém com insuficiente conhecimento em qualquer uma das línguas
Bílingue simultâneo <i>(simultaneous bilingual)</i>		Alguém cujas duas línguas são apresentadas desde o princípio da fala
Bílingue subordinado <i>(subordinate bilingual)</i>		Quem mostra interferência na sua língua em uso por reduzir os padrões da L2 aos da L1
Bílingue subtrativo <i>(subtractive bilingual)</i>		Alguém cuja L2 é adquirida a custas de atitudes já adquiridas na L1
Bílingue sucessivo <i>(successive bilingual)</i>	Bílingue consecutivo <i>(consecutive bilingual)</i>	Alguém cuja L2 é acrescentada em algum estágio, após a L1 começar a ser desenvolvida.
Bílingue vertical <i>(vertical bilingual)</i>		Quem é bílingue numa língua padrão e uma distinta, mas relacionada língua ou dialeto
Bílingue de elite <i>(elite bilingual)</i>	Bílingue eletivo <i>(elective bilingual)</i>	Quem fala a língua dominante em uma sociedade e outra de prestígio no grupo social
Bílingue popular <i>(folk bilingual)</i>	Bílingue circunstancial <i>(circumstantial bilingual)</i>	Quem fala língua de grupos minoritários que não tem prestígio no grupo social
Bílingue bicultural <i>(bicultural bilingual)</i>		Alguém cuja identidade cultural é moldada pelas duas culturas
Bílingue monocultural <i>(monocultural bilingual)</i>		Alguém cuja identidade cultural é moldada somente em uma cultura
Bílingue aculturado <i>(accultural bilingual)</i>		Quem renuncia a sua identidade cultural na L1 pela L2
Bílingue desculturado <i>(deculturated bilingual)</i>		Quem desiste da identidade cultural na L1, mas não consegue adotar outra na L2.

Quadro 1: Definições e tipologias de bilinguismo

De acordo com Grosjean (1994), o fato de duas ou mais línguas estarem em contato no mesmo indivíduo é um aspecto interessante do bilinguismo, mas o bilíngue não é a soma de dois monolíngues, completos ou incompletos, em uma só pessoa. Ao contrário, trata-se de um falante-ouvinte específico, cuja competência comunicativa possui natureza distinta do monolíngue. O autor (op.cit.) explica que os bilíngues vão usar alternativamente suas línguas, de acordo com o tipo de

interlocutor, o contexto, o objetivo comunicativo, etc. Entretanto, Grosjean (2006) também apresenta uma série de aspectos que contribuem para descrever um indivíduo bilíngue, os quais abrangem: dados biográficos; nível de proficiência; história linguística; estabilidade linguística; funcionalidade das línguas; e modo linguístico. Para o autor (2006, p.34-35) em cada um desses aspectos estariam implícitas as seguintes questões:

- **História linguística e relação entre línguas:** quais línguas (e habilidades linguísticas) foram adquiridas, quando e como? O contexto cultural era o mesmo ou diferente? Qual era o padrão de uso linguístico? Qual é a relação linguística entre as línguas do bilíngue?
- **Estabilidade linguística:** uma ou várias línguas estão ainda sendo adquiridas? O bilíngue está em processo de reestruturação (talvez até perdendo) de uma língua ou habilidade linguística devido à troca de ambiente linguístico? Certa estabilidade linguística foi alcançada?
- **Função das línguas:** quais línguas (e habilidades linguísticas) são usadas no momento, em que contextos, para qual propósito, e em que extensão?
- **Proficiência linguística:** qual é a proficiência do bilíngue em cada uma das quatro habilidades em cada língua?
- **Modo linguístico:** quantas vezes e por quanto tempo está o bilíngue no modo monolíngue e no modo bilíngue? Quando no modo bilíngue, quanto de *code-switching* e empréstimo acontece?
- **Dados biográficos:** qual é idade, sexo, status socioeconômico e educacional do bilíngue, etc?

Nessa mesma perspectiva, Chin & Wigglesworth (2007, p.18) afirmam que “o bilinguismo não é uma entidade concreta que possa ser quantificada ou dissecada”, e sugerem que seria mais produtivo descrever os indivíduos, a partir de determinados descritores, do que buscar uma definição geral de bilinguismo. Tais descritores, segundo eles, envolvem: a idade de aquisição, contexto de aquisição, grau de bilinguismo, domínio de uso e orientação social.

A exposição de todos esses quadros e sugestões de descritores serve para ilustrar a complexidade envolvendo a definição de bilinguismo. Um único indivíduo pode apresentar-se como bilíngue, conforme diferentes classificações, uma vez que

as definições e tipologias levam em conta distintos aspectos, quais sejam: grau de proficiência; função e uso das línguas; organização cognitiva; idade de aquisição; *status* linguístico; identidade cultural e contexto de aquisição.

Conforme Gass & Selinker (2008), as áreas de aquisição de segundas línguas (ASL), psicologia e educação interpretam diferentemente o conceito de bilinguismo. Segundo esses autores (op.cit.) os pesquisadores em ASL são mais criteriosos e somente aqueles que são verdadeiramente equivalentes a um falante nativo de duas línguas são considerados bilíngues. Ou seja, enfatizam o estado final do processo. Mas as outras áreas não compartilham deste mesmo uso do termo, pois concebem a ideia de graus de bilinguismo e enfatizam o processo como um todo, tendo em vista que a competência como nativo na L2 é rara (GASS & SELINKER, 2008). Cabe destacar que, embora não haja uma conceituação definitiva do que é ser bilíngue, estamos de acordo com Cook (2005, apud GASS & SELINKER, 2008), que afirma que o bilinguismo é comum em todo o mundo e que a propensão “normal” é de que os humanos conheçam mais do que uma língua do que tornar o monolinguismo como uma posição por definição. A autora argumenta, ainda, que a orientação monolíngue da ASL não expõe adequadamente a realidade do contexto de aprendizagem de línguas em grande parte do mundo.

Considerando o exposto até aqui, defendemos que bilíngue é alguém que tenha desenvolvida qualquer habilidade linguística na L2 para atuar com êxito em determinados contextos comunicativos. Essa ideia contempla bilíngues balanceados altamente proficientes e bilíngues que ainda estão em processo de aquisição, mas que já conseguem se comunicar em circunstâncias básicas de comunicação. Sob tal perspectiva, ressaltamos que uma concepção, mais abrangente e apoiada em descritores, deve ser adotada na ASL, com vistas ampliar o seu escopo de investigação.

Na próxima seção, passaremos a discutir as possíveis relações entre bilinguismo e cognição, apresentando evidências experimentais que apontam vantagens dos indivíduos bilíngues na realização de determinadas tarefas.

2.2 Bilinguismo e cognição

Muitos que hoje ouvem falar em políticas linguísticas e declarações oficiais em defesa do plurilinguismo nem imaginam que antigamente acreditava-se que o bilinguismo poderia trazer problemas à cognição humana. Conforme Baker (2006, p.143), previa-se que saber outra língua traria “sobrecarga ao cérebro, confusão mental, inibição da aquisição de línguas majoritárias, conflito de identidade e até esquizofrenia”. Em vários lugares do mundo, é possível encontrar relatos históricos de atitudes políticas anti-bilinguismo⁸ e em prol de uma língua franca. Atualmente, porém, o papel do bilinguismo foi redimensionado. Conforme Kroll & Dussias (2006, p.169), o bilinguismo é considerado uma ferramenta para melhor compreender a natureza dos processos e representações mentais, bem como os mecanismos de aprendizagem que lhes dão suporte. Em outras palavras, o indivíduo bilíngue, constantemente, precisa gerenciar seus dois sistemas linguísticos e resolver o conflito gerado pela competição entre as línguas. Em vista disso, analisar esse processo ajuda a compreender melhor a cognição humana e as relações entre linguagem e cognição. Ademais, com o avanço das pesquisas cognitivas, o bilinguismo passou a ser considerado de grande importância para o desenvolvimento humano, sendo que um dos benefícios do fato de ser bilíngue é a melhora no desempenho das funções executivas, como veremos ao longo dessa seção.

Conforme Kristensen (2006), entende-se por funções executivas os processos cognitivos superiores de controle e integração, com vistas a desempenhar um determinado comportamento e alcançar um objetivo futuro. Para isso, também são necessários os seguintes subcomponentes: atenção focalizada, planejamento e monitoramento de desempenho, gerenciamento de tarefa, inibição de processos e informações irrelevantes e concorrentes. Além disso, o conceito de funções executivas está ligado à noção de um sistema de processamento central de capacidade limitada.

⁸ No Brasil, políticas de repressão linguísticas tiveram espaço na era Vargas. Mais informações sobre isso podem ser encontradas nas seguintes referências:

ALTENHOFEN, Cleo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)**, v. 1, 2004. p. 83-93.

OLIVEIRA, Gilvan. M. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L.; MOURAS, H. M. M. (orgs.) **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

No capítulo 3, em que tratamos da metodologia adotada nesse trabalho, descrevemos o contexto de realização da pesquisa e mencionamos o fato de que no Uruguai também houve políticas de repressão linguística, em prol da manutenção e supremacia da língua espanhola.

Diamond (2006) explica que as funções executivas incluem as seguintes habilidades: inibição, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva. A inibição é a habilidade de ignorar estímulos distratores, mantendo o foco, de resistir a dar uma resposta e dar outra. A memória de trabalho⁹ refere-se à habilidade de manter uma informação na mente e manipulá-la. E a flexibilidade cognitiva é a habilidade de mudar de perspectiva, foco de atenção ou mapeamento de resposta (DIAMOND, 2006). Conforme a autora (op.cit. p.70) “essas habilidades são essenciais para todas as formas de desempenho cognitivo”. A inibição de distrações torna possível a atenção seletiva e sustentada, e a inibição de uma forte inclinação comportamental ajuda a tornar possíveis a flexibilidade, a mudança e a polidez social. Assim, a inibição permite controlar a atenção e as ações, por isso os seres humanos não são simplesmente controlados por estímulos externos, emoções ou tendências comportamentais arraigadas. A autora (op.cit.) afirma também que a manutenção da informação na mente torna possível a lembrança de planos e instruções, considerar alternativas, e estabelecer relações.

Entretanto, Diamond (op.cit.) ressalta que as funções executivas nem sempre são necessárias quando uma ação é complexa. Isso vai depender do grau de familiaridade com a tarefa. Kristensen (op.cit) afirma, também, que o controle executivo é necessário na execução de uma nova tarefa, devido à demanda de planejamento e gerenciamento, mas que por mais complexa que seja só será novidade uma única vez. Assim, usando o exemplo de Diamond (2006), dançarinos ou atletas novatos devem se concentrar e depender mais das funções executivas do que os mais experientes, os quais já conhecem o desenvolvimento da tarefa.

No que se refere ao bilinguismo e as funções executivas, de acordo com Bialystok, Craik, Green & Gollan (2009), pesquisas evidenciaram que o uso regular de duas línguas pelo indivíduo bilíngue tem forte impacto sobre o funcionamento linguístico e cognitivo¹⁰. No processamento cognitivo não-verbal, o bilinguismo

⁹ De acordo com Izquierdo (2006), a memória de trabalho é um tipo de memória operacional que serve para gerenciar a realidade. Ela se relaciona com os demais sistemas mnemônicos para poder examinar a informação nova e compará-la com as informações já armazenadas e, assim, verificar o que precisa ser guardado e o que pode ser descartado. Como não gera arquivos, muitas vezes não é considerada um tipo de memória em si, mas um gerenciador central que mantém a informação pelo tempo necessário para ser processada ou descartada.

¹⁰ Bialystok et.al. (2009) argumentam que as crianças aprendem duas línguas desde o nascimento e seguem os mesmos estágios da aquisição monolíngue (palavras, uso gramatical), mas usam diferentes estratégias para a aquisição linguística. Além disso, elas geralmente tem menor vocabulário em cada língua do que crianças monolíngues aprendendo só uma língua. Por outro lado, pontuam que evidências preliminares sugerem que a vantagem no controle executivo pode contribuir

aprimora as funções do controle executivo. Craik & Bialystok (2006, p.135) defendem que a necessidade de monitorar a atenção a dois sistemas linguísticos ativos, que competem entre si, estimula a prática constante do controle atencional nos bilíngues. Assim, bilíngues de todas as idades apresentam melhor desempenho do que monolíngues em tarefas que requerem inibição de informação distratora, tarefas envolvendo trocar ou manter uma determinada informação na mente enquanto realizam a tarefa. O fato é que os bilíngues necessitam de um processo de controle para gerenciar seu desempenho linguístico em curso, assim, tal processo se aprimora também para outros aspectos do processamento cognitivo.

Bialystok, Craik, Klein & Viswanathan (2004) desenvolveram experimentos visando a determinar se a vantagem observada em crianças bilíngues no desempenho de processos controlados, relacionados com as funções executivas, persistiria na fase adulta, bem como se o bilinguismo poderia atenuar os efeitos da idade no controle cognitivo em idosos. Para isso, desenvolveram três estudos comparativos entre adultos jovens e idosos, os quais eram monolíngues ou bilíngues. Assim, haviam em cada estudo quatro grupos de participantes: adultos jovens monolíngues, adultos jovens bilíngues, idosos monolíngues e idosos bilíngues. Dentre os instrumentos usados, havia uma versão da Tarefa Simon (*Simon Task*)¹¹, em que eram apresentados estímulos (quadrados) coloridos do lado esquerdo ou direito da tela de um computador. As cores dos quadrados eram associadas as teclas de resposta em lados opostos do teclado. Na tarefa, o participante era solicitado a responder ao estímulo, pressionando a tecla correspondente a sua cor. Nesse contexto, duas condições eram manipuladas: quando o quadrado aparecia no mesmo lado da tecla associada a sua cor (condição congruente) e quando o quadrado aparecia do lado oposto ao da tecla de resposta (condição incongruente). Devido ao conflito gerado (estímulo e tecla em lados opostos), era esperado que o tempo de reação na condição incongruente fosse maior, o que se conhece como efeito Simon¹².

na redução do declínio cognitivo na velhice e para a reserva cognitiva, o que pode retardar o aparecimento da doença de Alzheimer. Mas os adultos bilíngues geralmente demoram um pouco mais para recuperar palavras individuais do que os monolíngues, e eles geram poucas palavras quando respondem a uma restrição como participação de categoria ou letra inicial.

¹¹ A tarefa Simon pode ser realizada com quadrados coloridos ou flechas.

¹² O efeito Simon é calculado a partir da diferença dos tempos de reação entre a condição congruente e a condição incongruente.

O primeiro estudo foi realizado com 40 participantes, divididos em quatro grupos iguais (conforme foi explicitado no parágrafo anterior) e continha a mesma quantidade de condições congruentes e incongruentes, que eram apresentadas em ordem randomizada. Constatou-se que os bilíngues foram mais rápidos nas duas condições, mas a proporção era maior nas condições incongruentes. Além disso, o efeito Simon foi menor entre os bilíngues, inclusive em interação com o fator idade, ou seja, os idosos bilíngues obtiveram melhor desempenho que os seus pares monolíngues. Outro dado importante foi a comparação da acurácia das respostas, em que se constatou que foi maior entre os idosos bilíngues do que entre os monolíngues.

O segundo estudo foi mais abrangente, tanto no número de participantes (94) como de condições (4). Foram criadas as seguintes condições: a condição A, Centro-2 (controle), em que os quadrados (nas cores marrom e azul) apareciam no centro da tela; a condição B, Lado-2, em que os quadrados apareciam do lado esquerdo ou direito da tela; a condição C, Centro-4, em que 4 cores (rosa, amarelo, vermelho e verde) foram associadas às duas teclas de resposta e apareciam no centro da tela do computador, o que aumentou o nível de exigência da memória de trabalho; finalmente, a condição D, Lado-4, em que os 4 quadrados coloridos apareciam do lado esquerdo ou direito da tela. Essas novas condições permitiam verificar se a vantagem bilíngue residia na capacidade de ignorar estímulos irrelevantes ou na capacidade de lembrar regras. Os resultados mostraram que o desempenho dos participantes na condição de controle foi parecido, mas a inserção de mais cores associadas às duas teclas afetou mais o desempenho dos monolíngues do que dos bilíngues. Além disso, o aumento dos tempos de resposta estava relacionado com o aumento da idade dos participantes.

O terceiro experimento, feito com 20 participantes, manteve as duas condições usadas no estudo 2, Lado-2 e Centro-4, apresentadas em 10 blocos consecutivos de 24 questões, com um curto intervalo entre as repetições. Constatou-se que os bilíngues eram mais rápidos para responder e que apresentaram o mesmo desempenho em todos os blocos de testes, embora os monolíngues tenham apresentado uma melhora gradual de desempenho e evidências do efeito de prática. Os autores, entretanto, sugerem cautela quanto a generalizações, em virtude do pequeno número de participantes.

Em vista dos resultados obtidos nesses três estudos, Bialystok et.al. (op.cit.) afirmam que a vantagem das crianças bilíngues em processos controlados parece se manter na maioria, e que o bilinguismo parece prevenir o declínio dos processos executivos. Os autores defendem, ainda, que os efeitos benéficos do bilinguismo podem ser mais abrangentes do que no controle inibitório, e postulam que traga também um efeito positivo na redução da sobrecarga da memória de trabalho.

Costa, Hernández & Sebastián-Gallés (2008) afirmam que a produção de fala bilíngue é mais complexa do que a monolíngue, uma vez que é necessário um contínuo controle bilíngue para usar somente uma língua na comunicação e suprimir a outra. Em outras palavras, o bilíngue precisa prestar atenção à mensagem, especificar a língua a ser usada e evitar a interferência de outra língua. Assim, nesse caso, é preciso compreender melhor os mecanismos linguísticos/atencionais que garantem a produção adequada, evitando interferências da língua de não-resposta, bem como saber qual é o impacto que o seu uso contínuo pode ter sobre outros mecanismos atencionais mais gerais, ou seja, se o sistema atencional desenvolvido em bilíngues é extensivo e funcional para outras tarefas não linguísticas. Os autores argumentam que a rede atencional envolve três componentes, supostamente com relativa independência: a rede de alerta, encarregada de alcançar e manter o estado de alerta; a rede de orientação, encarregada de selecionar informação do *input* sensorial; e a rede de controle executivo, responsável por monitorar e resolver conflitos (nesta função atua o controle inibitório em bilíngues).

Sob tal perspectiva, Costa et. al. (op.cit.) realizaram uma investigação com o propósito de avaliar o impacto do bilinguismo nas habilidades atencionais mais gerais. Dois grupos de 100 participantes cada, sendo um grupo de bilíngues catalão-espanhol altamente proficientes e um grupo de falantes monolíngues de espanhol, foram solicitados a realizar uma tarefa de rede de atenção (*Attentional Network Task-ANT*), em que deviam indicar se a flecha central apontava para a esquerda ou para a direita. Os participantes tinham que pressionar, no teclado do computador, o mais rápido e corretamente possível, uma determinada tecla com a mão esquerda, se a flecha central apontasse para esse lado, e uma determinada tecla com a mão direita, caso a flecha central apontasse para esse lado. Nesse contexto, o estímulo-alvo era apresentado acima ou abaixo do ponto de fixação (+), junto a mais quatro flechas, sendo duas em cada lado, apontando para a mesma direção (condição

congruente: →→→→) ou para direções diferentes (condição incongruente: →→←→→) da flecha-alvo.

Nesse contexto, cada componente da rede atencional era avaliado da seguinte maneira: a rede alerta, pelo momento em que a pista era dada (antes ou depois do ponto de fixação, em que a expectativa era de que as respostas seriam mais rápidas quando o alvo era precedido pela pista; a rede de orientação, através da apresentação de um sinal (*), indicando a localização espacial onde o alvo apareceria, em que esperava-se respostas mais rápidas quando havia essa sinalização; e a rede de controle executivo, através da resolução de conflito na condição incongruente, na qual se previa respostas mais lentas.

Costa et. al. (op.cit.) explicam que a tarefa ANT e a tarefa Simon de flechas, muito utilizada por Bialystok e colegas, possuem importantes diferenças, pois envolvem distintos tipos de componentes atencionais. Segundo eles, na tarefa Simon, o distrator e o alvo possuem diferentes formatos, é necessária a manutenção do estímulo de resposta na memória de trabalho e a supressão de uma resposta preponderante. Na tarefa ANT, por sua vez, os formatos são padronizados entre distrator e alvo, não é necessária a atuação da memória de trabalho, nem a supressão de resposta. Entretanto, ambas tarefas exigem um controle inibitório, devido à ativação de duas representações conflitivas correspondentes a duas respostas potenciais, o que requer uma decisão do sujeito sobre o que produzir. As duas tarefas também permitem avaliar o processo de monitoramento, um vez que incluem estímulos congruentes e incongruentes, mas, para os autores, a tarefa ANT é menos afetada por outros fatores cognitivos.

Os resultados do estudo de Costa et. al. (op.cit.) mostraram que os participantes foram mais rápidos quando a pista aparecia antes do alvo (rede de alerta); quando indicava a localização do alvo (rede de orientação); e quando o estímulo era congruente (rede de controle executivo). Mas as vantagens dos bilíngues sobre os monolíngues foi observada nas diferenças quantitativas. Os bilíngues foram mais rápidos do que os monolíngues tanto na condição congruente como incongruente. Além disso, os bilíngues aproveitaram mais a vantagem da pista de alerta, sofreram menos interferência na condição com estímulo incongruente e menos custo de troca entre os estímulos. Para os autores, o resultado mais importante, quanto à vantagem do bilíngue, refere-se a ocorrência de menos interferência na condição incongruente, pois nesse caso está envolvido o

mecanismo de resolução de conflito que parece ser mais eficiente para esses falantes.

De acordo com Hernández, Costa, Fuentes, Vivas & Sebastián-Gallés (2010), as três redes anatômicas e cognitivas (alerta, orientação e executiva) que compõem o sistema atencional são distintas, mas trabalham de forma orquestrada, ou seja, o modo de funcionamento de uma rede pode afetar o desempenho de outra:

“Por exemplo, a eficiência dos processos envolvidos ao ignorar informação potencialmente distratora (rede de controle executivo) é afetada pelo nível de alerta (rede alerta); [...] Da mesma forma, os processos envolvidos nas funções executivas podem ser afetados pela orientação da atenção ao estímulo relevante [...]” (HERNÁNDEZ et.al., 2010, p. 316)¹³

Em vista disso, esses pesquisadores procuram fornecer novas evidências sobre o impacto do bilinguismo no sistema atencional e discutir sua origem e seus limites. Para isso, apresentam dois experimentos, envolvendo adultos jovens, bilíngues e monolíngues. O primeiro experimento consistia numa versão de *Stroop task* com números¹⁴ e permitiu avaliar a rede de controle executivo, uma vez que os participantes (81, no total) tinham que dizer quantos itens apareciam em cada teste.

Para isso, no teclado de um computador, eles apertavam, com os dedos índice, médio e anelar de sua mão dominante, teclas correspondentes a 1, 2 e 3 (que era o número máximo de itens que apareceriam), respectivamente. Nos testes foram previstas 3 condições: uma condição neutra, em que eram usadas letras (Z, MM, GGG); uma condição congruente, em que eram usados números com correspondência entre itens e valores (1, 22, 333); e uma condição incongruente, em que eram usados números, mas não havia correspondência entre itens e valores (2, 33, 111). Nesse experimento, constatou-se que os bilíngues apresentaram melhor desempenho, ou seja, reduzido efeito de interferência e maior efeito de facilitação nas respostas.

¹³ “For example, the efficiency of the processes involved in ignoring potentially distracting information (executive control network) is affected by the alerting level (alert network); (...) Along the same lines, the processes involved in the executive function may be affected by orienting attention to the relevant stimuli (...)”

¹⁴ Os autores se preocuparam em não envolver material linguístico no *Stroop task*, a fim de melhor observar o impacto do bilinguismo, pois, segundo eles, é possível que a vantagem bilíngue radique no melhor controle das representações linguísticas e não, especificamente, no efeito do bilinguismo sobre o controle executivo. Assim, testes sem material linguístico poderiam esclarecer melhor esse contexto.

O segundo experimento constava de tarefas com pistas visuais para avaliar a rede de orientação. Nesse contexto, os participantes (56, no total) tinham que dizer se o estímulo-alvo era uma linha reta ou inclinada, apertando teclas determinadas para cada caso. Cada teste consistia numa sequência de cinco telas, semelhantes à Figura 2, a seguir.

Cada tela continha 3 quadros alinhados verticalmente, sendo que o quadro central era destinado ao ponto de fixação (+) e os periféricos estavam destinados à indicação da pista de orientação (através do aumento da espessura da linha) e ao aparecimento do estímulo-alvo, que poderia ocorrer acima ou abaixo do ponto de fixação. O alvo sempre era precedido pela pista visual que poderia aparecer na mesma posição do estímulo (pista válida) ou em posição oposta (pista inválida).

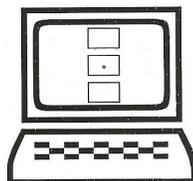


Figura 2: Exemplo da tela dos experimentos

Fonte: Hernández, Costa, Fuentes, Vivas & Sebastián-Gallés (2010, p.320)¹⁵

Os testes seguiam essa ordem: a primeira tela aparecia exatamente como na figura acima por 1000ms; na segunda tela (com 50ms) um dos quadros periféricos dava a pista de orientação; a terceira tela, servia como intervalo entre a pista e o alvo, e era idêntica à primeira, mas nela foi manipulado diferentemente o SOA¹⁶ (50, 350, 650 ou 950ms); na quarta tela aparecia o estímulo-alvo (por 33ms); e a quinta tela, também idêntica à primeira, permanecia aberta por até 2000ms, ou até a resposta ser dada.

Os resultados evidenciaram efeitos de facilitação e inibição similares em ambos os grupos, e, conforme os pesquisadores (op.cit.), ratificam a vantagem dos bilíngues nas tarefas envolvendo controle executivo, já observada em estudos anteriores. Entretanto, com relação aos outros componentes do sistema atencional, os experimentos indicam que o impacto do bilinguismo parece ser mais restrito.

¹⁵ Adaptado.

¹⁶ SOA significa *Stimulus Onset Asynchrony* (assincronia de início de estímulo). Nesse caso, o tempo de aparecimento do estímulo era diferenciado.

Costa, Santesteban & Ivanova (2006), por sua vez, desenvolveram quatro experimentos com o propósito de observar o desempenho de bilíngues altamente proficientes, ao realizar tarefas de nomear desenhos, envolvendo troca de línguas (*language-switching task*). Os autores também investigaram o efeito da similaridade entre as línguas e a idade de aquisição da L2. Quanto à interferência da similaridade linguística na resolução de conflito, os autores exemplificam, citando o efeito de interferência semântica, em que a distratora semanticamente relacionada retarda o tempo de nomeação do desenho, da mesma forma como em *Stroop tasks*, em que a nomeação da cor da tinta, na qual uma palavra está escrita, é mais lenta se essa palavra corresponde ao nome de uma cor, do que se for outra palavra não-relacionada (efeito *Stroop*). Nesse sentido, para os autores, a quantidade de competição entre as línguas, bem como a resolução de conflito, podem depender do grau de similaridade linguística entre as duas línguas do bilíngue. Por outro lado, com relação à idade de aquisição da L2, afirmam que esta afeta não só a aquisição de representação (como a fonológica), mas também o domínio do mecanismo de processamento (como o morfológico e sintático). Esses autores também ressaltam que a aquisição precoce da L2 tem consequências fora do domínio linguístico, devido à sua relação com os mecanismos atencionais. Argumentam que de alguma forma o acesso lexical bilíngue é uma situação de conflito entre duas respostas em potencial que precisa ser resolvida, no que se refere a ter que atender a uma representação e ignorar outra.

No experimento 1, foram observados efeitos da similaridade linguística e da idade de aquisição da L2, no desempenho de bilíngues altamente proficientes, em tarefas de troca de língua. Nesse caso, foram comparados os resultados de bilíngues espanhol-vasco e bilíngues espanhol-inglês em tarefas de nomear desenhos na L1 ou L2, dependendo da cor do desenho (vermelho ou azul) que era a pista da língua de nomeação. Nos outros três experimentos, foi observado o desempenho de bilíngues altamente proficientes em tarefas de troca de língua, considerando o contraste entre línguas específicas em cada experimento: no experimento 2, a L2 e L3 dos bilíngues; no experimento 3, a L3 e a L4; e, no experimento 4, a L1 e uma nova língua recentemente aprendida. Cabe ressaltar que houve também comparação entre os resultados do experimento 1 e os resultados alcançados por Costa & Santesteban (2004), com bilíngues espanhol-catalão, na qual foi constatado que eram muito similares, uma vez que os custos de troca de

língua eram de magnitude equiparável (custo de troca simétrico). Em linhas gerais os resultados dos experimentos evidenciaram que similaridade linguística ou idade de aquisição da L2 não afetam o desempenho de troca de língua no caso de bilíngues altamente proficientes. Foi observado, ainda, o custo de troca simétrico, quando a tarefa de troca de língua era realizada entre duas línguas nas quais o bilíngue era bastante proficiente, e custo de troca assimétrico quando uma das línguas ainda era fraca ou recentemente aprendida. A partir disso, os pesquisadores discutiram as implicações relacionadas com o mecanismo atencional usado pelos bilíngues para controlar o processo de lexicalização. Segundo eles, os experimentos revelam alguns limites na funcionalidade do mecanismo de seleção específica e sugerem que, em algumas condições, bilíngues altamente proficientes precisam recorrer ao controle inibitório para realizar a seleção lexical, mas em outras não.

Costa, Hernández, Costa-Faidella, Sebastián-Gallés (2009) realizaram dois experimentos, com o propósito de verificar mais detalhadamente a vantagem bilíngue nas tarefas de resolução de conflito. O interesse principal era observar se havia correlação entre essa vantagem e o funcionamento do sistema de monitoramento. Para os pesquisadores (op.cit.), essa correlação seria evidenciada, principalmente, em contextos que requerem alto grau monitoramento, e seria reduzida ou ausente nos contextos com baixa demanda de monitoramento. Em vista disso, em cada experimento foi manipulado o grau de envolvimento do sistema de monitoramento, através do percentual de condições congruentes e incongruentes. O primeiro experimento, aplicado a monolíngues e bilíngues, tinha quatro versões de apresentação das condições congruentes: 1) versão com 92% de condições congruentes; 2) versão com 8% dessas condições; 3) versão com 75% de condições congruentes; e 4) versão com 50% de condições congruentes. As versões 1 e 2 eram consideradas de baixo monitoramento, pois embora com os percentuais diferentes a tarefa demanda poucas trocas entre as condições. Por outro lado as versões 3 e 4 eram consideradas de alto monitoramento, uma vez que havia mais possibilidades de troca de condições na realização da tarefa. Constatou-se que alguns resultados contrastaram os obtidos por Costa, Hernández & Sebastián-Gallés (2008), no que se refere ao menor efeito de conflito e médias de tempo de reação mais rápidas entre os bilíngues. Mas, no segundo experimento, aplicado a outros bilíngues e monolíngues, somente constava as versões 3 e 4 do experimento anterior (com 75% e 50% de condições congruentes). Nesse contexto, observou-se:

que os bilíngues tendiam a ter tempos de resposta mais rápidos; que os efeitos de conflito aumentaram quando o percentual de condições incongruentes diminuía; e que a vantagem bilíngue na resolução de conflito foi limitada. Assim, os dois experimentos mostraram que, quando havia baixo monitoramento, não houve diferença significativa entre bilíngues e monolíngues, mas quando o monitoramento foi alto, os bilíngues foram mais rápidos. Para os autores (op.cit.), ainda não é possível explicar com segurança o efeito do bilinguismo e a magnitude do efeito de conflito. É possível que as vantagens bilíngues nas tarefas resultem de um trabalho interativo entre processos de resolução de conflito e de monitoramento. Os autores supõem, contudo, que essa interação de mecanismos cognitivos possa ter impacto sobre o mesmo componente no sistema atencional.

De acordo com Wartenburger et. at. (2003, apud COSTA, SANTESTEBAN & IVANOVA, 2006), os diferentes componentes são afetados pela proficiência e idade de aquisição em diferentes medidas, uma vez que a proficiência parece atuar na informação semântica e a idade afeta o conhecimento gramatical. Encontramos ideias semelhantes no modelo declarativo/procedural (doravante DP), proposto por Ullman (2001, 2004). Conforme o modelo DP, para o falante de L1, a distinção entre léxico e gramática está intimamente relacionada à distinção entre os dois sistemas de memória: declarativo e procedural. O sistema declarativo está implicado na aprendizagem, representação e uso de conhecimentos sobre fatos (semântico) e eventos (episódicos). O sistema procedural refere-se aos hábitos e habilidades e está implicado na aprendizagem do novo, no controle de hábitos e habilidades cognitivas e motoras. Tal sistema é, muitas vezes, referido como um sistema de memória implícita, pois sua aprendizagem ou lembrança de procedimentos não estão acessíveis em nível consciente. Para o modelo DP, os sistemas de memória declarativa e procedural fundamentam a aprendizagem, representação e uso de sistemas de memória e as capacidades linguísticas, léxico e gramática, respectivamente.

A memória declarativa utiliza uma memória associativa que fundamenta o conhecimento armazenado sobre palavras (seus sons e significados) e outras informações memorizadas, tais como morfemas e frases idiomáticas. A memória procedural contém regras, incluindo operações e restrições para a produção e representação de palavras, frases e sentenças. Ela utiliza a aprendizagem (implícita) e uso de aspectos gramaticais manipulados simbolicamente, através de

subpropriedades gramaticais, que incluem a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica não lexical.

Conforme Ullman (op.cit.), muitos estudos evidenciaram que as habilidades linguísticas são sensíveis à idade de exposição à língua. Pessoas que a aprenderam em idades avançadas (principalmente após a puberdade) geralmente não aprendem tão bem quanto aquelas que são expostas precocemente. Essas constatações são também aplicáveis ao contexto de aquisição de L2, entretanto a influência da idade não é igual para todas as habilidades linguísticas. A gramática, por exemplo, é uma das mais afetadas negativamente. Assim, conforme o modelo DP, na L1 a aprendizagem e uso da gramática depende da memória procedural, ao passo que a memorização e uso de palavras depende da memória declarativa, mas na L2, contrariamente, a idade de exposição afeta a computação gramatical e conseqüentemente a memória procedural, dessa forma, o processamento das regras gramaticais vai depender em ampla escala da memória declarativa, pois elas podem ser memorizadas ou construídas pela aprendizagem explícita.

Sob tal perspectiva, a idade de exposição à L2 pode indicar o maior ou menor grau de dependência da memória declarativa, ou seja, aprendizes de L2 expostos tardiamente devem depender mais da memória declarativa do que aqueles que tiveram contato mais precocemente. Entretanto, a idade não é o único fator a afetar a aprendizagem de uma L2. A quantidade de prática também pode melhorar a aprendizagem na memória procedural. Em outras palavras, a mudança para a memória declarativa deve aumentar quanto maior for a idade de exposição à L2, e quanto menor for a quantidade de prática (uso) da língua, com a qual espera-se melhorar a aprendizagem de regras gramaticais pela memória procedural. Em suma, tanto a prática quanto a idade devem afetar a proficiência gramatical e o grau de dependência da memória procedural para a computação gramatical.

Conforme o exposto até aqui, a aquisição de línguas parece ser influenciada pelos componentes cognitivos de diversas formas, o que nos faz acreditar que é preciso levar em consideração como o aparato cognitivo processa a informação e como os sistemas linguísticos envolvidos interagem para melhor compreender o fenômeno de interferência entre as línguas. Desse tema trataremos na próxima seção.

2.3 Interferência interlinguística

A partir de uma perspectiva linguística sobre interferência entre línguas, sabe-se que apoiar-se na bagagem linguística anterior é um dos processos que intervêm na interiorização de uma L2 (MANCHÓN RUIZ, 2001, p.20), entretanto essa intervenção, que consiste no uso de um conhecimento linguístico prévio (L1) como forma de facilitar o processo de aquisição de L2, nem sempre é positiva. Em vista disso, muitos pesquisadores têm se preocupado em investigar o fenômeno interferência interlinguística, a partir de diferentes tendências teóricas, cujos posicionamentos variam entre considerar, ou não, a transferência como um problema a ser evitado.

Até a década de sessenta, em que predominava a teoria behaviorista nos estudos sobre a linguagem, a aquisição de uma língua era considerada como uma consequência da formação de hábitos construídos através do binômio estímulo-resposta e reforço, quando necessário. No caso da aquisição de LE, acreditava-se que consistia na substituição dos hábitos já formados na LM por novos hábitos na LE. Assim, considerava-se que os hábitos da LM poderiam interferir na aquisição da LE (FERNÁNDEZ, 2005). Sob tal perspectiva, o erro era entendido como um problema que deveria ser sanado através de grande quantidade de exercícios de repetição e substituição.

Essa vertente behaviorista mantinha estreita relação com a Hipótese da Análise Contrastiva (doravante HAC, LADO, 1957 apud GALINDO MERINO, 2007), segundo a qual as dificuldades na aquisição de L2 surgiriam nos pontos em que havia divergências com o sistema da L1. A HAC apontava convergências e divergências linguísticas, a partir da comparação entre as línguas e, assim, previa os possíveis erros que o aprendiz poderia cometer. Em vista disso, Lado (op.cit.) afirmou que a L1 poderia se tornar um obstáculo para a aquisição de novos hábitos linguísticos, porque o aprendiz tenderia a transferir a estrutura gramatical da LM para a LE. De acordo com a HAC, quando havia semelhança entre os dois sistemas linguísticos envolvidos, a transferência seria benéfica ao processo, mas quando havia divergências entre os sistemas, seria prejudicial, pois, ao apoiar-se em sua LM, o aprendiz seria induzido ao erro, o que era considerado como um indício de déficit de aprendizagem. Cabe ressaltar que nesse período surgiu a distinção entre

transferência positiva e transferência negativa ou interferência. Considerava-se transferência positiva, quando a LM ajudava na aprendizagem da LE. Mas se o apoio na LM prejudicasse a aprendizagem, considerava-se, então, uma transferência negativa, por isso também chamada de interferência.

Com o tempo, entretanto, os pesquisadores concluíram que nem todos os erros produzidos pelos aprendizes puderam ser previstos. Além disso, contrariando os preceitos da HAC, foram constatados, nas produções dos aprendizes, erros em estruturas convergentes entre as línguas. Essas constatações enfraqueceram os fundamentos básicos da HAC, exigindo o seu redimensionamento teórico.

Por outro lado, a partir da revolução chomskyana (1965, apud FERNÁNDEZ, 2005), a aquisição passou a ser vista como um processo de internalização de regras e considerava-se que o aprendiz, ao ser exposto a língua-alvo e ao produzir sentenças na LE, formulava e testava hipóteses sobre determinadas regras. Constatou-se, também, que os aprendizes de L2 cometiam erros não correspondentes a interferência da L1, mas sim, erros de evolução, ou seja, produto das hipóteses construídas sobre o funcionamento da L2 (LARSEN-FREEMAN & LONG, 1994). Essas constatações fundamentaram a Hipótese da Análise de Erros (doravante HAE). Para Corder (1967, apud GALINDO MERINO, 2007), baseado na dicotomia competência x desempenho, é preciso observar as distinções entre erros e enganos (*mistakes*). Enquanto os erros são desvios sistemáticos da norma, os enganos (*mistakes*) não o são, pois se referem a comportamentos gerados por falha de memória, cansaço, etc. Para a HAE, o erro é visto como um indício de como está o processo de aquisição de línguas.

Sob tal perspectiva, a aquisição de LE passou, então, a ser considerada não como produto, mas como processo, cujo estágio evolutivo é evidenciado pelos erros dos aprendizes. Dessa forma, a concepção da aquisição de LE como a transferência de conhecimentos, ou a adição de estruturas comparativas entre a LM e a LE foi considerada simplista. Porém, a HAE também foi criticada, dentre outras coisas, pela falta de precisão na descrição das categorias de erros, bem como pela ênfase dada à norma linguística, em detrimento ao uso linguístico (GALINDO MERINO, 2007). Assim, configurou-se o contexto para o surgimento de uma nova hipótese, a da interlíngua (doravante HI).

Esta hipótese surge como uma evolução da HAE e também vê o erro como elemento essencial para o processo de aquisição. Os estudos da interlíngua visam a

explicar os processos mentais envolvidos na aquisição de LE. De acordo com a HI, o aprendiz tem papel ativo na criação do seu sistema linguístico na L2 (interlíngua) (RUIZ, 2001). O termo interlíngua, apresentado por Selinker (1972), refere-se à noção de que o aprendiz de L2 entra num território entre línguas (interlinguístico), no qual relaciona o *input* recebido na LE com a rede de conhecimentos linguísticos que já possui, ou seja, a sua LM. Mas, outras diferentes concepções podem ser encontradas na literatura, a respeito desse contexto, como por exemplo: competência transitória, em Corder (1967); dialeto idiossincrático, em Corder (1971); sistema aproximativo, em Nemser, (1971); construção transitória, em Dulay, Burt & Krashen, (1982); *continuum* em reestruturação, em McLaughlin, (1990) (cf. DURÃO, 2004; LICERAS, 1992).

Segundo os pressupostos dessas vertentes, a transferência é vista a partir de uma perspectiva mais emergentista, em termos de realização linguística, uma vez que a HAC parte da comparação interlinguística para prever erros e a vertente cognitivista parte da produção do aluno para verificar o processo de interrelação linguística.

Por outro lado, no que se refere aos estudos desenvolvidos dentro do paradigma dos universais linguísticos¹⁷, o resultado da comparação é diferente, porque ao contrastar os sistemas das línguas do mundo, visam a apontar aspectos universais, partindo das noções de marcação e ranqueamento. Para Greenberg (1963), os universais permitem descobrir as similaridades e as diferenças entre as línguas do mundo, bem como determinar quais tipos de línguas são possíveis. Nesse caso, as formas marcadas são aquelas encontradas em línguas específicas, ou em algumas línguas somente e as formas não marcadas seriam os universais tipológicos. Sob este ponto de vista, a interlíngua do aprendiz de L2 pode ser considerada um sistema e por isso também está sujeita a restrições e implicações. Inclusive, argumenta-se, ainda, que as dificuldades na aquisição da L2 podem estar relacionadas com diferenças em termos de marcação entre as línguas. Assim, em virtude do exposto aqui, percebe-se que a noção de transferência é ampliada,

¹⁷ Ressalta-se que esses universais linguísticos (tipológicos) não são sinônimos aos propostos por Chomsky (1965). Os universais tipológicos são categorizados a partir das comparações entre as línguas, já os universais linguísticos gerativos se referem aos princípios universais que compõem a gramática universal (GU), enquanto sistema totalmente abstrato. Embora alguns gerativistas tenham se proposto a investigar o fenômeno da transferência entre as línguas, considerando possibilidades acesso (direto ou indireto) ou não acesso à GU, nós optamos por não fazer essa discussão aqui, considerando sua complexidade teórica e o escopo do nosso trabalho (GASS & SELINKER, 2008).

porque não são considerados somente os dois sistemas linguísticos em interação exclusiva, mas as propriedades estruturais universais que apontam o que é e o que não é possível nas línguas do mundo e, conseqüentemente, na interlíngua do aprendiz de L2.

Por outro lado, de acordo com Klein (1998), durante muito tempo, as pesquisas na ASL trataram os enunciados dos aprendizes como desvios da língua-alvo, ou seja, ignorando-os como manifestação genuína de uma capacidade linguística subjacente. Durante a aquisição, o aprendiz apresenta variedades que refletem diferentes tipos de princípios organizacionais, quais sejam: o tipo de interação (as trocas conversacionais com negociação de sentido), e a quantidade e qualidade do *input* (mostras linguísticas disponibilizadas ao aprendiz). Não se trata exclusivamente do acréscimo de novas estruturas linguísticas desconhecidas, mas da reestruturação¹⁸ daquelas já adquiridas. Klein (1998) não concebe a “variedade do aprendiz” como uma imitação imperfeita da língua-alvo, mas como um sistema com características próprias. Assim, a aquisição de L2 não pode ser caracterizada sob a perspectiva dos desvios ou erros – focando a deficiência, mas num duplo envolvimento sistemático, a saber: a sistematicidade inerentemente sincrônica da variedade e o modo sistemático de desenvolvimento da variedade do aprendiz. Larsen-Freeman (1998) também afirma que a língua do aprendiz deve ser considerada como um sistema e não como algo inferior a uma língua “real”. Klein (1998) discute a concepção de interlíngua em voga até então, segundo a qual, trata-se de um sistema linguístico intermediário entre a L1 e a L2 (SELINKER, 1972), caracterizado pela subsistência dos erros. A concepção de interlíngua de Selinker (op.cit.), e os termos relacionados (anteriormente citados), para Klein (op.cit.) representam uma tentativa de mudança de paradigma, no sentido de tratar a interlíngua como um sistema linguístico específico. Em outras palavras, passou a entender-se que a transferência poderia ser motivada por diferentes fatores individuais e contextuais e, sendo assim, seu estudo devia centrar-se no aprendiz,

¹⁸ Conforme o modelo de processamento da informação, proposto por de McLaughlin (1990) a ASL é uma habilidade cognitiva complexa, e nesse contexto, as noções de automatização e reestruturação são essenciais. A automatização advém da concepção de que o processamento da informação pode ocorrer de forma automática e controlada. A aprendizagem estaria condicionada a automatização dos processos, via prática. O processamento de informação seria influenciado pelo grau de atenção, capacidade de memória de curto e longo prazo. Ao longo da transposição de processos controlados para processos automáticos haveria a reestruturação constante do sistema linguístico do aprendiz da L2. A ideia de reestruturação implica, então, em considerar a interlíngua do aprendiz como um sistema instável.

tendo em vista os processos subjacentes de aprendizagem e uso de L2, ou seja, a cognição.

As pesquisas cognitivistas, por sua vez, evidenciaram que os erros não são as únicas consequências da transferência, uma vez que a mesma também pode provocar *avoidance* (esquiva), ou uso excessivo de regras, além de poder influenciar na sequência de desenvolvimento linguístico (ZOBL, 1992 apud MANCHÓN RUIZ, 2001). Esses novos enfoques da interlíngua acabaram redimensionando o papel da transferência linguística, a qual passou a formar parte das estratégias usadas pelo aprendiz para se comunicar. Nessa linha, Faerch & Kasper (1983, apud FERNÁNDEZ LÓPEZ, 2005), seguindo uma abordagem psicolinguística, defendem que as estratégias de comunicação se encaixam dentro de um modelo geral de produção de fala, o qual está constituído de duas fases – planejamento e execução. A partir disso, os autores conceituaram as estratégias de comunicação, de acordo com suas funções e relações dentro desse modelo. Na classificação de Faerch & Kasper (1983, apud SANTOS GARGALLO, 1999), as estratégias de comunicação podem dividir-se em dois grandes grupos: a) primeiro grupo é constituído das chamadas **estratégias de redução**, ou seja, relacionam-se com as práticas de evitar determinadas estruturas tanto no âmbito formal (níveis fonético-fonológico, morfossintático e/ou léxico-semântico) quanto no âmbito funcional (evitar o tema, abandonar a mensagem). O segundo grupo é composto pelas chamadas **estratégias de realização**, ou seja, não se evita determinada estrutura e se mantém o objetivo comunicativo através de práticas compensatórias (gestos, mímicas, troca de código linguístico; transferência de L1 ou L3; tradução literal; substituições; paráfrases; generalizações; pedidos de ajuda; entre outros), ou de recuperação (esperar, apoiar-se na semelhança formal, fazer associações semânticas, usar outra língua). Assim, o que antes poderia ser simplesmente classificado como erro e, dentro de um paradigma mais radical, deveria ser sanado, agora precisa ser analisado com o intuito de compreender o comportamento e a evolução do aprendiz no processo de aquisição da L2.

Fizemos até aqui uma breve explanação sobre a evolução histórica do fenômeno da transferência/interferência entre línguas, até o surgimento da concepção de interlíngua. Evidenciamos que o papel do erro dos aprendizes foi sendo redimensionado ao longo do tempo, sendo considerado, inicialmente, um problema, e, posteriormente, sendo reconhecido como parte do processo de

aquisição de L2. Na próxima seção, discutiremos algumas implicações da proximidade linguística entre português e espanhol e a aquisição dessas línguas como L2 ou L3.

2.3.1 Interferência e proximidade tipológica entre línguas

Vários estudos envolvendo a aquisição de línguas próximas, como português e espanhol, têm chamado a atenção para a ideia equivocada de facilitação do processo de aprendizagem (CAMORLINGA ALCARAZ; 2005; DURÃO, 2004; GONZALEZ, 1994; HENRIQUES, 2000, 2005; VILLALBA, 2002).

Henriques (2000) analisou a compreensão textual, envolvendo leitura e tradução, tanto em espanhol por falantes de português, quanto em português, por falantes de espanhol. A autora (op.cit.) mostrou que há um alto grau de intercompreensão linguística entre esses falantes, no que se refere à tarefa de compreensão textual, uma vez que há mais possibilidade de êxito no uso de estratégias de inferência lexical e na tradução, devido ao alto índice de palavras cognatas.

Por outro lado, para Camorlinga Alcaraz (2005), não há correspondência exata entre o par proximidade-facilidade ao longo do processo, ou seja, a facilidade inicial de compreensão é indiscutível, mas a progressão de conhecimentos e uso acurado da língua acabam passando por grandes dificuldades. Ele afirma que:

“...quando da aprendizagem de uma língua cognata, nem sempre (aliás, raras vezes) culmina no domínio quase perfeito e rápido da língua usada. Pelo contrário, o mais provável é estacionar em uma interlíngua, mais ou menos distante da meta. Facilmente a fossilização toma conta, inviabilizando qualquer progresso”. (CAMORLINGA ALCARAZ, 2005, p.199)

Para esse autor (op.cit.), no caso de línguas próximas, o risco de interrupção do processo de aquisição é grande, e prevê também a ocorrência de fossilização, isto é, a manutenção de estruturas desviadas na interlíngua do aprendiz. Igualmente, Villalba (2002) afirma que a proximidade entre as línguas parece favorecer a fossilização, e explica, a partir de dados coletados com acadêmicos de

duas instituições de ensino superior, que a interferência entre línguas próximas é frequente mesmo em estágios avançados. Segundo essa autora (2004, p.198, baseada em JIANG, 2000), “a consciência de similaridade entre as línguas bloquearia por mais tempo a entrada de novos conhecimentos”, o que poderia provocar a fossilização de estruturas equivocadas. Em vista disso, para Villalba (op.cit.) a ideia de facilidade pela semelhança entre as línguas é um mito, pois a mesma se torna um obstáculo para o desenvolvimento da interlíngua do aprendiz.

Carvalho & Silva (2008) investigaram, através de sessões de protocolo verbal (*thinking aloud protocol*¹⁹), o fenômeno da transferência e a distância tipológica das línguas no desenvolvimento da interlíngua de aprendizes falantes nativos de inglês ou espanhol, aprendendo português como L3. Os resultados mostraram que os falantes nativos cometeram menos erros ao realizar a tarefa e que, em vários momentos, eles explicitavam regras gramaticais aprendidas e também se apoiavam no seu conhecimento de espanhol. Os falantes nativos de espanhol, por sua vez, cometeram mais erros e preferiram usar mais a intuição do que se apoiar em regras. Os autores concluíram que esses resultados podem ser tomados como evidência da importância da atenção (na perspectiva da hipótese do *noticing*, SCHMIDT, 1990, 1995, 2001) e do conhecimento metalinguístico no processo de aprendizagem de línguas próximas.

Ainda com relação a aspectos cognitivos e similaridade linguística, relembramos as ideias de Costa, Santesteban & Ivanova (2006) de que o grau de similaridade linguística pode afetar a quantia de competição entre as línguas e a resolução de conflito, pois provoca uma sobrecarga no sistema atencional. Em outras palavras, a similaridade potencializaria a ocorrência de interferência na produção de fala bilíngue, pois prejudicaria a resolução do conflito entre a resposta a ser selecionada (na língua-alvo) e a resposta a ser ignorada (na outra língua).

Finalizamos essa subseção, ressaltando que, no contexto envolvendo português e espanhol, vários pesquisadores chamam a atenção para a dificuldade de se chegar a um conhecimento e uso acurado da L2 e para o mito da facilidade de aquisição, em função da similaridade linguística (CAMORLINGA ALCARAZ, 2005; DURÃO, 2004, 2005; GONZÁLEZ, 1994; VILLALBA, 2002, 2004; entre outros²⁰).

¹⁹ Os autores explicam que nesse método, os participantes devem verbalizar seus pensamentos ao realizar uma tarefa.

²⁰ Aqui mencionamos alguns dos estudos sobre o tema, mas ressaltamos que nos últimos anos houve um significativo aumento das pesquisas sobre o processo de aquisição de espanhol por

Mas queremos destacar também a necessidade de mais pesquisas, a fim de compreender melhor o impacto cognitivo da similaridade linguística no processo de produção de fala bilíngue. A continuação, descreveremos os efeitos de interferência, foco deste estudo, relacionados com a produção de fala em L2.

2.3.2 Efeitos de interferência no acesso lexical e produção de fala

Neste estudo, olhamos para o fenômeno da interferência entre línguas desde uma perspectiva cognitiva mais complexa, uma vez que enfocamos também o acesso lexical anterior à produção de fala. Os casos de interferência, sob tal perspectiva, podem ser vistos como indícios de como se organiza o armazenamento do léxico mental e como o sistema cognitivo funciona na produção de fala. O foco é saber qual é o papel da língua em não uso²¹ na produção da língua-alvo e como se dá o acesso lexical bilíngue (por competição, de forma seletiva ou não). Além disso, é preciso saber, ainda, qual é a relação entre o nível de proficiência e o aprimoramento do sistema de produção de fala (KROLL & TOKOWICZ, 2005). Todos esses aspectos têm sido considerados em diferentes estudos, com o intuito de melhor compreender o fenômeno da produção de fala bilíngue.

Nossa pesquisa se inscreve dentro do paradigma de interferência desenho-palavra que permite avaliar tanto a competição lexical quanto a especificidade da seleção linguística. Essa avaliação é feita através da manipulação da natureza das relações entre desenho e palavra distratora, a qual vai se refletir na latência de nomeação de desenhos. Os principais efeitos observados nesse paradigma são: de interferência semântica, de identidade interlinguística e de facilitação fonológica/ortográfica²² (HERMANS, BONGAERTS, DE BOT & SCHREUDER, 1998;

brasileiros e que os resultados de tais estudos têm sido levados em consideração, inclusive, em documentos oficiais norteadores do ensino de espanhol no Brasil (OCEM, 2006; PCN, 1998, 1999, 2000; por exemplo).

²¹ Denomina-se de língua em não uso (ou língua de não-resposta/não-alvo) a outra língua que o bilíngue adquiriu (que ele sabe), mas que não está sendo usada em determinado momento.

²² Na literatura, ora aparece o termo interferência, ora facilitação, mas os mesmos podem ser entendidos como similares, no sentido de que sua nomenclatura somente reflete a perspectiva da qual se observa o efeito. Ou seja, um efeito facilitador é aquele que afeta positivamente determinado processo (tornando mais rápida a nomeação, no caso). Por outro lado, um efeito de interferência afeta negativamente o processo (retardando a nomeação). Nesse sentido, a facilitação não deixa de ser um efeito interferência.

COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999; COSTA, 2005; 2006).

Há pesquisadores que consideram que o efeito de interferência semântica reflete a competição lexical entre as línguas durante a lexicalização. Nesse sentido, acredita-se que quando o desenho e a palavra distratora pertencem à mesma categoria semântica (cachorro e gato, por exemplo) a palavra cria mais interferência, pois recebe ativação extra (na condição relacionada), e por isso retardará a latência de nomeação (HERMANS et.al. op.cit.). Mas Costa & Caramazza (1999) questionam a capacidade que esse efeito tem de refletir competição entre as línguas, e de julgar a especificidade do mecanismo de seleção lexical. Para esses autores (op.cit.), a competição entre as palavras pode ser entre nós lexicais pertencentes à mesma língua (por exemplo, a palavra *perro* [cachorro] e *oso* [urso] em espanhol) ou à línguas diferentes (por exemplo, a palavra *perro* [cachorro], em espanhol e a palavra *urso*, em português).

O efeito de identidade interlinguística também é usado para avaliar a competição entre as línguas. Esse efeito corresponde ao contexto em que a palavra distratora corresponde à tradução do nome do desenho. Nesse caso, como já mencionamos na introdução deste estudo, duas hipóteses foram levantadas; uma supõe que haverá rápida latência de nomeação na condição de identidade, uma vez que somente o léxico da língua de resposta deverá ser examinado (HSE); a outra prevê que a latência de nomeação será mais lenta na condição relacionada, pois o mecanismo de seleção é sensível à ativação dos dois léxicos ativados e, portanto, ambos serão examinados (HSNE).

O efeito de facilitação fonológica/ortográfica é um tipo de efeito de identidade mediado fonologicamente ou ortograficamente, que também foi usado para avaliar a competição lexical entre as línguas. Nesse contexto, em que a palavra distratora possui similaridade fonológica ou ortográfica com o nome do desenho, espera-se rápida latência de nomeação. Em vista disso, é esperado também que as palavras cognatas sejam nomeadas mais rapidamente do que as não-cognatas.

Fizemos aqui, uma breve revisão teórica sobre os principais efeitos de interferência na produção de fala bilíngue e as hipóteses levantadas com relação à seleção lexical. Posteriormente, voltaremos a discutir esses tópicos, pois acreditamos que para aprofundarmos determinados aspectos, faz-se necessária

uma prévia discussão sobre os modelos que tentam explicar o processo de acesso lexical e de produção de fala bilíngue, a qual será feita a seguir.

2.4 Acesso lexical e produção de fala bilíngue

Falar implica traduzir conceitos e ideias em padrões de sons que são produzidos pelos órgãos articuladores. Esse mecanismo de tradução engloba a restauração das palavras apropriadas para expressar a mensagem, a combinação dessas palavras, conforme as regras da língua-alvo, e a restauração das propriedades fonológicas para a articulação (COSTA, COLOMÉ & CARAMAZZA, 2000). Como se percebe, trata-se de um processo extremamente complexo, mas aparenta ser simples e fácil, tendo em vista a rapidez com que os falantes o realizam e a eficiência comunicativa alcançada na grande maioria das vezes.

Porém, ao se pensar na produção de fala bilíngue, esse processo ganha novas dimensões (como já dissemos na introdução desse estudo), por um lado, em virtude da capacidade que os bilíngues possuem de comunicar-se em somente uma de suas línguas, por outro lado, devido às frequentes interferências interlinguísticas, nas suas práticas comunicativas (COSTA, 2006; 2005; COSTA et.al. 2008; POULISSE & BONGAERTS, 1994). Em vista disso, nas duas últimas décadas, principalmente, tem havido um grande número de pesquisas desenvolvidas com o propósito de explicar o processo de produção de fala. Muitas descobertas já foram feitas, mas ainda permanecem muitas questões em aberto, conforme veremos ao longo desta sessão.

Para alguns teóricos, a produção de fala exige no mínimo três diferentes níveis de representação (COSTA, 2005; LEVELT ROELOFS & MEYER, 1999). No primeiro nível, conhecido como conceptual (ou semântico), encontra-se o conhecimento de palavras, na forma de representação não-verbal. O segundo nível, chamado de lexical, representa os itens lexicais (ou palavras) e suas propriedades gramaticais. No terceiro nível, o fonológico, é representada a codificação fonológica das palavras. Dessa forma, cada nível possui tipos de representação diferentes, isto é, conceitos no nível semântico, palavras no nível lexical e fonemas no nível fonológico.

Também é amplamente consensual a ideia de que o processo de produção de fala tem início no primeiro nível de representação (conceptual), com a ativação da representação semântica do conceito-alvo, o qual espalha ativação proporcional às representações de conceitos semanticamente relacionados. Por exemplo, ao nomear o desenho de um cachorro, são ativados o conceito-alvo (cachorro) e outros conceitos relacionados, como gato, latir, etc. Em seguida, a ativação flui do nível conceptual e se espalha pelo sistema lexical, ativando proporcionalmente os nós lexicais ou palavras correspondentes. Nessas circunstâncias, o sistema encontra várias palavras candidatas à produção (segundo nosso exemplo seriam cachorro, gato, latir, etc.) e precisa decidir qual nó lexical dentre os ativados deve ser escolhido para o processamento. Esse mecanismo de decisão se denomina seleção lexical. Com a seleção de determinado nó lexical, suas propriedades gramaticais ficam disponíveis para serem usadas na formação sintática. Após a seleção lexical, o próximo passo da produção de fala é a recuperação dos segmentos fonológicos correspondentes ao nó lexical selecionado (COSTA, 2005, 2006).

No caso da ativação fluente, exposta anteriormente, e o processo de produção de fala bilíngue, haveria o acréscimo de palavras competidoras provenientes do léxico da L2 (*gato* e *perro*), conforme ilustra a Figura 3, abaixo.

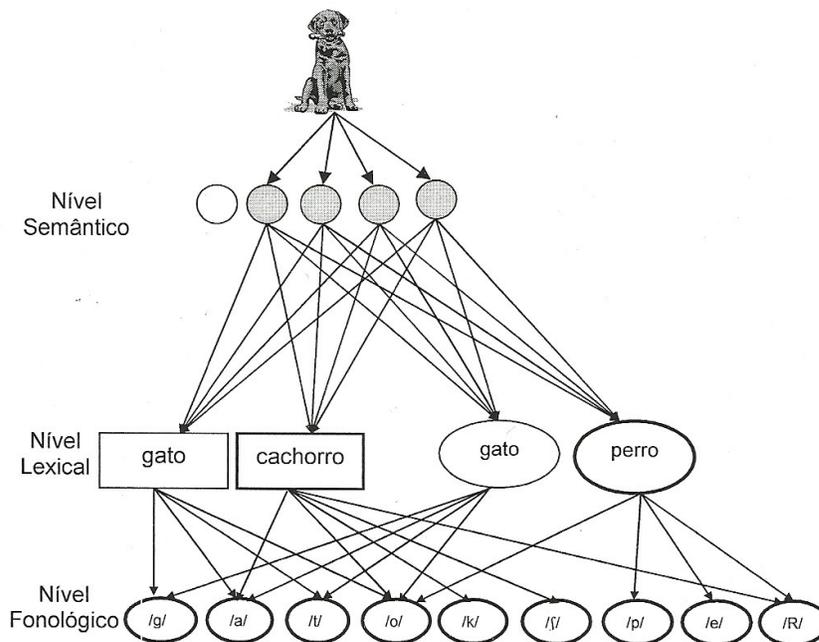


Figura 3: Esquema do processo de acesso lexical bilíngue

Fonte: Costa, La Heij, & Navarrete (2006, p.139)²³

²³ Adaptado.

Como se percebe na figura anterior, a produção de fala bilíngue é ainda mais complexa e por isso apresenta alguns pontos obscuros. O primeiro deles se refere à estrutura e organização do nível conceptual. É preciso saber se é único para todas as línguas ou se cada língua gera um sistema conceptual diferente, em outras palavras, é preciso saber se o sistema representacional é compartilhado ou isolado. Uma segunda dúvida é sobre o nível lexical, no que se refere ao funcionamento do mecanismo seleção. É preciso saber se é específico na língua de resposta ou se é sensível ao nível de ativação das duas línguas e, por isso, precise de procedimentos de controle inibitório da língua não-alvo. Uma terceira dúvida envolve o nível fonológico, no sentido de saber como se desenvolve a ativação: se é restrita ao nó lexical-alvo ou espalhada; e se é afetada pela ativação das outras palavras não-alvo (COSTA, 2005).

Costa (2005) argumenta que, em termos de produção de fala bilíngue, ainda é necessário compreender melhor as consequências de haver uma representação conceitual ligada a itens lexicais que pertencem a línguas diferentes; saber quais as implicações da existência de representações lexicais em línguas diferentes no bilíngue; e como o falante se desloca através dos níveis de representação. Segundo esse autor (op.cit.), não há consenso sobre o funcionamento do mecanismo de seleção lexical, mas todas as diferentes visões concordam que o mesmo é, no mínimo, sensível ao nível de ativação do nó lexical pretendido e ao de outros nós lexicais semanticamente relacionados, que podem atuar como competidores.

De Bot (1992) foi um dos especialistas que tratou de esboçar um modelo de produção de fala bilíngue. Para ele, é importante desenvolver um modelo bilíngue, pois essa é a regra, isto é, há mais bilíngues que monolíngues no mundo. Além disso, segundo o autor (op.cit.) muitos aspectos da fala de bilíngues e monolíngues são os mesmos, mas os monolíngues tem o potencial de se tornarem bilíngues. De Bot (op.cit.) apresentou uma tentativa de adaptação do modelo de Levelt (1989), que tentou explicar o processo de produção de fala em língua materna.

De acordo com Levelt (1989), a fala é uma habilidade muito complexa, que exige um processamento cognitivo anterior para que ocorra compreensão, produção e aquisição. Sob tal perspectiva, o falante é ao mesmo tempo um processador de informação e um interlocutor, que deve adequar-se às rotinas conversacionais, ao contexto espaço-temporal compartilhado, e reconhecer a intencionalidade

subjacente ao ato conversacional. De acordo com o modelo de Levelt (op.cit.), a construção da mensagem verbal envolve processos linguísticos e conceituais através dos seguintes componentes: *conceptualizador*, *formulador* e *articulador*. A Figura 4, abaixo, ilustra o modelo que será descrito, a seguir.

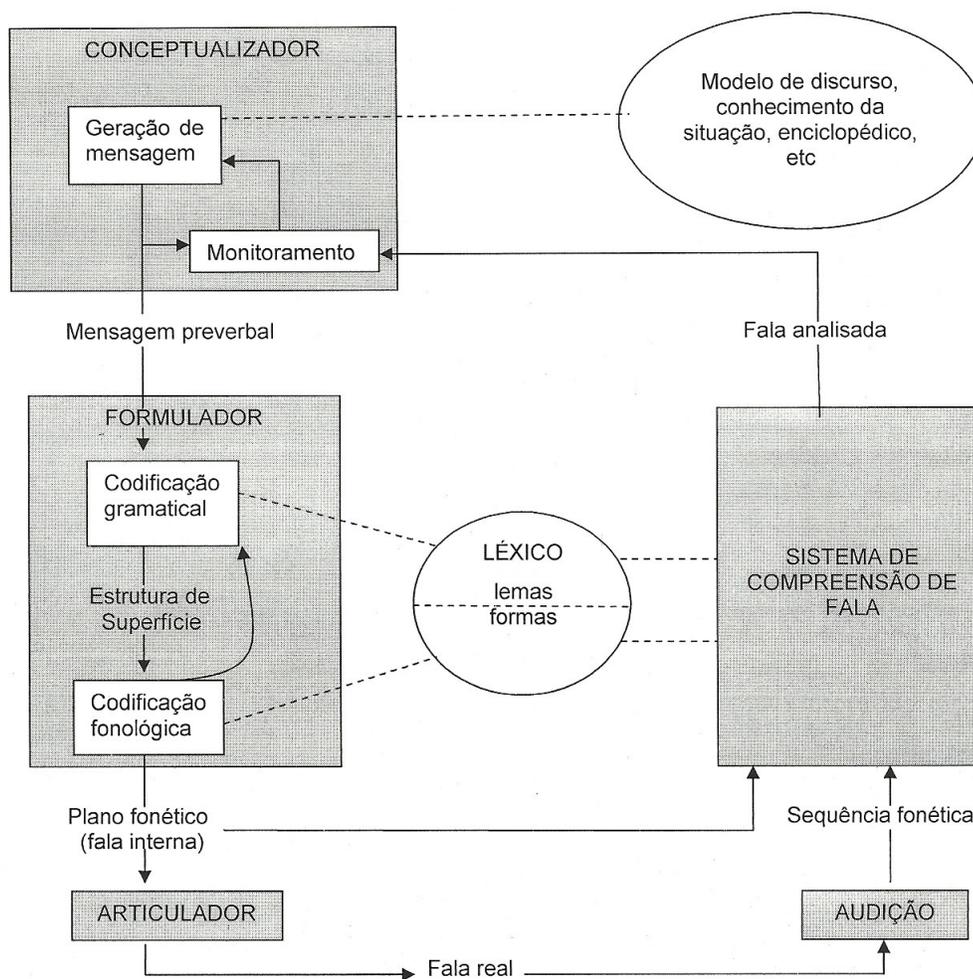


Figura 4: Modelo de produção de fala de Levelt (1989)

Fonte: De Bot (1992, p.03)²⁴

Conforme o modelo exposto, a produção de fala tem início no conceptualizador, o qual seleciona e ordena a informação conceitual relevante, adaptando as intenções comunicativas do falante, de forma a concretizá-las (*macroplanning*). A partir disso, é gerada a mensagem preverbal, a qual contém toda a informação necessária para transformar significado em linguagem e servirá de *input* para a próxima etapa do processo. No formulador a mensagem é estruturada

²⁴ Tradução e adaptação nossa.

formalmente, ou seja, é decidido o tipo de fala mais apropriado para conduzi-la aos interlocutores (*microplanning*). Nesse estágio, faz-se a codificação gramatical e fonológica e a mensagem é convertida em plano de fala (fonético) pela seleção de palavras e unidades lexicais corretas e aplicação de regras gramaticais e fonológicas. Posteriormente, o articulador converte o plano de fala em fala real, através restauração e controle da articulação dos sons. O *output* do formulador (plano de fala) é processado e temporariamente armazenado de maneira que possa ser realimentado pelo sistema de compreensão de fala e a fala possa ser produzida numa velocidade normal²⁵. O sistema de compreensão de fala guia o plano fonético e a fala real, para monitorar o processo e detectar possíveis enganos.

De Bot (1992) argumenta que no modelo de Levelt (op.cit.) é feita a distinção entre o conhecimento declarativo (enciclopédico-lexical e conceitual), o conhecimento da situação discursiva, e o conhecimento procedural, que faz parte dos diferentes componentes e é necessário para processar o conhecimento declarativo. O autor afirma que se baseou nesse modelo, devido a sua sólida base empírica e também por ser incremental e em paralelo²⁶, só fazendo as mudanças consideradas extremamente necessárias para o contexto bilíngue. A primeira modificação proposta por De Bot (op.cit.) está relacionada com a descrição do conceptualizador como completamente específico na língua. Para ele, é provável que o *macroplanning* seja não-específico, mas o *microplanning* é específico, sim, uma vez que a mensagem preverbal contém tanto as intenções do falante como a informação sobre a língua a ser usada na produção. Em outras palavras, a decisão da língua a ser falada acontece no conceptualizador, pois é influenciada pelo conhecimento contextual do falante (situação e interlocutores), o qual está disponibilizado nesse componente.²⁷

A partir dessa escolha, a língua específica é ativada no formulador, encarregado de converter a mensagem preverbal em plano de fala. Para isso acessa ao léxico mental, que é único, isto é, contém todos os itens lexicais das

²⁵ Finardi & Weisheimer (2008) ressaltam que no modelo de Levelt (1989) a memória de trabalho armazena as representações intermediárias produzidas em cada um dos componentes, ou seja, a mensagem preverbal, a estrutura de superfície e o plano fonético.

²⁶ É incremental no sentido de que se desenvolve progressivamente entre os componentes e é em paralelo, porque ao longo da produção de fala, os processos são simultâneos; enquanto algumas intenções do falante estão sendo traduzidas no conceptualizador, outras já estão prontas para a articulação.

²⁷ La Heij (2005) também defende que a escolha da língua faz parte da mensagem preverbal.

diferentes línguas que são armazenados juntos. O formulador é específico, uma vez que as línguas podem aplicar diferentes procedimentos de codificação fonológica e gramatical. Em seguida, o plano de fala é enviado ao articulador que, por sua vez, não é específico na língua, ou seja, armazena todos os sons possíveis e padrões prosódicos das línguas. O autor (op.cit.) argumenta que alguns podem ser específicos de uma língua, mas, no caso de aprendizes iniciantes de L2, muitos serão usados indistintamente para a L1 e L2. Assim, justificou-se a ocorrência de interferência da L1 na produção oral na L2. Nesse modelo de De Bot (op.cit.), apoiado nas ideias de Green (1986), a ocorrência fluente e frequente de *codeswitching* é explicada pela formulação paralela de mais de um plano de fala simultaneamente. Um para a língua-alvo e outro para a outra língua ativada, o que facilitaria a interação entre as línguas.

Para Poulisse & Bongaerts (1994), a proposta de De Bot (1992) é contraditória e não-econômica, pois prevê a escolha da língua na mensagem preverbal, ao mesmo tempo em que propõe a formulação de planos de fala, em paralelo. Além disso, não parece haver limite para a quantidade de planos alternativos formulados, e o modelo de De Bot (op.cit.) não esclarece como o falante mantém as duas línguas separadas.

Poulisse & Bongaerts (1994), também se basearam em Levelt (1989) para desenvolver seu modelo de produção de fala bilíngue, no qual defendem que o falante gerencia os sistemas linguísticos, ao escolher a língua específica, ainda, na mensagem preverbal. Os itens lexicais da L1 e da L2 são armazenados numa rede simples e rotulados com uma identificação específica da língua a que pertencem. Em vista disso, é possível haver o compartilhamento de alguma característica conceitual entre eles e, dessa forma, podem ser ativados itens lexicais da L1 durante a fala em L2. Conforme o exposto, para Poulisse & Bongaerts (op.cit.), não é necessário o planejamento simultâneo nas duas línguas para a produção de fala, pois o processo de seleção lexical se espalha nos diferentes níveis de representação.

Quanto à codificação morfológica e fonológica, os autores (op.cit.) afirmam que a primeira tem como base a L1, ou seja, ao falar a L1, todas as flexões vêm da L1, mas ao falar a L2, as flexões podem vir da L2, ou não-intencionalmente da L1. No caso da codificação fonológica, os autores concordam com o modelo de De Bot (1992), afirmando que parece haver um amplo armazenamento de padrões de som

para as duas línguas. A Figura 5, a seguir, ilustra o modelo de Poulisse & Bongaerts (op.cit.). Nela podemos ver a pista linguística no nível conceitual, ajudando na seleção do lema (o destaque no círculo indica o nó lexical mais ativado e que deverá ser selecionado).

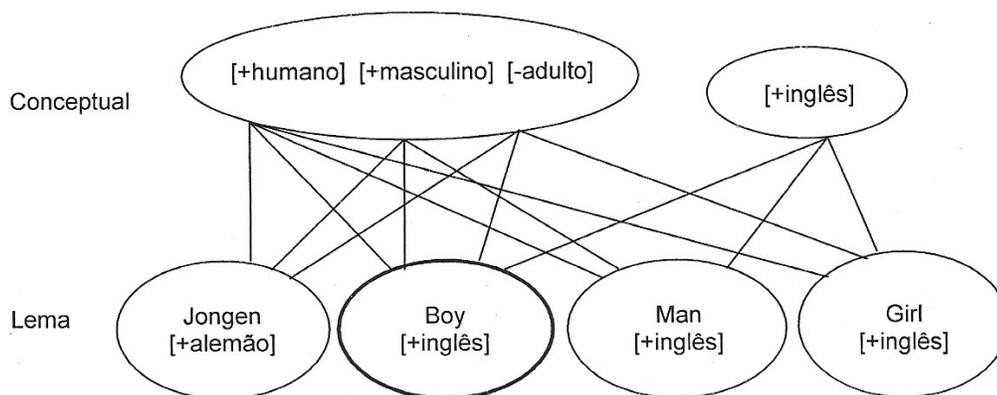


Figura 5: Modelo de produção de fala de Poulisse & Bongaerts (1994)

Fonte: Poulisse Bongaerts (1994, p. 41)

Outro modelo amplamente difundido é o modelo de controle inibitório (*inhibitory control*, doravante CI), proposto por Green (1986, 1998). De acordo com o CI, as línguas se organizam em diferentes subsistemas, podendo ser ativadas em diferentes medidas. Green (op.cit.) propôs um conceitualizador que é independente da língua, e seguindo Levelt (1989; e, em particular LEVELT, ROELOFS & MEYER, 1999) supõe que cada conceito lexical está associado a um lema especificador de suas propriedades sintáticas. Cada lema tem uma etiqueta (*tag*), associada para a L1 e para a L2, e esse rótulo afeta a ativação do lema, pois também é parte da representação conceitual. A intenção de produzir uma palavra numa determinada língua deve ser parte da representação conceitual, e essa deve selecionar os lemas relevantes.

Green (op.cit.), Roelofs (1998) e Levelt et al. (1999) defendem a ideia de que um procedimento de checagem estabelece se há correspondência adequada entre o nó do lema ativado e o nó do conceito lexical ativo. Mas Green (op.cit.) ressalta que esse procedimento necessita mais refinamento para garantir que o nó selecionado seja realmente o *output* pretendido. Em vista disso, o modelo CI propõe o mecanismo de supressão de lemas com rótulo incorreto (por exemplo, em virtude de interferências da língua não-alvo), para garantir a produção pretendida. Assim, para o autor (op.cit.), a produção de fala envolve a regulação da quantia de ativação de

lemas, e o processo de controle inibitório, através da supressão de etiquetas (*tags*), ocorre após os lemas relacionados ativarem os respectivos conceitos.

De acordo com esse modelo, a representação conceitual é construída no conceptualizador, baseada em informações oriundas da memória de longo prazo e impulsionada por um objetivo. A intenção comunicativa e o planejamento são mediados pelo SAS (que é o sistema atencional supervisor, proposto por SHALLICE & BURGESS, 1996, apud GREEN, 1998), juntamente com os componentes do sistema linguístico (o sistema léxico-semântico e um conjunto de esquemas de tarefas de linguagem). O SAS é o responsável por transmitir a especificação da língua exigida pelos esquemas de tarefas, para que ocorra a seleção intencional da palavra a ser produzida. Por sua vez, os esquemas de tarefas de linguagem (por exemplo, esquemas de tradução ou de produção de palavra) competem para controlar o *output* do sistema léxico-semântico.

Para Green (op.cit.), depois que ocorre a especificação, um esquema pode ser restaurado da memória e, se necessário, adaptado às exigências da tarefa. Ele afirma também que o *output* do sistema léxico-semântico é regulado pelo esquema de tarefa de linguagem, tanto por meio de alteração nos níveis de ativação das representações dentro do sistema, quanto por meio de inibição de *output* do sistema. Em outras palavras, conforme o modelo CI, os bilíngues controlam seus sistemas linguísticos através de mecanismos de controle que inibem reativamente potenciais competidores na produção de fala. A Figura 6, ilustra o modelo CI.

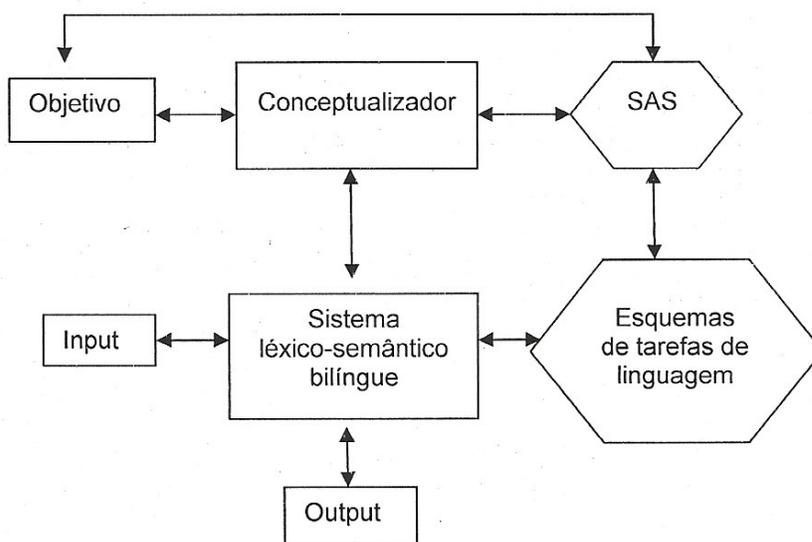


Figura 6: Modelo de Controle Inibitório

Fonte: Green (1998, p.69)

Segundo Costa (2005), no modelo de Green (1998), a seleção lexical poderia ser executada sem processo inibitório, pois o conceito lexical é linguístico específico, ou seja, um bilíngue espanhol-inglês, por exemplo, tem dois conceitos lexicais para dado objeto. A lexicalização começa com a ativação do conceito lexical, que ativa o nó lexical correspondente. A seleção de dado nó lexical é determinada, por procedimentos de checagem que verificam se um nó lexical corresponde ao conceito lexical pretendido. Isso não significa dizer que os processos inibitórios não desempenham papel na produção da fala em falantes bilíngues. É possível que com o aumento da proficiência da L2, haja uma troca da dependência no processo inibitório em direção ao mecanismo de seleção específica da língua (COSTA, 2005).

Por outro lado, Roelofs (1998), afirma não estar convencido da necessidade de inibição de lemas numa língua para a seleção de outra. O autor (op.cit.) defende um mecanismo de seleção que não prevê inibição. Trata-se de uma extensão do mecanismo de acesso lexical monolíngue (o WEAVER++, proposto por LEVELT, ROELOFS & MEYER, 1999). O modelo combina uma rede de ativação espalhada com um mecanismo paralelo de regras de produção (condição-ação). A rede refere-se ao conhecimento sobre palavras do falante e as regras referem-se ao sistema computacional de seleção. Para o contexto bilíngue algumas considerações se fizeram necessárias: os lemas da rede e a representação da tarefa devem ter especificada a língua e as regras de produção também devem indicar a língua-alvo. O autor exemplifica, explicando que se o conceito a ser falado é CASA e a língua-alvo é o francês, então, o nó lexical a ser selecionado é "*maison*". Assim, justifica-se a capacidade que os bilíngues tem de manter as línguas separadas numa conversa, embora ambas permaneçam ativas.

Conforme o exposto até aqui, os modelos preveem que a seleção da língua acontece no nível conceptual, mas divergem quanto a formulação dos planos de fala. Para Poullisse de Bongaerts (1994) só há um plano, pois a seleção lexical é espalhada, mas para De Bot (1992) e Green (1998) mais de um plano é formulado devido a ativação espalhada dos lemas. Mas o fato é que muitos estudos tem constatado erros de fala, *codeswitching*, misturas e interferências entre as línguas, etc, o que sugere que a língua de não-resposta é ativada no curso da lexicalização e produção de fala. Assim, a pista da língua na mensagem preverbal, ou os mecanismos de controle e checagem, talvez não sejam suficientes para garantir o

output desejado. Costa (2005) explica que para muitos pesquisadores a seleção lexical é amplamente guiada pelo nível de ativação não só dos nós lexicais-alvos, mas também de outros itens, que atuam como competidores. Ainda, com relação ao caso bilíngue, é preciso saber em que medida os nós lexicais ativados na língua não-alvo atuam como competidores, e afetam o processo de lexicalização. Na próxima subseção aprofundaremos mais discussões sobre isso.

2.4.1 A língua não-alvo e o processo de seleção lexical

Várias pesquisas evidenciam que a língua de não-resposta, ou não-alvo, está ativa no curso da lexicalização. Entretanto, o papel que a mesma desempenha nesse processo é ainda motivo de divergência entre os teóricos, sendo que alguns defendem que a seleção é um processo competitivo, inclusive entre itens lexicais de línguas diferentes, e para outros a seleção pode ser específica numa das línguas (a alvo).

Conforme já mencionamos na introdução desta tese, segundo Costa (2005, 2006), a esse respeito cogita-se duas hipóteses de seleção: a Hipótese da Seleção Específica na Língua (doravante, HSE) (*Language-Specific Selection Hypotesis*) e a Hipótese da Seleção Não-específica na Língua (doravante, HSNE) (*Language-Nonspecific Selection Hypotesis*). A HSE supõe que o mecanismo de seleção lexical não é sensível ao nível de ativação dos nós lexicais da língua de não-resposta. Isso significa que somente são candidatos à seleção os nós lexicais da língua de resposta. A Figura 7 ilustra como ocorreria o processo de seleção lexical, de acordo com a HSE. Nessa figura, o exemplo é dado a partir da condição de identidade entre as línguas, quando na condição relacionada aparece a tradução do nome do desenho e, assim, são ativados os nomes do desenho, nas duas línguas (nesse caso, o catalão e o espanhol), mas o mecanismo vai atuar especificamente na língua de resposta que nesse caso é o catalão.

A partir de uma perspectiva completamente oposta, a HSNE, por sua vez, postula que o mecanismo é sensível ao nível de ativação de todos os nós lexicais, independente da língua a que pertençam. Portanto, todos os nós competem para a seleção. Sob tal perspectiva, a facilidade da seleção do nó lexical-alvo vai depender

do nível de ativação de todas palavras. No entanto, supõe-se que o nó lexical-alvo deverá receber o maior nível de ativação. A Figura 8, também baseada na condição de identidade, mostra o amplo funcionamento do mecanismo, que deve inspecionar os nós ativados em ambas as línguas.

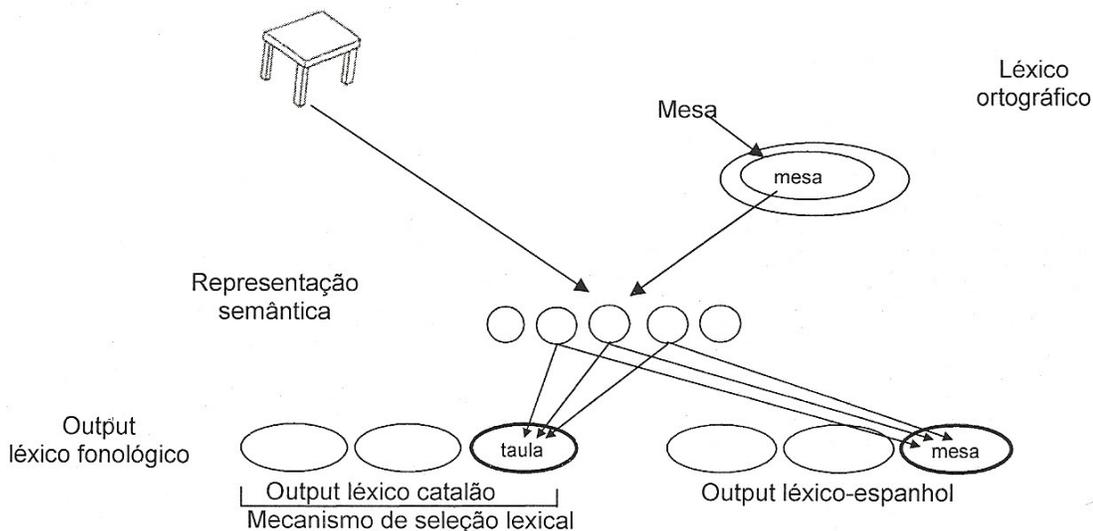


Figura 7: Esquema de representação do efeito identidade interlinguística, conforme a HSE
 Fonte: Costa & Caramazza (1999, p. 233)²⁸

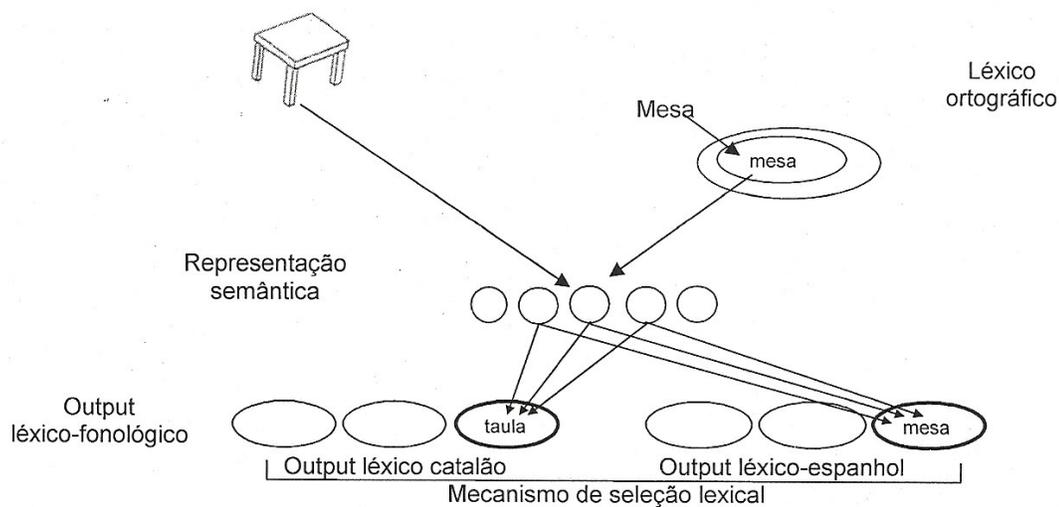


Figura 8: Esquema de representação do efeito identidade interlinguística, conforme a HSNE
 Fonte: Costa & Caramazza (1999, p. 233)

²⁸ Adaptação nossa.

Consoantes com a HSE, Levelt, Roelofs e Mayer (1999) propuseram um mecanismo de checagem que indica se o nó do lema ativado corresponde ao nó do conceito lexical ativo, isto é, assegura que a palavra selecionada é compatível com o significado pretendido pelo falante. Roelofs (1998) aponta que o mesmo mecanismo pode ser considerado no caso bilíngue, pois é sensível tanto à língua que o falante pretende usar quanto à língua do nó lexical selecionado. Se não há compatibilidade entre a língua da palavra selecionada e a língua pretendida, o mecanismo de controle detecta a falta de correspondência e o nó lexical selecionado é ignorado antes de ser processado. Dessa forma, garante-se que somente o nó lexical da língua-alvo será eventualmente produzido.

Por outro lado, na defesa da HSNE duas propostas são apresentadas: a primeira supõe diferença no nível de ativação da representação lexical da língua de resposta, ou seja, o sistema semântico o ativa com mais intensidade do que na língua de não-resposta. (POULISSE, 1999). Essa diferença no grau de ativação entre os dois sistemas lexicais garante que o nó lexical com alto nível de ativação seja o que corresponde à língua de resposta; a segunda proposta recorre à existência de um mecanismo inibitório, atuando sobre a representação lexical que pertence à língua de não resposta. Tal mecanismo é encarregado de suprimir ou inibir a ativação de palavras que não pertencem à língua-alvo (GREEN, 1998; HERMANS et al., 1998, etc). Ou seja, mesmo que o sistema conceitual ative os nós lexicais da língua de não-resposta, o mecanismo de seleção lexical escolherá a palavra-alvo na língua de resposta, pois o mecanismo inibitório fará a supressão da ativação dos nós que não correspondem ao alvo.

Em vista do exposto, cabe ressaltar que para cada uma dessas hipóteses, a língua de não-resposta possui diferentes papéis. Enquanto para a HSE a existência de outra língua é irrelevante durante a seleção lexical, para a HSNE o nó lexical na língua de não-resposta pode interferir durante o acesso lexical. Porém, as duas hipóteses precisam esclarecer melhor alguns pontos cruciais, por exemplo: a HSE tem que explicar como o mecanismo garante que só palavras na língua-alvo são consideradas para a seleção; e a HSNE tem que explicar como o mecanismo funcionaria de modo a selecionar, dentre todas as competidoras, a palavra adequada na língua-alvo.

Hermans, Bongaerts, De Bot & Schreuder (1998) desenvolveram dois experimentos de interferência desenho-palavra para investigar se palavras na L1 (mais dominante) são ativadas durante o acesso lexical em uma língua estrangeira (menos dominante). Em outras palavras, eles buscaram verificar se há interferência da L1 durante o processo de acesso lexical na L2. Falantes nativos de holandês foram instruídos a nomear imagens em sua língua estrangeira, inglês, enquanto ignoravam estímulos de interferência apresentados visual ou auditivamente. No experimento 1, cada desenho aparecia em quatro condições de relação entre desenho e palavra distratora (a qual aparecia em inglês). Por exemplo, o desenho de uma montanha (*mountain*, em inglês e *berg*, em holandês) era combinado com palavras nas seguintes situações: 1) fono-holandês (contexto em que a distratora é fonologicamente similar à palavra na L1), por exemplo, *bench*; 2) fonológica (contexto em que a palavra distratora é fonologicamente similar a palavra na L2), por exemplo, *mouth* (boca); 3) semântica (contexto em que a distratora é semanticamente relacionada ao nome-alvo), por exemplo, *valley* (vale); 4) não-relacionada, por exemplo, *present* (presente).

O experimento 2 seguia as mesmas condições que o primeiro, mas as distratoras estavam na L1 (holandês). Para os autores (op.cit.), os estímulos semanticamente relacionados devem afetar apenas a seleção do lema e, por isso, a hipótese era de que a latência de nomeação seria mais lenta na condição relacionada do que na condição não-relacionada. Mas os estímulos fonologicamente relacionados, por outro lado, aceleram o início da resposta na condição não-relacionada. Os autores afirmam que, até bem pouco tempo, estímulos fonologicamente relacionados eram considerados como facilitadores apenas do processo de restauração do lexema²⁹, mas, de acordo com Jescheniak & Schriefers (s.a), tais estímulos podem facilitar, também, o processo de seleção do lema. Hermans et. al (op.cit.), por sua vez, ressaltam que embora, a maioria das teorias de

²⁹ A existência de dois níveis de representação lexical (lema e lexema) é um tema controverso entre os especialistas. Costa & Caramazza (1999), por exemplo, não postulam essa divisão. Para esses autores, o armazenamento conceptual é comum e compartilhado entre as línguas, e cada nó lexical possui um conjunto de propriedades gramaticais e outro conjunto de propriedades fonológicas. Assim, a representação lexical não se divide em dois níveis. Mas, para Roelofs, Meyer & Levelt (1998), por outro lado, a representação lexical possui dois níveis, o que demanda duas etapas de codificação. Na primeira, são recuperadas da memória as propriedades sintáticas e semânticas (nível lema). Na segunda, são restauradas as propriedades morfológicas e fonológicas (nível lexema). Porém, Costa & Caramazza (op.cit.), contra-argumentam, defendendo que ainda não há evidência suficiente para reestruturar o seu modelo, adotando somente um nível de representação lexical entre a representação conceptual e a representação fonológica.

produção de fala esteja de acordo com a existência da seleção do lema e do processo de recuperação do lexema, há ainda muita discussão sobre as suas interrelações. Nos experimentos, observou-se a presença de efeito de facilitação fonológica, mas não ficou evidenciado em que nível de representação se origina. Também constatou-se que o nome do desenho em holandês é ativado durante os primeiros estágios do processo lexical em inglês como língua estrangeira. Esses resultados foram entendidos como mostras de que os falantes bilíngues não podem suprimir a ativação de sua primeira língua, enquanto nomeiam imagens numa língua estrangeira. Em vista disso, considerou-se que a ativação fluente não é específica da língua, e que a seleção lexical também considera os níveis de ativação das palavras da língua não-alvo. Tais constatações foram interpretadas como evidências que fortaleciam os princípios da HSNE.

Costa, Miozzo & Caramazza (1999), por sua vez, com o objetivo de verificar se a seleção lexical em bilíngues é ou não específica na língua, realizaram uma série de experimentos no paradigma de interferência desenho-palavra. Os bilíngues catalão-espanhol tinham que nomear desenhos em catalão, enquanto ignoravam as palavras distratoras impressas em catalão (par de mesma língua) ou em espanhol (par de línguas diferentes). Foram investigados os efeitos de facilitação de identidade (quando a palavra distratora corresponde ao nome do desenho ou à sua tradução), facilitação semântica (quando a palavra distratora é uma palavra semanticamente relacionada ao nome do desenho) e facilitação fonológica (quando a distratora é uma palavra relacionada fonologicamente), combinando pares de desenho-palavra na mesma língua (catalão-catalão) ou em línguas diferentes (catalão espanhol).

No experimento 1, foi testado o efeito de identidade, com distratoras idênticas em línguas diferentes (tradução). O segundo enfocou as línguas misturadas nas respostas. No terceiro experimento, observou-se distratoras não-cognatas relacionadas semanticamente. No quarto, verificou-se os efeitos de identidade na mesma ou entre línguas diferentes, no curso do tempo. No experimento número 5, foi testado o efeito fonológico mediado pela tradução. No sexto experimento, foi investigado o efeito fonológico em línguas diferentes. Finalmente, no experimento 7, testou-se o efeito fonológico mediado pela tradução no curso do tempo.

Os resultados mostraram efeitos de identidade tanto em palavras distratoras da mesma língua quanto em diferentes línguas. O efeito se repetiu em vários experimentos e condições, entretanto, foi maior em pares da mesma língua. Também observou-se efeitos de interferência semântica parecidos entre distratoras em catalão e em espanhol, bem como facilitação fonológica na nomeação nas duas línguas internamente, mas não entre as línguas. Os autores afirmam que tais resultados (com distratoras idênticas, semanticamente relacionadas e fonologicamente relacionadas) são compatíveis com um modelo de acesso lexical que pressupõe que desenho e palavra ativam uma representação semântica comum, que, por sua vez, ativa paralelamente nós lexicais nos dois léxicos de um bilíngue, mas somente os nós lexicais correspondentes a língua programada para a resposta são considerados para seleção. Tal modelo também prevê que a ativação dos segmentos fonológicos de uma palavra escrita pode ocorrer através de mecanismos não-lexicais. Segundo eles, a facilitação de identidade entre as línguas reflete o fato de que a distratora em espanhol (L2) ativa a sua representação lexical e o nó lexical da tradução em catalão (L1). Assim, embora o nó lexical não-alvo (na L2) esteja ativado, sua ativação é neutralizada, pois ele mesmo enviou ativação à sua tradução na L1 (que é a língua requerida para a resposta) e esta recebe uma ativação extra da representação conceitual.

Com relação à interferência semântica observada entre línguas, os autores, seguindo o raciocínio exposto anteriormente, afirmam que a mesma não é afetada pela língua da palavra distratora, ou seja, a interferência será devido à ativação de itens lexicais da mesma língua. Quanto ao maior efeito de facilitação de identidade (mediada fonologicamente) entre pares da mesma língua, os autores recorrem a um mecanismo não-lexical (ou não-semântico) de conversão ortografia-fonologia, que na tarefa de interferência desenho-palavra converte o estímulo ortográfico em representação fonológica. Tal mecanismo facilita a nomeação quando há similaridade entre a palavra distratora e o nome-alvo, pois todos os segmentos do alvo são ativados pela distratora. Entretanto, esse tipo de ativação, via mecanismos não-lexicais, não pode ocorrer no caso de distratoras que são a tradução do alvo, mas que não compartilham conteúdo fonológico (não-cognatas). Considerando as evidências quanto à facilitação fonológica através da tradução, segundo os autores (op.cit.), parece razoável concluir que a facilitação fonológica é (na maior parte dos

casos) devido aos mecanismos sublexicais que permitem a ativação direta dos segmentos fonológicos do alvo.

Em suma, a nomeação era facilitada quando a distratora correspondia ao nome do desenho nas duas condições de pares. Também foi observado que o efeito de facilitação era maior para pares na mesma língua e que distratoras semanticamente relacionadas estavam interferindo similarmente, tanto na condição de mesma, como de língua diferente. Além disso, a facilitação com distratoras relacionadas fonologicamente, foi identificada tanto na condição de mesma, como de língua diferente, mas não sua tradução. Os resultados também sugerem que o processamento fonológico não-lexical contribui para o efeito de facilitação fonológica. Conforme os autores, os resultados dos experimentos dão suporte à HSE, mas ressaltam que o modelo que propõem é direcionado para o acesso lexical em falantes bilíngues equilibrados e altamente proficientes. Com base nisso, justificam os resultados incongruentes entre seus experimentos e os apresentados por Hermans, Bongaerts, De Bot & Schreuder (1998), expostos anteriormente. Para Costa, Miozzo & Caramazza (1999), esse estudos divergem quanto: à língua escolhida para a resposta, sendo que nos seus experimentos era solicitada a L1, enquanto que nos de Hermans et. al. (op.cit.) foi solicitada a L2; e ao nível de proficiência dos participantes. Os autores afirmam que os participantes de seus experimentos eram mais proficientes que os de Hermans et. al. (op.cit.). Ressaltam que o funcionamento do mecanismo de seleção específica na língua pode depender tanto da proficiência do bilíngue quanto da língua de resposta, ou seja, quanto mais proficiente for o bilíngue, mais fácil será a restrição da seleção lexical a apenas uma língua.

Por outro lado, Costa & Caramazza (1999) apresentam novos experimentos de interferência desenho-palavra, desenvolvidos a partir dos resultados contraditórios de Hermans et al. (1998) e de Costa, Miozzo & Caramazza (1999). Os pesquisadores (op.cit.), inicialmente, tecem algumas considerações sobre as pesquisas anteriores. Com relação ao trabalho de Hermans et al. (1998), reiteram que o nível de proficiência dos bilíngues (considerado inferior ao do outro estudo de Costa et. al., 1999) pode ter influenciado nos resultados. Ainda, com relação ao trabalho de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), ponderam que os resultados podem ser devido: ao tipo de tarefa (nomear na L1, em vez da L2); ao grau de similaridade entre as línguas envolvidas; ou, também, aos diferentes tipos de bilíngues. Costa &

Caramazza (1999) reafirmam que a competição lexical não precisa ser, exclusivamente, entre as línguas, mas entre lemas da mesma língua. Além disso, sugerem que talvez o mecanismo específico não seja funcional em estágios iniciais de aquisição de L2.

Com base nessas considerações, esses pesquisadores desenvolveram dois novos experimentos de interferência desenho-palavra, com o propósito de verificar como ocorria a seleção lexical e se havia evidência de competição lexical entre as línguas, durante o acesso lexical. Dois grupos de bilíngues, inglês-espanhol e espanhol-inglês, tinham que nomear desenhos em sua L1 (primeiro grupo) ou em sua L2 (segundo grupo), enquanto ignoravam palavras distratoras na L1 ou na L2. Cada desenho era unido a seis palavras distratoras nas seguintes condições: nomes do desenho em espanhol e em inglês (condição de identidade); palavras semanticamente relacionadas, uma em cada língua (condição semântica); duas palavras não-relacionadas, uma em espanhol e uma em inglês. No experimento 1, observou-se bilíngues não-balanceados espanhol-inglês ao nomear desenhos em sua língua dominante (espanhol). No experimento 2, seguindo as mesmas condições do primeiro, foram observados bilíngues inglês-espanhol, nomeando em sua língua menos dominante (espanhol).

Os resultados dos dois experimentos evidenciaram que a latência de nomeação era mais rápida quando o desenho e a palavra distratora correspondiam à mesma palavra (condição de identidade). Mas a magnitude desse efeito com distratoras na mesma língua era superior que em línguas diferentes. Constatou-se também efeitos de interferência semântica, uma vez que a latência de nomeação era lenta quando o desenho e a palavra eram semanticamente relacionados, tanto em pares na mesma língua quanto em línguas diferentes. Essas evidências dão sustentação à HSE, tendo em vista que a facilitação de identidade entre línguas indica que não há competição lexical entre as línguas. Entretanto, segundo os autores, os resultados dos recentes experimentos ampliam o escopo do modelo de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), em pelo menos três aspectos: a) a seleção lexical é restrita a um dos léxicos, sem considerar a similaridade entre as duas línguas; b) o mecanismo de seleção específica é também funcional com bilíngues proficientes não balanceados; e, c) a habilidade de restringir a seleção lexical a somente um léxico é extensiva para a produção de fala na L2 (ou língua menos dominante).

Entretanto, os autores esclarecem que um modelo que supõe a existência de um mecanismo de supressão também consegue explicar os resultados, na medida em que se considere tal mecanismo poderoso o bastante para inibir completamente os nós lexicais da língua em não uso, impedindo-os de competir durante o acesso lexical. Se esse for o caso, segundo eles, então a HSE e a HSNE se tornam formalmente equivalentes (pelo menos quanto aos efeitos sobre a seleção). Com relação aos resultados de Hermans et. al. (op.cit.), os quais fortalecem a HSNE, Costa & Caramazza (1999), reiteram que podem estar relacionados à diferença no nível de proficiência dos participantes. Tendo em vista essas considerações, os autores ressaltam a necessidade de mais evidências experimentais para determinar a funcionalidade e a flexibilidade do mecanismo ao longo do desenvolvimento bilíngue.

Hermans (2000, apud COSTA, COLOMÉ, GÓMEZ & SEBASTIÁN-GALLÉS, 2003), também chega à conclusão semelhante à de Costa & Caramazza (1999), quanto à rápida latência de nomeação no efeito de identidade na condição relacionada (quando a distratora corresponde à tradução do nome do desenho). Mas ele defende que o efeito de identidade interlinguística não serve para julgar entre as duas hipóteses, pois o mesmo pode ser explicado pela HSNE se dois efeitos opostos forem considerados – facilitação no nível semântico e interferência no nível lexical. Para o autor, no primeiro caso, a facilitação no nível semântico se deve à aceleração da recuperação pela apresentação da tradução do alvo, que incrementa a ativação da representação semântica do desenho. No segundo caso, a interferência no nível lexical se deve à competição criada pelo nó lexical da tradução do alvo. Porém, para Costa, Colomé, Gómez & Sebastián-Gallés (2003), a explicação da facilitação precisa levar em consideração, nesse quadro, que a facilitação no nível semântico deve ter uma magnitude superior do que a interferência no nível lexical. Acrescentam que se o argumento de Hermans (2000) para o efeito de identidade interlinguística estiver correto, e o efeito de facilitação fonológica tem sua origem no nível lexical, parece razoável concluir que a língua de não-resposta interfere na seleção lexical. Mas, é preciso testar a confiabilidade dos resultados de Hermans et. al (1998) e sua extensão com outros tipos de bilíngues.

Assim, Costa et. al. (2003) se propuseram a replicar o estudo de Hermans et. al. (1998) com bilíngues espanhol-catalão. Esses novos experimentos confirmaram os resultados do estudo replicado, pois evidenciaram interferência e

competição, desta vez com línguas e tipos de bilíngues diferentes. Costa et. al. (2003), a partir desses resultados, concluíram que em algum nível do processamento a L1 parece afetar a produção de fala em L2, mas ainda não se sabe onde. É possível que a distratora exerça efeitos em diferentes níveis. De qualquer maneira, os efeitos de identidade interlinguística revelariam facilitação semântica no nível conceitual e interferência no nível lexical. Por outro lado, tanto o efeito de identidade interlinguística como o de facilitação fonológica podem ser explicados sem se levar em consideração a interferência, bem como são compatíveis com um modelo que assume que a seleção é específica (HSE), e que as propriedades fonológicas da tradução do alvo são ativadas e afetam a facilidade de recuperação das propriedades fonológicas do alvo. Nesse caso, o efeito de identidade interlinguística poderia ser o resultado de facilitação semântica sem competição, e o efeito de facilitação fonológica resultaria de interferência fonológica durante a seleção do conteúdo fonológico do alvo.

Outros pesquisadores interessados no processo de seleção lexical, Lee & Williams (2001), realizaram um experimento dentro do paradigma *priming* de competidor semântico (*semantic competitor priming paradigm*), com bilíngues não balanceados inglês-francês para verificar se palavras da língua de não-resposta interferiam no processo de seleção lexical. Em outras palavras, pretendiam verificar se a nomeação de desenhos numa língua pode ser inibida pela produção previa de palavras semanticamente relacionadas em outra língua, como resposta a um estímulo de definição. Os participantes eram convidados a desempenhar tarefas combinadas de responder a definições e de nomear desenhos. Em cada teste, os bilíngues recebiam um trio de definições e deveriam dizer as palavras correspondentes a cada uma, em sua L1 (inglês). A segunda definição era semanticamente relacionada; ou não-relacionada ao desenho-alvo, que aparecia sempre em segundo lugar, numa sequência de dois desenhos. Os participantes deviam nomear os desenhos em inglês ou em francês, conforme a pista da língua de resposta que aparecia antes de cada desenho. Eram considerados testes de mudança, quando o primeiro desenho tinha que ser nomeado em francês (L2); e testes de não-mudança, quando o primeiro desenho tinha que ser nomeado em

inglês (L1). O efeito *priming*³⁰ era controlado entre o significado da palavra que respondia à segunda definição e o nome do desenho-alvo.

Através dos resultados foi constatado o efeito *priming* de competidor semântico, pois quando a palavra de resposta à segunda definição era semanticamente relacionada ao nome do desenho alvo, a nomeação era mais lenta do que quando era uma palavra não-relacionada. Os efeitos de interferência semântica apareciam para as duas línguas, se o primeiro desenho tinha que ser nomeado em inglês (considerado teste de não-mudança). Entretanto, se havia mudança de língua, logo após a definição, a interferência semântica não era constatada. Para Lee & Williams (op.cit.) esses resultados revelam a existência de competição interlinguística e processo inibitório na produção do bilíngue. Porém, a competição desaparece quando da mudança de língua imediatamente antes do desenho-alvo. Os autores defendem que a mudança de língua conduz a um processo inibitório do nó lexical, na língua de resposta à definição (em inglês), embora reconheçam que seus resultados podem ter outras interpretações, a partir da HSE, defendida por Costa et.al. (1999), mas ressaltam que a HSE deve também restringir o funcionamento do mecanismo.

Em Costa, Albareda & Santesteban (2008) são descritos dois experimentos que visavam a avaliar a presença de competição interlinguística, observando dois efeitos específicos: o efeito facilitação de identidade interlinguística (*cross-language identity facilitation effect*), segundo o qual a nomeação é mais rápida quando a palavra distratora corresponde à tradução do alvo; e o efeito de interferência de fono-tradução (*phono-translation interference effect*), segundo o qual a nomeação será mais lenta quando a palavra distratora é fonologicamente relacionada à tradução do nome do desenho.

Os experimentos foram realizados com bilíngues espanhol-catalão altamente proficientes. Em *Stroop tasks* eles tinham que nomear na L2 (catalão), a cor da tinta impressa em várias palavras de sua L1 (espanhol). Os resultados evidenciaram a interferência de efeito *Stroop*, e do efeito de facilitação de identidade interlinguística, mas não se constatou efeito significativo de fono-tradução. Cabe ressaltar que o efeito de facilitação de identidade interlinguística tem sido tomado como evidência contra a competição lexical interlinguística e que o efeito de interferência de fono-

³⁰ O efeito *priming* pode ser entendido aqui como um fenômeno no qual o contato prévio com determinada mostra linguística influencia o processamento linguístico posterior.

tradução tem sido interpretado como revelando competição lexical entre as línguas. Assim, para Costa et al. (2008, p. 123), é preciso ter cautela ao se defender a presença de competição entre línguas, baseando-se em efeitos de fono-tradução, observado no paradigma de interferência desenho-palavra.

Considerando os estudos discutidos até aqui, não há evidência suficiente para se chegar a conclusões definitivas tanto sobre as hipóteses de seleção, quanto sobre o lugar onde os efeitos ocorrem. Reforçamos que a HSE precisa explicar melhor como os mecanismos de seleção restringem sua pesquisa somente ao nó lexical de uma das línguas, e a HSNE precisa explicar o mecanismo que evita uma eventual seleção de palavras na língua de não-resposta (COSTA, 2005). A única certeza até o momento é que as representações da língua de não-resposta afetam o processo de lexicalização na língua de resposta. Costa et. al. (2003) sugerem que talvez o nível de proficiência influencie no grau de competição entre as línguas, ou seja, quanto mais proficiente for o bilíngue haverá menos interferência no nível lexical. A ideia de que a funcionalidade dos mecanismos de seleção seja sensível a grau de proficiência do bilíngue tem sido bastante difundida, havendo até considerações sobre a necessidade de controle inibitório em determinados casos (COSTA & SANTESTEBAN, 2004, COSTA et. al., 2006). Isso demonstra que é preciso mais pesquisas para que se possa compreender melhor o processo de produção de fala em bilíngues.

Ao longo dessa seção, discutimos o processo lexicalização, apresentando diferentes hipóteses sobre a seleção lexical bilíngue, bem como, as principais evidências experimentais sobre o tema, e ficou evidente a necessidade de mais investigações para melhor compreender o processo. Na próxima seção, vamos refletir sobre os princípios de ativação espalhada, de interatividade e a codificação fonológica, que tem sido pouco explorado pelos modelos de produção de fala bilíngue.

2.4.2 Ativação fluente: especificidade e interatividade

Os modelos de produção de fala, em geral, supõem pelo menos três níveis de representação - conceitual, lexical e fonológico – e, que o sistema conceitual

ativa nós lexicais compatíveis com a informação conceitual independente da língua a que eles pertencem, ou seja, adotam o princípio de ativação espalhada. (COSTA, LA HEIJ & NAVARRETE, 2006; COSTA, 2006). Entretanto, não há consenso quanto à funcionalidade desse princípio entre os níveis lexical e sublexical (fonológico). Em outras palavras, ainda não se sabe se as propriedades fonológicas das palavras na língua de não-resposta são também ativadas, embora, aparentemente, vários modelos de produção de fala concordem que o alto nível de ativação de um segmento fonológico facilita sua seleção (COSTA, 2006).

De acordo com a proposta de alimentação à frente/posterior (*feed-forward*), os processos envolvidos na seleção dos nós lexicais não são afetados pela ativação das propriedades fonológicas das palavras. Sob tal perspectiva aparecem dois modelos: o modelo discreto (*discrete models*) e o modelo cascata (*cascaded models*). O modelo discreto de produção de fala supõe que a informação fonológica ativada é somente a do nó lexical selecionado. Assim, o processo de seleção atua como um filtro, impedindo que se espalhe ao nível sublexical uma ativação não esperada no nível lexical. Sob tal perspectiva, espera-se que a ativação fonológica seja restrita a um único nó lexical na língua de resposta. Por outro lado, o chamado modelo cascata aplica o mesmo princípio direto de ativação fluente ao conjunto do sistema lexical. Da mesma maneira que a representação conceitual ativada espalha ativação proporcional aos seus nós lexicais correspondentes, alguma representação lexical ativada espalha uma quantia proporcional de ativação para suas propriedades fonológicas correspondentes, ou seja a ativação fonológica se espalha entre os itens lexicais das duas línguas (alvo e não-alvo) (COSTA, 2005, 2006).

Com relação à ativação fonológica, citamos o trabalho de Colomé (2001), quem realizou um estudo, a partir da adaptação de uma tarefa de monitoramento de fonema para produção de fala. Essa tarefa permitia avaliar a ativação fonológica, com o objetivo de determinar se a língua em não-uso era ativada mesmo assim. Foram realizados três experimentos com bilíngues catalão-espanhol, altamente fluentes, e um experimento de controle com monolíngues. Os participantes tinham que dizer se um determinado fonema fazia parte do nome do desenho em catalão. Os desenhos apareciam três vezes nas seguintes condições: 1) o fonema fazia parte da palavra em catalão (condição afirmativa); 2) o fonema aparecia na tradução em espanhol (condição negativa); e 3) o fonema não fazia parte da palavra em catalão, nem da sua tradução em espanhol (também considerada uma condição negativa).

Os resultados mostraram que nas condições negativas, os participantes demoravam mais para rejeitar fonemas na tradução em espanhol, do que para rejeitar fonemas que não faziam parte de palavras em ambas línguas. Quanto ao experimento com monolíngues, não foi constatada diferença entre as condições negativas. Esses resultados foram tomados como evidência de ativação fonológica da língua em não-uso, a qual influencia na decisão dos participantes.

Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000) realizaram um experimento a fim de observar se o *status cognato*³¹ da tradução das palavras influenciava na sua velocidade de produção. Os autores afirmam que traduções são itens lexicais com mesmo significado entre as línguas do bilíngue, o que permite supor alto nível de ativação. Cognatos são traduções, cujas formas fonológica e ortográfica são similares (por exemplo *mesa*, em espanhol e *mesa*, em português)³². Não-cognatos são traduções com diferentes formas fonológica e ortográfica (por exemplo *gafas*, em espanhol e *óculos*, em português).

Conforme os autores (op.cit.), os modelos de ativação discreto e em cascata fazem diferentes previsões sobre o efeito cognato. Para o modelo discreto, cognatas e não-cognatas se comportam de forma semelhante, pois só o nó lexical selecionado é codificado. Mas para o modelo em cascata, é possível alguma ativação da representação fonológica da tradução do alvo, assim, as cognatas facilitariam mais a recuperação de propriedades fonológicas da palavra-alvo do que as não-cognatas, devido à dupla ativação do nível lexical (segundo com nossos exemplos, o nó lexical selecionado *mesa*, em espanhol, e sua tradução na língua não-alvo *mesa*, em português, conforme ilustra a Figura 9).

³¹ Para fins de operacionalização, cognato está sendo usado aqui como um termo semântico de referencial sincrônico, isto é, não se observou a evolução diacrônica das palavras.

³² Não estamos usando exatamente os exemplos dos autores, mas combinações envolvendo português e espanhol, pois esse estudo é bastante significativo para os propósitos da nossa pesquisa, por isso optamos por contextualizar as exemplificações.

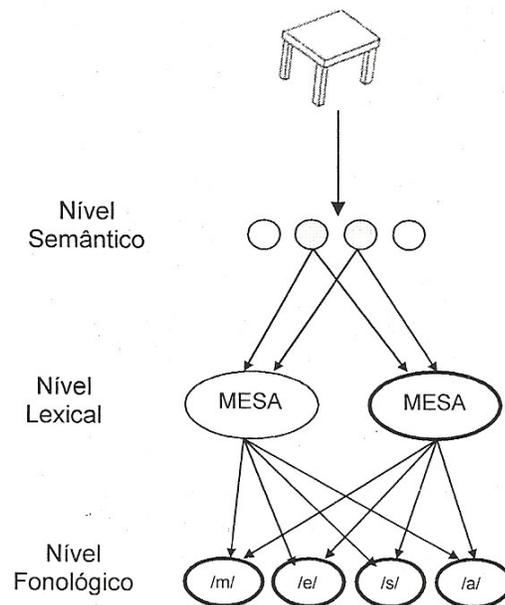


Figura 9: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo cognato

Fonte: Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000, p.1285)³³

Por outro lado, no caso das não-cognatas, ocorreria a ativação de diferentes representações fonológicas, a do nó lexical-alvo e a de sua tradução (em nossa exemplificação, o nó lexical *gafas*, em espanhol, e sua tradução na língua não-alvo, *óculos*, em português), conforme ilustra a Figura 10, a seguir. Sob tal contexto, a não correspondência fonológica dificultaria a recuperação fonológica da palavra-alvo, e, assim, a nomeação seria mais lenta.

³³ Adaptado.

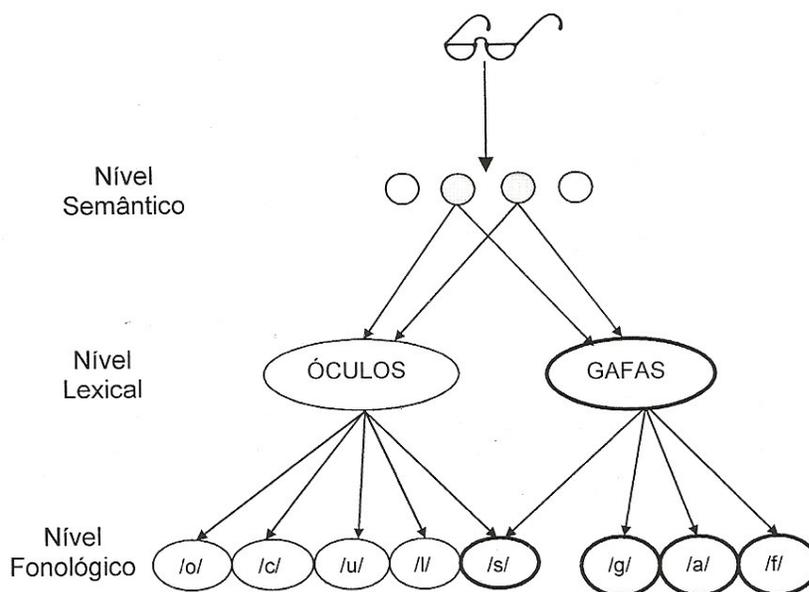


Figura 10: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo não-cognato
 Fonte: Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000, p.1286)³⁴

Os resultados de Costa et. al. (2000) confirmam que a nomeação de desenhos com nomes cognatos era mais rápida do que com nomes não-cognatos. Esses resultados eram entendidos como sustentando o modelo de ativação em cascata, em que a ativação fluente do sistema semântico para o sistema lexical não era específica na língua, e que os nós lexicais da língua de não-resposta espalham ativação aos seus segmentos fonológicos.

Costa, Santesteban & Caño (2005) discutem as vantagens do *status* cognato na performance de falantes bilíngues, refletindo também sobre sua origem e implicações para a arquitetura funcional do sistema de produção de fala bilíngue (e talvez monolíngue). Os autores apresentam evidências dessa vantagem, tanto em estudos com bilíngues normais como com bilíngues afásicos, e explicações oriundas de duas perspectivas distintas. Uma delas se baseia no modo de representação no léxico mental, ponderando que as cognatas compartilham mais morfemas do que as não-cognatas e também que são representadas diferentemente. A outra explicação recorre às características do sistema, prevendo ativação em cascata e interativa. Para os autores é difícil determinar a origem do efeito, mas consideram que “a maneira mais parcimoniosa é assumir a existência de interatividade entre os níveis

³⁴ Adaptado.

de representação lexical e sublexical, nas e entre as duas línguas do bilíngue”³⁵ (COSTA, SANTESTEBAN & CAÑO, 2005, p. 101)

Costa, La Heij & Navarrete (2006) também discutem possíveis interpretações para o efeito cognato. Segundo eles, há explicações teóricas sugerindo que o efeito cognato pode originar-se do compartilhamento da representação conceitual, da frequência de uso, do compartilhamento da origem morfológica e da facilidade de aprendizagem. Em todos esses casos as cognatas sempre estão em vantagem sobre as não-cognatas. Entretanto, para esses autores (op.cit.) a interpretação mais adequada do efeito cognato é a que considera a facilitação da recuperação das propriedades fonológicas, mas ressaltam que tal efeito também pode ser consistente com modelos que não supõem a co-ativação de duas línguas.

Costa, et.al. (op.cit) apresentam, então, uma série de considerações sobre a dinâmica do acesso lexical bilíngue, contra-argumentando evidências experimentais de diferentes paradigmas, com o propósito de problematizar a ideia de ativação paralela entre as línguas e espalhada entre os níveis lexicais e sublexicais, na produção de fala bilíngue. Os autores (op.cit.) afirmam que o princípio de ativação espalhada tem sido amplamente assumido na psicologia cognitiva, a partir de evidências empíricas de diferentes paradigmas (interferência, monitoramento, erros de fala espontâneos). Entretanto, tais evidências não podem ser consideradas conclusivas, uma vez que muitos dos fenômenos tomados como argumento favorável encontram explicação alternativa que não se relaciona à co-ativação das línguas (como o efeito de interferência semântica, por exemplo). Além disso, muitos desses estudos podem falhar nas suas conclusões, em função de seu delineamento metodológico, ou seja, pretendem avaliar se há competição entre as línguas, mas a própria tarefa induz a ativação das duas línguas do bilíngue (como no caso do paradigma de interferência desenho-palavra).

De acordo com Costa, La Heij & Navarrete (2006), os modelos discreto e em cascata consideram o fluxo de ativação com alimentação à frente/posterior (*feed-forward*), ou seja, a lexicalização inicia-se, de maneira cumulativa, no nível conceptual, passando pelo lexical até o fonológico. Mas, há uma proposta

³⁵ *Therefore, we conclude that, at present, the most parsimonious way to account for the cognate benefits in speech production is by assuming the existence of interactivity between the lexical and sublexical levels of representation, both within and across the two languages of a bilingual speaker.*

alternativa, muito influente, a qual pressupõe ativação de fluxo bidirecional entre os níveis, ou seja, a propagação pode ser tanto proativa (*forwards* - do lexical ao fonológico) como retroativa (*backwards* - do fonológico ao lexical). Assim, no curso de nomeação de um desenho, não só as representações semânticas relacionadas são ativadas, mas também os segmentos fonológicos relacionados, porque a ativação segmental da palavra-alvo envia ativação retroativa a qualquer representação com a qual esteja conectada. Restaria saber se esta proposta é funcional no caso do bilinguismo e quais as suas implicações, ou seja, se mecanismos de seleção/controlado precisam ser postulados em cada nível do processamento. A proposta de interatividade está ilustrada na Figura 11, a seguir.

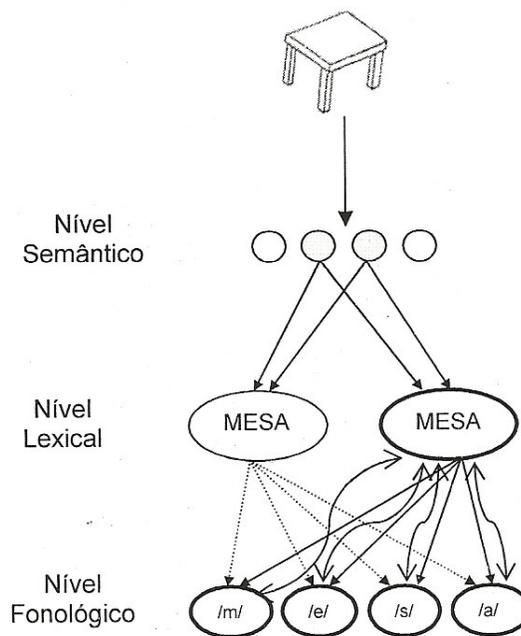


Figura 11: Esquema interativo de acesso lexical e sublexical de um vocábulo cognato

Fonte: adaptado de Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000, p.1292)

Costa et. al. (2006, p.144) ressaltam que “nos últimos anos os tempos de reação, deslizos de língua e estudos com afásicos têm fornecido evidências convincentes sustentando tal princípio”.³⁶ Esses autores (op. cit.) propõem novos encaminhamentos de experimentos, com vistas à melhor esclarecer o assunto. Eles se baseiam em evidências que sustentam a natureza interativa do sistema de

³⁶ “...in the last years reaction times, slips of the tongue and aphasic studies have provided compelling evidence supporting such a principle...”

produção de fala e sugerem formas de se avaliar como a co-ativação das línguas do bilíngue pode ocorrer em função da interatividade de língua não-seletiva.

Costa et. al. (op.cit.) argumentam que uma das maneiras de verificar a existência de co-ativação das duas línguas do bilíngue e de interatividade entre as línguas é avaliar o efeito dos falsos cognatos no processo de lexicalização. Falsos cognatos são palavras bastante similares fonologicamente entre as línguas, mas completamente diferentes no significado. A Figura 12 ilustra o esquema de acesso lexical e sublexical de um falso cognato.

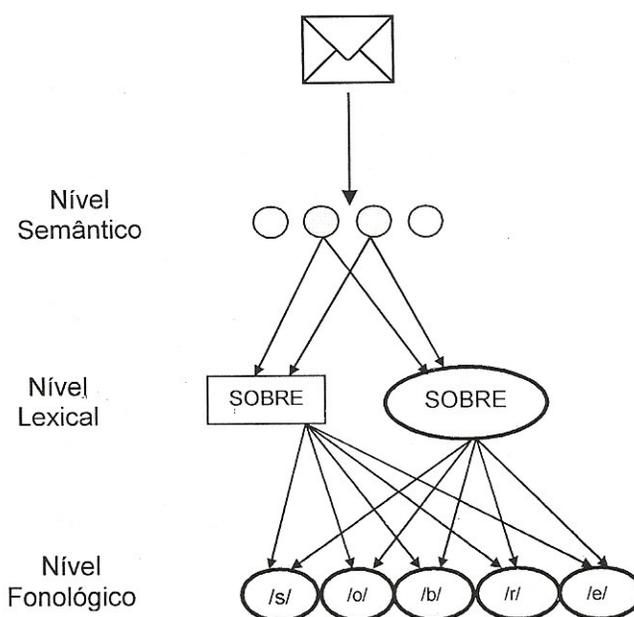


Figura 12: Esquema de acesso lexical e sublexical de um vocábulo falso-cognato

Fonte: adaptado de Costa, La Heij & Navarrete (2006, p.146)

Para os autores (op.cit.), se a interatividade é funcional entre as línguas, deve-se esperar que no curso de nomeação de uma palavra em uma língua, o falso cognato correspondente na outra língua também seja ativado, pois as propriedades fonológicas mandarão ativação para todos os itens conexos e, considerando-se a grande sobreposição de segmentos entre falsos cognatos, a palavra não-alvo será ativada. Em vista disso, as propriedades fonológicas da palavra-alvo na língua de resposta e o falso cognato na língua de não-resposta receberão ativação de duas fontes (a palavra-alvo na língua em uso e o falso cognato na língua em não-uso), e a latência das respostas será mais rápida quando, na condição relacionada, a

distratora corresponde à tradução do significado do falso cognato. Por exemplo³⁷, um bilíngue português-espanhol será mais rápido ao nomear o desenho de uma xícara (*taza*, em espanhol) quando a distratora for a palavra taça (*copa*, em espanhol) (condição relacionada) do que se for óculos (*gafas*, em espanhol). Para os autores (op.cit.) um falso cognato só pode ser ativado no curso da produção de fala, via representação fonológica do falso cognato, na língua em não-uso

Ainda com relação à ativação fonológica das palavras que pertencem à língua em não uso, há estudos muito interessantes sobre o estado TIP-OF-THE-TONGUE (TOT - ponta da língua, cf. COSTA, 2006), que nos parece importante citar brevemente aqui. O estado TOT é uma situação na qual o falante pode não recuperar a palavra de que precisa para expressar-se, apesar da intensa sensação (*feeling*) de saber a palavra. No estudo realizado por Gollan, Acenas & Smith (2001, apud COSTA, 2006), constatou-se que bilíngues espanhol-ínglês e filipino-ínglês estavam mais inclinados ao estado TOT ao nomear desenhos do que falantes monolíngues. Entretanto, quando palavras cognatas eram usadas para sair do estado TOT, essa diferença desaparecia. Ou seja, quando uma palavra era semelhante fonologicamente à tradução, o falante bilíngue estava mais inclinado ao estado TOT como um falante monolíngue. Para os autores (op.cit.), devido ao efeito de facilitação cognata, as propriedades fonológicas da língua em não-uso ajudam na recuperação das propriedades fonológicas da palavra-alvo na língua de resposta, tornando sua recuperação mais provável. O estudo TOT, de Gollan & Acenas (2000, apud COSTA, 2005) também sugere que o nó lexical da língua de não-resposta não interfere na seleção lexical. Nesse estudo, a probabilidade de que um falante fracasse no estado TOT depende de seu conhecimento da tradução do alvo, pois a mesma pode atuar como palavra bloqueio, complicando a recuperação da palavra certa na língua alvo.

Com base no exposto até aqui, ainda há muitos aspectos obscuros no que tange à fluidez da ativação e o momento da codificação fonológica. Em vista disso, concordamos com a proposta de Costa et. al (2006) de que o uso dos falsos cognatos pode ser útil para melhor compreender o processo de lexicalização, pois permitem verificar a ocorrência de co-ativação entre as línguas e ativação espalhada também no nível fonológico. Cabe ressaltar ainda que, segundo os autores (op.cit.),

³⁷ Aqui também optamos por dar um exemplo direcionado ao nosso contexto de pesquisa, ou seja, ele não corresponde aos usados originalmente pelos autores.

a concepção de ativação espalhada exige mecanismos de controle e seleção em cada nível do processo e que se encontra na literatura modelos que postulam diferentes mecanismos para o nível lexical (GREEN, 1986, 1998; DE BOT 1992; POULISSE & BONGAERTS, 1994; por exemplo), mas, ao contrário, falta explicação para o nível fonológico.

2.5 Síntese do capítulo

Buscamos, ao longo deste capítulo, apresentar e discutir os principais tópicos teóricos relacionados com o tema do acesso lexical e produção de fala bilíngue. Inicialmente, como forma de contextualização, discutimos as concepções de bilinguismo e suas relações com a cognição. Posteriormente, passamos a tratar da questão da interferência entre as línguas. Nesse caso, traçamos um panorama histórico e depois verticalizamos para os tipos de interferência foco do nosso estudo. A partir disso, entramos no tópico específico do acesso lexical e produção de fala, em que discutimos os principais modelos, competição lexical e as hipóteses sobre a especificidade da seleção linguística, e a funcionalidade do princípio de interatividade no caso do bilinguismo.

Salientamos que, considerando toda a discussão teórica, ficou evidente que a especificidade da seleção linguística e a ocorrência de competição lexical entre as línguas são questões que permanecem em aberto, devido aos resultados opostos observados em diferentes estudos. Igualmente, em situação embrionária está a concepção de interatividade entre os níveis de representação das línguas. Além disso, ressaltamos e concordamos com Costa et. al. (2006) de que há outras variáveis que podem modular a ativação das línguas do bilíngue: “variáveis como a similaridade das duas línguas, a idade (e o modo) de aquisição da L2, a proficiência na L2, o caráter recente e a frequência de uso das duas línguas e o tópico do discurso” (p.148)³⁸.

³⁸ “... variables such as the similarity of the two languages of a bilingual, the age (and manner) at which L2 has been acquired, the proficiency achieved in L2, the recency and frequency of use of the two languages, and the discourse topic ...”

Em vista disso, nosso estudo se propõe a contribuir para uma melhor compreensão dessas questões. Ele foi desenvolvido levando em consideração evidências obtidas nos experimentos de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), Costa & Caramazza (1999), e Hermans, Bongaerts, De Bot & Schreuder (1998), quanto aos efeitos de interferência, seleção lexical e competição entre as línguas, e Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000), quanto ao efeito cognato. Também embasaram nossos experimentos as sugestões de Costa, La Heij & Navarrete (2006), quanto aos benefícios do uso de falsos cognatos para avaliar a co-ativação das línguas e o princípio de interatividade e ativação fonológica.

Cabe salientar, ainda, que fizemos as adequações que nos pareceram pertinentes, uma vez que nossos experimentos foram desenvolvidos com bilíngues português-espanhol e espanhol-português, ou seja, envolvem línguas bastante similares. Mais informações sobre o delineamento metodológico desse estudo serão expostas no próximo capítulo.

3 MÉTODO

Neste capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo de natureza experimental. Descreveremos os objetivos e hipóteses levantadas, bem como os participantes e o contexto de realização do estudo. Serão descritos também os instrumentos e procedimentos de coleta e análise dos dados.

3.1 Objetivos

Conforme já expusemos na introdução desta tese, estabelecemos objetivos que estão divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

3.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é investigar os mecanismos relacionados com o processo de acesso lexical e de produção de fala em bilíngues português-espanhol e espanhol-português, a partir de experimento desenvolvido dentro do paradigma de interferência desenho-palavra.

3.1.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos temos:

- 1) Observar se há evidências sobre a especificidade da seleção ou de competição entre as línguas no processo de seleção lexical.

- 2) Examinar como a latência de nomeação é afetada pelos seguintes efeitos de interferência: semântica (*semantic interference effect*), identidade interlinguística (*cross-language identity facilitation effect*) e facilitação fonológica/ortográfica (*orthographic/phonological facilitation effect*).
- 3) Identificar evidências de efeito cognato³⁹ na produção de fala, através da manipulação de palavras cognatas, não-cognatas e falso-cognatas.
- 4) Verificar se o princípio da interatividade é funcional entre as línguas.

3.2 Hipóteses

Nosso estudo foi inspirado, principalmente, em experimentos desenvolvidos por Costa, Miozzo & Caramazza (1999) e Costa & Caramazza (1999). Mas, considerando o contexto específico de pesquisa, principalmente no que se refere à similaridade linguística entre português e espanhol, também nos baseamos em sugestões de pesquisa de Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000), Costa, La Heij & Navarrete (2006) e Costa, Santesteban & Ivanova (2006). Sob tal perspectiva, delineou-se as seguintes hipóteses (numeradas de acordo com o objetivo a que se referem, ou seja, a H1 se refere ao objetivo 1, H2 ao objetivo 2 e assim, por diante):

H1- Em conformidade com a Hipótese de Seleção Específica na língua (HSE), previu-se que as duas línguas do bilíngue são ativadas, mas a seleção é específica e só considera o nível de ativação da língua de resposta (COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999).

³⁹ Note-se que em nosso estudo a concepção de efeito cognato foi ampliada, pois não contrastamos somente cognatas x não-cognatas, mas também cognatas x falso-cognatas e não-cognatas x falso-cognatas.

H2a- Nas condições envolvendo o efeito de interferência semântica, espera-se que a nomeação seja lenta na condição relacionada (quando o desenho e a palavra distratora são da mesma categoria semântica), devido à competição lexical.

H2b- Nas condições envolvendo o efeito de identidade interlinguística, em concordância com a HSE, espera-se que a nomeação seja mais rápida na condição relacionada (quando a palavra distratora corresponde à tradução do nome do desenho), uma vez que só um dos léxicos é considerado para a seleção.

H2c- Nas condições envolvendo o efeito de facilitação fonológica/ortográfica, espera-se que a nomeação de palavras cognatas seja mais rápida na condição relacionada (quando o nome do desenho e a palavra distratora compartilham similaridade fonológica/ortográfica).

H3- Supõe-se que palavras cognatas sejam mais fáceis de aprender e mais frequentes do que não-cognatas. Assim, espera-se que a nomeação de cognatas seja mais rápida do que a de não-cognatas tanto na condição relacionada como na não-relacionada (COSTA, CARAMAZZA & SEBASTIÁN-GALLÉS, 2000).

H4- A partir da suposição de que os falsos cognatos podem revelar que o princípio de interatividade é funcional entre as línguas, espera-se respostas mais rápidas na condição relacionada (quando a palavra distratora corresponde a tradução do significado do falso cognato) (COSTA, LA HEIJ & NAVARRETE, 2006).

3.3 Participantes

Para melhor caracterizar os participantes envolvidos, inicialmente iremos descrever o contexto no qual foi realizada a coleta de dados, e mencionaremos os

questionários e as provas de proficiências que foram aplicados a fim de selecionarmos a amostra. A partir disso, mostraremos como ficou constituída a amostra e apresentaremos o perfil dos participantes.

3.3.1 Contexto

Nosso estudo foi desenvolvido numa região de fronteira entre Brasil e Uruguai, mais especificamente em Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Consideramos que é um contexto adequado, pois trata-se de uma fronteira seca, em que há facilidade de contato entre os habitantes dos dois países, e onde existe grande concentração de bilíngues português-espanhol e espanhol-português. Conforme Elizaincín (1992), Rivera, capital do departamento de Rivera (Uruguai) forma com a cidade de Santana do Livramento (Brasil) uma única unidade urbana, pois não há um limite natural que demarque a linha fronteiriça entre Brasil e Uruguai. Essa característica geográfica particular contribui para uma maior interação e integração entre os habitantes da região.

Fazendo-se uma breve retrospectiva histórica, observa-se que o atual território uruguaio foi intensamente disputado por portugueses e espanhóis. Tanto a coroa portuguesa tratou de povoar espaços vazios na região norte do Uruguai, como também muitos brasileiros fixaram residência naquela região. Esse contexto propiciou intercâmbios linguísticos e sociais entre os brasileiros do sul e os uruguaio, sendo que a língua portuguesa predominava (BEHARES, 2007). Porém, os embates administrativos e bélicos não permitiam que essa convivência se mantivesse pacífica. Com a criação da República Oriental do Uruguai, em 1828, as disputas territoriais acabaram definitivamente. Nessa época o território abrigava falantes de espanhol e português, mas o primeiro é que foi escolhido como idioma oficial do país e, por isso deu-se início às políticas de implementação e expansão do uso da língua espanhola.

Em 1877, após constatar que havia localidades que não falavam a língua oficial, o governo outorgou a *Ley de Educación Común*, em que o espanhol passou a ser a única língua de ensino e, assim, buscou-se a unificação linguística nacional. Esse rechaço à língua portuguesa foi ainda mais forte durante a ditadura militar

uruguaia (1973-1985), em que o uso dessa língua era proibido e castigado. Mas, felizmente, esse contexto mudou e, atualmente, o português é considerado patrimônio cultural do Uruguai (BARRIOS, 2006).

Como se percebe, as disputas territoriais entre portugueses e espanhóis pela região da Província Cisplatina, influenciou na formação histórica e social dos habitantes do extremo sul do Brasil e do norte do Uruguai. No caso específico da população uruguaia, uma influência significativa está no aspecto lingüístico, em virtude de que durante muito tempo o português foi amplamente utilizado na região, e o seu contato com o espanhol originou dialetos mistos. Assim, o Uruguai conta com duas línguas-padrão (Espanhol e Português) e com variedades dialetais do português (DPU), português uruguaio ou portunhol (ELIZAINCÍN, 1987). Conforme Elizaincín (1973) e Carvalho (2007), essa região fronteiriça (Rivera) pode ser classificada como bilíngue e diglósica. Mas Carvalho (2007, p. 54) afirma que a concepção de diglossia⁴⁰, nesse caso, deve ser mais ampla e flexível, ou seja, considerar que as duas línguas “podem ser a língua materna de diferentes segmentos da sociedade e usadas também em conversações informais em âmbitos domésticos”⁴¹.

Cabe ressaltar, ainda, que os DPU são considerados como falas de base portuguesa (BEHARES, 2007). Para Carvalho (2007), o português uruguaio falado nessa região está num contínuo dialetal entre o português uruguaio rural e o português brasileiro *standard*, dependendo das características sociais dos falantes e do contexto da comunicação. Salientamos que, nos questionários respondidos pelos participantes, havia uma pergunta sobre as línguas que eles adquiriram, e muitos optaram por responder DPU e espanhol, em vez de português e espanhol. Então, tendo em vista essas considerações de Behares (op.cit.) e Carvalho (op.cit.), optamos por considerar simplesmente como português a todas as variedades citadas, junto ao espanhol (DPU, português uruguaio, etc.).

⁴⁰ Para Carvalho (2007), Ferguson (1959) defende uma visão de diglossia como sendo um tipo de bilinguismo em que cada uma das línguas de determinada comunidade possui funções comunicativas distintas, sendo que a variedade de mais prestígio é usada em contextos públicos e formais e a variedade baixa em contextos informais. Mas a autora recomenda a visão de Fischman (1972), por ser mais flexível e prever que as duas variedades (de prestígio e baixa) podem ser usadas em contextos informais.

⁴¹ Nessa perspectiva, na região de Rivera, o espanhol seria a língua de mais prestígio, usada em domínios públicos e o português em domínios mais particulares. Entretanto, ressalta que o contexto não é exatamente assim, por que ambas línguas podem ser usadas em situações semelhantes.

Com essa breve exposição histórica e descritiva, pretendíamos mostrar que no espaço urbano compreendido pelas cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) tivemos condições de encontrar bilíngues português-espanhol ou espanhol-português, independente da nacionalidade, e que frequentemente usam suas duas línguas em distintas situações comunicativas.

3.3.2 Questionário

Todos os participantes responderam a um questionário que foi aplicado com o propósito conhecer melhor o seu histórico linguístico, a frequência de uso das línguas e o desempenho nas diferentes habilidades, em cada língua. Além disso, visava a coletar informações de ordem pessoal como naturalidade, idade, escolaridade, etc. O questionário aplicado aos bilíngues português-espanhol se encontra no apêndice C e o questionário aplicado aos bilíngues espanhol-português está no apêndice D.

Esses dados juntamente com a prova de proficiência (que será descrita abaixo), contribuíram para selecionar os participantes, bem como para traçar o perfil da amostra.

3.3.3 Proficiência

Os participantes realizaram provas de proficiência, com o objetivo de melhor identificar o seu nível de domínio da L2. A prova elaborada para os bilíngues português-espanhol foi adaptada de exames de nível superior para o DELE (Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira) e avaliou as habilidades de compreensão leitora e auditiva, bem como os conhecimentos gramaticais e lexicais dos participantes (o modelo dessa prova foi inserido no apêndice F desta tese). Igualmente, a prova para os bilíngues espanhol-português foi adaptada do exame de nível superior para o CILP (Certificado Internacional de Língua Portuguesa) e focou

a avaliação das habilidades compreensivas e os conhecimentos linguísticos dos sujeitos na sua L2 (no apêndice E consta o modelo da prova).

A opção por pautar-nos em exames oficiais se justifica pela rigidez de critérios com que são elaborados. Mas, considerando o contexto diferenciado de aplicação dos testes, optamos por fazer as provas mais reduzidas, por isso as mesmas sofreram adaptações. Quanto aos critérios de avaliação, estabelecemos que para ser considerado de nível superior o participante deveria acertar no mínimo 50% da prova.

3.3.4 Amostra

A seleção dos participantes seguiu critérios específicos quanto ao: 1) cumprimento de todas as etapas da coleta de dados; 2) nível de proficiência; e, 3) percentual de aproveitamento das respostas na tarefa experimental específica. Sobre o item 1, os participantes tinham que assinar o Termo de Consentimento e de Esclarecimento (nos apêndices A e B estão as versões em português e espanhol desse documento), preencher o questionário com informações pessoais; realizar a prova de proficiência, a tarefa experimental e o teste de reconhecimento lexical. Sobre o item 2, os participantes deveriam ter um aproveitamento de no mínimo 50% da prova de proficiência. Finalmente, quanto ao item 3, os participantes deveriam ter mais de 50% de aproveitamento (acurácia) nas respostas válidas da tarefa.

Assim, dos 39 participantes que contactamos, 23 cumpriram todos os requisitos e constituem a nossa amostra⁴². O grupo foi composto, então, por 13 bilíngues espanhol-português, dos quais 12 eram mulheres e 1 era homem, e por 10 bilíngues português-espanhol, dos quais 08 eram mulheres e 2 eram homens. A média de idade dos participantes era de 38 anos. Dentre esses sujeitos, 15 eram uruguaios, 6 eram brasileiros e 2 eram uruguaios naturalizados brasileiros. A maioria deles era professor, mas também havia os que se dedicavam à advocacia,

⁴² O estudo foi um pouco prejudicado em sua abrangência, no sentido de não contarmos com um número maior de participantes, devido ao fato de a coleta de dados estar composta por várias etapas e instrumentos. Muitas pessoas não puderam realizar todas as tarefas, ou não se dispuseram em função do tempo.

administração, consultoria, fotografia e aos estudos, sendo que 18 deles tinham ensino superior completo e 5 ainda não haviam concluído o terceiro grau.

Todos os participantes afirmaram usar frequentemente a L2. No questionário em que descreviam seu desempenho linguístico (sintetizado no tabela abaixo), observou-se que todos os participantes consideraram ter um bom desempenho tanto em sua L1 como na L2. Mas, além dessas línguas, 6 participantes também afirmaram saber um pouco de inglês e 3 sabem um pouco de italiano. Cabe ressaltar que os participantes deveriam descrever seu desempenho em cada habilidade, utilizando uma escala de 1 a 5, sendo que 1 equivalia a muito pouco e 5 a muito bem.

Tabela 1: Avaliação de desempenho linguístico dos bilíngues

	Leitura		Escrita		Audição		Fala	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Espanhol (n=23)	4,7	0,4	4,5	0,7	4,9	0,3	4,7	0,47
Português (n=23)	4,6	0,6	4,1	0,8	4,9	0,3	4,35	0,83
Inglês (n=6)	2,8	0,4	2,5	0,8	3	0,6	2,33	0,82
Italiano (n=3)	3,3	0,6	2,3	1,5	3	1	2,67	1,15

Conforme mostra a Tabela 1, os bilíngues afirmaram possuir em bom desempenho em todas as habilidades linguísticas, tanto em espanhol quanto em português (média superior a 4, numa escala de 1 a 5), ou seja, parecem ter níveis de proficiência muito próximos nessas línguas. Além disso, também de acordo com as respostas dos questionários, ressalta-se que a aquisição de português e espanhol, em geral, ocorreu em ambientes informais e familiares, desde muito cedo na infância.

Com relação à frequência de uso de cada uma dessas línguas, exposta na Tabela 2, a seguir, observa-se que parece haver contextos que privilegiam mais o uso de uma ou outra língua. Ressalta-se que a frequência de uso das línguas é bastante alta.

Tabela 2 : Frequência de uso linguístico dos bilíngues

Bilíngues	Lugar/situação	Espanhol (%)	Português (%)
espanhol-português (n=13)	Em casa	77,69	31,53
	Ao visitar familiares	86,15	27,69
	Na universidade	35,38	55,38
	No trabalho	70,76	40,76
	Na igreja / eventos religiosos	77,69	20
	Ao visitar amigos	62,30	40
	Ao telefone	73,07	35,38
	Nas férias	56,92	38,46
	Ao fazer compras	58,46	41,53
	Em festas ou eventos sociais	66,92	38,46
português-espanhol (n=10)	Em casa	27	75
	Ao visitar familiares	18	76
	Na universidade	34	67
	No trabalho	55	46
	Na igreja / eventos religiosos	5	30
	Ao visitar amigos	29	69
	Ao telefone	24	63
	Nas férias	18	66
	Ao fazer compras	27	73
	Em festas ou eventos sociais	21	69

A Tabela 2 mostra que a língua materna é a mais usada e em diferentes contextos. Isso só não ocorreu no caso dos bilíngues espanhol-português com relação à universidade, e no caso de bilíngues português-espanhol com relação ao trabalho. O primeiro caso pode ser explicado pelo fato de que encontramos falantes de espanhol como LM na universidade brasileira, seja estudando ou trabalhando; e no segundo caso, porque encontramos falantes de português como LM trabalhando em ambientes cuja língua mais usada era o espanhol. Houve menção de uso de inglês, mas que não excedeu a 1% e estritamente relacionado ao contato com amigos ou férias.

3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Em nosso estudo, desenvolvemos duas tarefas (uma para ser aplicada aos bilíngues português-espanhol e outro para os bilíngues espanhol-português) dentro do paradigma de interferência desenho-palavra. Esse paradigma é uma extensão do paradigma desenvolvido por *Stroop* (1935), e tem sido muito útil para estudar os processos envolvidos no acesso lexical (COSTA et.al. 2000, p. 414). Ele permite avaliar tanto a competição lexical quanto a especificidade da seleção lexical, a partir da medição do tempo de reação dos sujeitos nas tarefas de nomeação de desenhos. Nesse caso, um desenho é apresentado junto ou imediatamente após uma palavra, e o participante deve dizer o nome do desenho, enquanto ignora a palavra distratora.

A natureza das relações entre desenho e distratora pode ser manipulada nos experimentos e, assim, através da medida das latências de nomeação, é possível avaliar efeitos de interferência (interferência semântica, de identidade interlinguística e de facilitação fonológica/ortográfica) e verificar como funciona o mecanismo de seleção lexical.

No nosso experimento os participantes viam uma palavra na sua L1 (*prime*), que aparecia no centro da tela de um computador⁴³, e em seguida aparecia um desenho⁴⁴ que deveria ser nomeado por eles, o mais rapidamente possível e de forma correta, na sua L2 (alvo). Os participantes foram orientados a falar o nome do desenho num microfone que estava ligado à uma caixa de resposta (*SRBOX*) que media o tempo de resposta, desde que o *prime* foi apresentado até o momento do início da fala, ou seja, a resposta correspondia a uma chave de voz que comandava a sequência dos testes.

Como já foi mencionado anteriormente, pretendíamos avaliar os tipos de interferência e o efeito cognato, em vista disso nosso experimento ganhou uma configuração ortogonal, ou seja, cada um dos efeitos de interferência era avaliado com palavras cognatas, não-cognatas e falso-cognatas, sempre em duas condições de relação (relacionada e não-relacionada/controle).

⁴³ Era um notebook Acer Aspire 1642 WLMi, 15.4”.

⁴⁴ Para ilustrar melhor, inserimos os desenhos usados nas tarefas no apêndice K.

Os dois experimentos possuem as mesmas características estruturais⁴⁵, uma vez que ambos foram compostos por 190 pares de desenho-palavra, divididos da seguinte maneira: 10 pares foram usados na condição de prática para familiarizar os participantes com os experimentos e, também, como forma de aquecimento, não sendo considerados para fins de análise; os outros 180 pares foram divididos em blocos de 10 pares de desenho-palavra, conforme o caso testado. O quadro a seguir sintetiza todos os casos:

TIPO DE INTERFERÊNCIA	TIPO DE PALAVRA	CONDIÇÃO RELACIONADA	CONDIÇÃO NÃO-RELACIONADA
Interferência semântica	Cognatas	10	10
	Não-cognatas	10	10
	Falso-cognatas	10	10
Identidade interlinguística	Cognatas	10	10
	Não-cognatas	10	10
	Falso-cognatas	10	10
Facilitação fonológica/ortográfica	Cognatas	10	10
	Não-cognatas	10	10
	Falso-cognatas	10	10
Total de pares de palavras		90	90

Quadro 2: Casos testados nas tarefas

Conforme o quadro anterior, 10 pares de desenho-palavra foram usados para avaliar o efeito de interferência semântica em cognatas na condição relacionada e outros 10 pares para a condição não-relacionada, que funciona como condição de controle, pois não compartilha significado, nem segmentos fonológicos com o correspondente nome do desenho na L2; 10 pares de desenho-palavra serviam para avaliar o efeito de interferência semântica em não-cognatas na condição relacionada e outros 10 pares para a condição não-relacionada; e assim por diante.

Para exemplificar melhor, e tomando por base os testes para bilíngues espanhol-português, elaboramos o seguinte quadro, no qual explicamos pares de desenho-palavra.

⁴⁵ Nos apêndices G e H encontram-se os esquemas de experimentos, para bilíngues português-espanhol e espanhol-português, respectivamente.

EFEITO DE INTERFERÊNCIA	STATUS COGNATO	DESENHO	PRODUÇÃO-ALVO NA L2	DISTRATORA RELACIONADA	DISTRATORA NÃO-RELACIONADA
	Cognata	León	Leão	Gato	Espejo
Semântica	Não Cognata	Poroto	Feijão	Chaucha	Zueco
	Falso-cognato	Pelota	Bola	Globo	Humo
Identidade Interlinguística	Cognata	Abeja	Abelha	Abeja	Queso
	Não Cognata	Pavo	Peru	Pavo	Codo
	Falso-cognato	Cinta	Fita	Cinta	Oficina
Facilitação fonológica/ ortográfica	Cognata	Barco	Barco	Barba	Oro
	Não Cognata	Sandia	Melancia	Mecedor	Chancho
	Falso-cognato	Hueso	Oso	Oso	Pelota

Quadro 3: Exemplos de pares de palavras

Conforme o quadro anterior, é possível observar as relações fonológicas e/ou semânticas envolvidas (ou não) entre o nome do desenho na L1 e a produção esperada na L2. Tomando-se sempre o caso das cognatas em cada tipo de efeito, percebe-se que no caso da interferência semântica, a palavra distratora relacionada (na L1 - *gato*) compartilha traços semânticos com o nome do desenho na L2 (leão), diferentemente da condição não-relacionada (*espejo*); no efeito de identidade, a distratora relacionada (*abeja*) corresponde à tradução do nome do desenho na L1 (abelha) e como condição controle apresenta-se a palavra *queso* (queijo, em espanhol); finalmente, no efeito de facilitação há mais compartilhamento de segmentos fonológicos entre o nome do desenho na L2 (*barco*) e a distratora relacionada (barba), o mesmo não ocorrendo com a condição não relacionada (*oro*). A lógica é a mesma para os demais tipos de palavras

Eram portanto 18 casos, pois cada efeito de interferência (que eram 3) era testado com cada tipo de palavra (que também eram 3) em duas condições de relação (que eram 2). É importante explicar que cada desenho apareceu duas vezes (uma na condição relacionada e outra na condição não-relacionada ou de controle), mas as palavras distratoras só apareciam uma vez, para evitar efeitos de recência.

Ao montar-se os experimentos, as palavras foram controladas, em termos de frequência e extensão. Para garantir que os experimentos estavam adequados nesses aspectos, identificamos os percentuais de frequência, fizemos a contagem do número de letras, e então, submetemos os dados a uma análise estatística, a fim de confirmar sua normalidade. Cabe ressaltar que, para verificar a frequência das

palavras em espanhol, como não encontramos um banco de dados específico sobre o espanhol uruguaio ou mais próximo da região de fronteira, onde foram feitas as coletas, acessamos o banco de dados disponibilizado pela RAE (Real Academia Espanhola), denominado *Corpus de referencia del español actual* - CREA⁴⁶, que mostra a frequência do espanhol em geral, ou seja considerando os vários países que falam espanhol. Isso não nos pareceu muito adequado, pois o que é muito frequente num lugar, pode não sê-lo em outro, por isso, optamos por pedir aos participantes que, após fazer a tarefa, respondessem a um teste de reconhecimento lexical (contendo todas as palavras que apareciam nos experimentos). Assim, pudemos controlar melhor possíveis efeitos de frequência e os resultados relacionados com a acurácia das respostas. Embora uma resposta não fosse a prevista nos instrumentos, mas se era uma palavra frequente na região e correta para o item testado, nós consideramos como adequada.

A frequência das palavras do português, por indicação do prof Dr Tony Berber Sardinha, foi verificada num Banco de português (fruto de pesquisa dos grupos DIRECT e GELC, da PUCSP/CNPq), disponível na internet⁴⁷. Mas, nesse caso, também aplicamos o teste de reconhecimento lexical, para controlar melhor o vocabulário mais frequente em uso na região específica.

Com o uso do software *E-prime*, criamos todas condições especificadas anteriormente, as quais foram apresentadas de forma randomizada aos participantes. A sequência padrão de apresentação dos testes era a seguinte: primeiro aparecia uma tela com o ponto de fixação, por 300ms, em seguida a tela com a palavra distratora, por 300ms, e depois aparecia a tela com o desenho, que permanecia exposta até o participante responder, desde que não ultrapassasse 4000ms como máximo, pois nesse caso o próprio programa avançaria automaticamente para a próxima sequência de par desenho-palavra. As sessões inteiras duravam aproximadamente 15 minutos. A Figura 13, abaixo, ilustra o *design* das tarefas:

⁴⁶ Disponível em: <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>

⁴⁷ As listas do Banco de Português estão disponíveis em <<http://corpuslg.org/corpora/bp/2.0/listas/>> e a composição e tamanho do corpus em <<http://corpuslg.org/corpora/bp/2.0/listas/jpg/>>

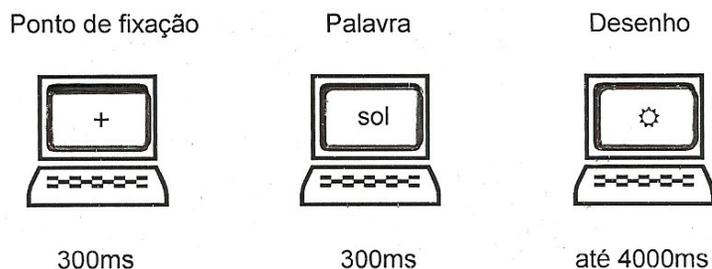


Figura 13: Design das tarefas

Os participantes eram testados individualmente, seguindo instruções dadas na sua LM. Eles foram instruídos a nomear os desenhos, o mais correta e rapidamente possível na sua L2. Os dados foram coletados em salas, gentilmente disponibilizadas pelos responsáveis, nas seguintes instituições: Universidade da Região da Campanha – URCAMP, em Santana do Livramento -RS, e no Centro Regional de professores Del Norte - CERP Del Norte, em Rivera (Uruguai). Em alguns casos excepcionais, fomos até as residências de alguns participantes para concluir as coletas, quando estas não podiam ser concluídas nas instituições anteriormente citadas.

3.5 Testes de reconhecimento lexical

Esses testes se fizeram necessários, como já explicamos, em virtude de termos dúvidas de que os bancos de dados sobre frequência de palavras, que foram consultados por nós na elaboração das tarefas, contemplassem totalmente o léxico utilizado pelos falantes da região testada. Por exemplo, o CREA, que é disponibilizado pela RAE, tem por meta descrever o espanhol falado no mundo hispânico em geral, mas há palavras frequentes no espanhol da região de fronteira onde fizemos as coletas que não apareciam no *corpus* consultado, ou cuja frequência era considerada muito baixa.

Os testes de reconhecimento lexical, aplicados após a tarefa, constavam de listas com as palavras que apareciam em cada tarefa, em português ou espanhol. Nosso objetivo era verificar se os participantes conheciam os nomes dos desenhos

na sua L2 e se reconheciam as palavras distratoras que apareciam na sua L1, para poder controlar os efeitos de desconhecimento lexical nos resultados. A lista para os bilíngues português-espanhol continha 297 palavras (ver apêndice I) e a lista para os bilíngues espanhol-português continha 303 palavras (ver apêndice J). Nos dois casos, os participantes foram solicitados a assinalar as palavras que conheciam⁴⁸.

3.6 Análise dos dados

Através do uso do *E-merge* e do *E-DataAid*, que são componentes do *E-prime*, os dados foram fundidos, filtrados e salvos em arquivo especializado que permite exportá-los para softwares estatísticos como o SPSS 17.0, que foi utilizado para proceder a análise estatística. Nas análises, foi usado o Modelo linear geral, que forneceu a estatística descritiva e a variância dos efeitos nos participantes (ANOVA de Medidas Repetidas – Testes de efeitos entre sujeitos). A partir dessa primeira etapa, que apontou relevâncias significativas, foram realizados testes-T, a fim de identificar em que condições os efeitos significativos apareciam. Em virtude da configuração ortogonal dos experimentos, foram feitas: comparações entre os tipos de efeitos de interferência testados (semântica x de identidade x fonológica); comparações entre os tipos de palavras (cognatas x não-cognatas x falso-cognatas); comparações entre os tipos de condição de relação (relacionada x não-relacionada); interações entre os tipos de efeitos de interferência e os tipos de palavras; interações entre os tipos de efeitos de interferência e os tipos de condição de relação; e interações entre os tipos de palavras e os tipos de condição de relação. O nível de significância adotado em todas as análises foi $p < ,05$.

É importante, ainda, ressaltar que os filtros a que nos referimos anteriormente referem-se à manutenção ou exclusão dos participantes, conforme os critérios da pesquisa (realização de todas as etapas da coleta, desempenho na prova de proficiência e desempenho nos testes específicos – mais de 50% de acurácia). Além disso, a avaliação da acurácia das respostas também seguiu

⁴⁸ Devido ao número de palavras envolvidas em cada experimento e como os alunos alegaram desconhecer muito poucas delas, alguns preferiram assinalar só as que desconheciam. Nesse caso, foi solicitado que indicassem no instrumento como ele foi respondido.

determinados critérios. Foram consideradas respostas erradas: 1) respostas que não correspondiam ao nome do desenho na L2; 2) falhas de gravação; e 3) disfluências verbais (produção de sons não-verbais que acionavam a chave de voz, reparos de fala, gagueira). Das análises de tempo de reação também foram excluídas as respostas iniciadas com menos de 300ms e com mais de 4000ms (esse índice é mais alto do que o que é normalmente adotado em muitas pesquisas, devido à média de idade dos participantes ser um pouco mais alta, 38 anos, tema que foi brevemente discutido na seção 2.2 desta tese).

As análises dos tempos de reação e de acurácia foram feitas, juntando os dois tipos de bilíngues num grupo só, uma vez que a tarefa em si era a mesma (nomear na L2), as línguas envolvidas eram as mesmas (português e espanhol), a média de idade dos bilíngues também era igual (38 anos), e todos viviam na mesma região onde foi feita a coleta de dados. Acreditamos que o fato de alguns terem o português como L1 e o espanhol como L2, e outros terem o espanhol como L1 e o português como L2, não tenha implicações significativas em termos cognitivos. Por outro lado, os testes de reconhecimento lexical foram analisados separadamente, porque as palavras não eram necessariamente as mesmas em cada experimento, portanto, as listas eram específicas para cada grupo de bilíngue.

3.7 Estudo piloto

Um estudo piloto foi desenvolvido com o objetivo de observar os efeitos de interferência interlinguística e efeito cognato, a partir das médias de tempo de reação de resposta e acurácia. Contamos com uma amostra de 18 bilíngues português-espanhol, de nível intermediário, que aceitaram participar voluntariamente do estudo. Os sujeitos eram acadêmicos brasileiros de um curso de graduação em Letras/ Espanhol e tinham, em média, 3 anos de estudo da L2.

No piloto constatou-se que na condição relacionada houve rápida latência de nomeação. Foi significativa estatisticamente a comparação envolvendo a natureza da relação entre desenho e palavra distratora (relacionada x não relacionada) ($F(1,12)= 6,52$, $MSE=61067,16$, $p=,025$). Também observou-se nas médias de

tempo de reação que no contexto de interferência semântica a nomeação foi mais rápida na condição relacionada, o que contraria as expectativas de que o fato de desenho e palavra distratora serem da mesma categoria semântica possibilitaria a ocorrência de interferência e, assim, tornaria a nomeação mais lenta. Quanto ao efeito de identidade interlinguística, os dados mostraram que a nomeação foi mais rápida na condição relacionada, ou seja, parecem fortalecer as previsões da HSE de que somente um dos léxicos é examinado. No caso do efeito de facilitação fonológica/ortográfica, a nomeação foi mais rápida na condição relacionada tanto com palavras cognatas quanto com falsos cognatos. Porém, os falsos cognatos parecem oferecer maior dificuldade ao falante, haja vista a diferença entre as médias do tempo de reação nas palavras cognatas e nos falsos cognatos na condição relacionada. Observou-se que as diferenças entre os tipos de palavras (*status cognato*) foram significativas estatisticamente ($F(1,12)=27,05$, $MSE=58973,97$, $p=,000$). Esses resultados evidenciaram que o efeito cognato precisava ser melhor avaliado, o que demandava uma estrutura experimental diferenciada, a qual estabelecesse equiparação de todas as condições e efeitos testados.

Em suma, os resultados deste estudo-piloto evidenciaram a ocorrência de efeitos de interferência interlinguística (bastante incipientes), e efeito cognato, neste último com índices significativos estatisticamente. Porém, nosso piloto apresentou limitações importantes. Uma delas se refere ao formato do experimento, pela necessidade de testar todos os tipos de interferência interlinguística com todos os tipos de palavras, o que requer um desenho ortogonal do experimento para aportar um panorama mais completo dos resultados. A outra se refere à caracterização mais específica e detalhada dos participantes, utilizando-se de exames de proficiência linguística e questionário que contemple a história linguística do participante⁴⁹, a fim de melhor defini-lo como bilíngue.

Todas essas constatações foram levadas em consideração no momento de montar os instrumentos para a coleta definitiva para a tese. No próximo capítulo, apresentaremos as análises bem como as discussões dos dados.

⁴⁹ Seguindo as sugestões de Grosjean (2006).

3.8 Síntese do capítulo

Ao longo desse capítulo apresentamos os objetivos e hipóteses do nosso estudo, além de uma descrição minuciosa de todos os procedimentos metodológicos adotados. Gostaríamos de ressaltar, em síntese, que trata-se de uma pesquisa experimental, dentro do paradigma de interferência desenho-palavra, aplicada em bilíngues português-espanhol e espanhol-português, cuja amostra de conveniência foi constituída de pessoas que se dispuseram voluntariamente a participar e cumpriram todas as etapas de testes.

Foram elencadas como variáveis independentes: os efeitos de interferência semântica, de identidade interlinguística e de facilitação fonológica/ortográfica, além do *status* cognato das palavras e as condições de relação (relacionada, não-relacionada); e como variáveis dependentes: os tempos de reação e a acurácia das respostas. Salientamos, ainda, que para alcançar nosso objetivo maior de compreender melhor o acesso lexical e a produção de fala bilíngue, e controlar adequadamente as variáveis, nossos experimentos ganharam uma configuração ortogonal, que possibilitou fazer o cruzamento de resultados entre os diferentes efeitos testados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, faremos a análise e discussão dos resultados, estabelecendo relações com as hipóteses levantadas. Inicialmente, apresentaremos e analisaremos os resultados dos tempos de reação, depois a acurácia e, finalmente, os testes de reconhecimento lexical.

4.1 Tempos de reação

4.1.1 Panorama geral

Começaremos a análise dos dados, apresentando os resultados gerais dos tempos de reação de resposta de todos os participantes. Na tabela 3, aparecem a média dos tempos de reação (TR) e o desvio padrão (DP) em cada condição (relacionada x não-relacionada), nos diferentes tipos de interferência (semântica – IS, identidade – II, fonológica – FFO), e com os diferentes tipos de palavras (cognatas, não-cognatas e falso-cognatas).

Tabela 3: Média dos tempos de reação (TR) e desvio padrão (DP)

		IS		II		FFO	
		CR	CNR	CR	CNR	CR	CNR
Cognatos	Média – TR	1134,19	1118,13	886,11	1129,9	1102,50	1141,83
	DP	249,86	258,64	248,83	293,83	255,33	251,55
Não-Cognatos	Média – TR	1491,95	1395,2	1481,26	1507,79	1334,20	1414,10
	DP	301,31	284,67	314,25	295,53	287,96	277,92
Falsos Cognatos	Média – TR	1289,86	1255,87	1325,80	1400,97	1246,02	1400,74
	DP	277,53	300,44	299,91	313,92	332,64	259,47

Nota: TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; CR=condição relacionada; CNR=condição não-relacionada; IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica.

Em linhas gerais, a Tabela 3 mostra que a nomeação foi mais rápida na condição não-relacionada, nos contextos envolvendo efeitos de interferência semântica (IS), e na condição relacionada, nos contextos envolvendo efeitos de identidade interlinguística (II) e de facilitação fonológica/ortográfica (FFO). Além disso, observa-se que as palavras cognatas foram nomeadas mais rapidamente, seguidas pelas falso-cognatas e, por último, as não-cognatas.

Antes de apresentarmos os dados da análise estatística, queremos lembrar que as mesmas foram feitas a partir das seguintes comparações das médias de tempo de reação: 1) entre os tipos de efeitos de interferência testados (semântica x de identidade x fonológica); 2) entre os tipos de palavras (cognatas x não-cognatas x falso-cognatas); e 3) entre os tipos de condição de relação (relacionada x não-relacionada). Além disso analisou-se as seguintes interações de médias: 1) entre os tipos de efeitos de interferência e os tipos de palavras; 2) entre os tipos de efeitos de interferência e os tipos de condição de relação; e 3) interações entre os tipos de palavras e os tipos de condição de relação.

Ao submetermos os dados obtidos a análises estatísticas, constatamos que a comparação entre todas as condições relacionada e não-relacionada foi significativa ($F(1,22)=6,87$, $MSE=41515,69$, $p<,05$) e ($t(22)=-2,62$, $p<,05$). Também foi constatada significância na interação entre tipos de interferência e as condições (relacionada - não-relacionada) ($F(2,44)=6,80$, $MSE=39847,02$, $p<,05$), especificamente, na comparação das médias de tempo de reação, envolvendo o efeito facilitação fonológica/ortográfica (FFO) ($t(22)=3,02$, $p<,01$) e o efeito de identidade interlinguística (II) ($t(22)=2,84$, $p<,01$), o mesmo não ocorrendo com o efeito de interferência semântica (IS). Cabe ressaltar que a significância estatística envolvendo os tipos de condição é observada no conjunto das condições e não em casos isolados.

Outro resultado que teve relevância estatística relaciona-se com o *status* cognato das palavras ($F(2,44)=88,60$, $MSE=50010,29$, $p<,01$). Da mesma forma, foi significativa a interação entre tipos de interferência e *status* cognato, ($F(4,88)=6,83$, $MSE=33784,99$, $p<,01$). Os resultados também mostram que a distinção cognata foi significativa estatisticamente nas comparações entre as três condições (cognatas, não-cognatas e falso-cognatas): entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=-8,79$, $p<,01$); entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=-14,25$, $p<,01$); e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=-4,02$, $p<,01$). Ao analisar-se a interação entre os tipos de

interferência e o *status* cognato, constatou-se que tiveram relevância estatística as comparações das medias dos tempos de reação: no efeito de facilitação fonológica/ortográfica (FFO) entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=-7,41$, $p<,01$) e entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=-7,22$, $p<,01$); no efeito de identidade interlinguística (II) entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=-8,94$, $p<,01$), entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=-10,80$, $p<,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=-3,71$, $p<,01$); e, no efeito de interferência semântica (IS) entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=-3,26$, $p<,01$), entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=-6,50$, $p<,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=-3,07$, $p<,01$).

Também foi constatada significância nas comparações das interações entre os efeitos do *status* cognato na condição não-relacionada ($F(2,44)=34,82$, $MSE=50380,73$, $p<,01$) e na condição relacionada ($F(2,44)=61,59$, $MSE=44559,08$, $p<,01$); e entre os efeitos de interferência semântica e *status* cognato ($F(4,88)=8,03$, $MSE=31205,41$, $p<,01$).

Em suma, foram encontrados resultados significativos na maioria das comparações, com todas as variáveis independentes. Só não houve significância estatística: na comparação entre os tipos de interferência entre si (IS x II x FFO); na interação das médias de tempo de resposta entre os tipos de interferência e os tipos de condição de relação, no efeito de interferência semântica (IS); na interação entre as médias de TR entre efeitos de interferência e tipos de palavra, na comparação dos tempos de resposta no efeito de facilitação fonológica/ortográfica (FFO) entre não-cognatas e falso-cognatas. Esses resultados mostram o potencial do *status* cognato no processo de lexicalização, em virtude da significância estatística identificada tanto isoladamente quanto em interação com os outros efeitos de interferência testados nos experimentos⁵⁰. Além disso, a ausência de significância estatística na comparação dos efeitos de interferência entre si pode ser uma evidência da importância de se analisar melhor o *status* cognato das palavras envolvidas, antes de julgar tais efeitos. Em vista disso, a continuação, discutiremos os resultados de cada efeito de interferência, separadamente, e sua relação com o *status* cognato das palavras.

⁵⁰ Após analisar detalhadamente os resultados de cada tipo de efeito, na próxima página 109 apresentaremos um gráfico ilustrativo dos tempos de reação nos diferentes efeitos testados.

4.1.2 Efeito de Interferência Semântica

Na Tabela 4, abaixo, constam os resultados dos tempos de reação (TR) e o desvio padrão (DP), nos contextos envolvendo interferência semântica.

Tabela 4: Efeito de Interferência Semântica

	Cognatos		Não-cognatos		Falsos cognatos	
	CR	CNR	CR	CNR	CR	CNR
Média – TR	1134,19	1118,13	1491,95	1395,2	1289,86	1255,87
DP	249,86	258,64	301,31	284,67	277,53	300,44

Nota: TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; CR=condição relacionada; CNR=condição não-relacionada.

Para avaliar esse efeito, na condição relacionada, usamos desenhos e palavras distratoras que eram da mesma categoria semântica (como moto e bicicleta, por exemplo) e na condição não-relacionada, desenhos e distratoras que não tinham relação semântica. A expectativa era de que a nomeação seria mais lenta na condição relacionada, em virtude da competição entre os dois itens lexicais, e por isso se configura um efeito de interferência semântica. Cabe lembrar que antes do desenho, a palavra semanticamente relacionada (ou não-relacionada) aparecia na L1 do participante, mas o nome do desenho deveria ser dito na L2.

Conforme a Tabela 4, percebe-se que houve uma tendência, apesar de não termos encontrado relevância estatística, para a nomeação mais rápida em todas as condições não-relacionadas no efeito de IS. A rapidez de nomeação nessa condição justifica-se pelo fato de que desenho e palavra distratora não compartilham relações semânticas, e, portanto, não há lugar para competição lexical. Os efeitos de interferência semântica, evidenciados pela nomeação mais lenta na condição relacionada, podem ter sua origem no fato de que o desenho ativa os nós lexicais correspondentes na L1 e na L2, e a distratora ativou a sua própria representação semântica na L1 e os nós lexicais correspondentes na L1 e na L2. Tais considerações nos permitem explicar as respostas mais lentas na condição relacionada, mas não nos permitem julgar se a competição ocorre entre itens

lexicais na mesma língua ou em línguas diferentes. A Figura 14 ilustra esse contexto.

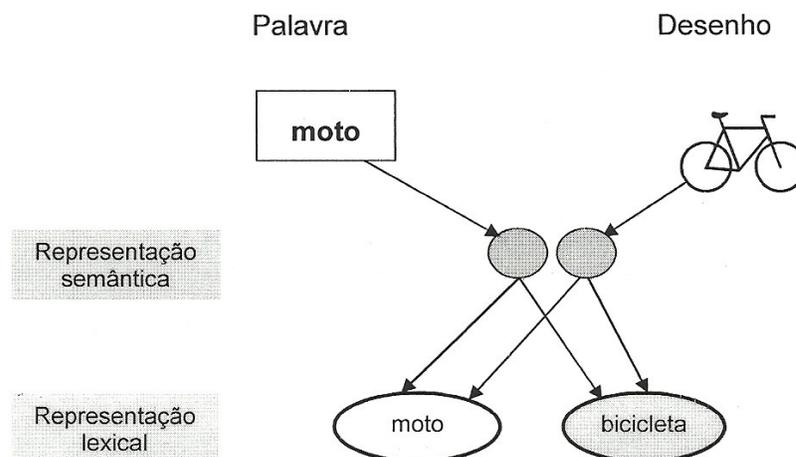


Figura 14: Contexto de competição semântica

Nota-se que o nó lexical na L2 foi duplamente ativado (pelo desenho e pela palavra distratora), porém também houve ativação de duas representações semânticas (a do desenho e a da palavra distratora) e dupla ativação de outro nó lexical (na L1). Essas constatações nos levam a refletir sobre o mecanismo de seleção e sobre a ocorrência de competição. De acordo com Costa et.al. (1999), a competição lexical não seria entre as línguas, mas internamente entre itens lexicais na língua de resposta. Entretanto, segundo Costa, Navarrete & La Heij (2006), vários pesquisadores tem questionado a noção de que a interferência semântica tenha todas as condições de revelar a competição lexical, e de que isso possa ter sua origem no nível em que as representações semânticas são selecionadas. Consideramos esse argumento bastante plausível, uma vez que o significado parece ter um papel preponderante na lexicalização e o efeito de interferência semântica, como o próprio nome diz, está relacionado com as relações semânticas das palavras.

A Tabela 4 também mostra que, nas duas condições de relação, as palavras cognatas foram nomeadas mais rapidamente, seguidas pelas falso-cognatas, sendo as não-cognatas as mais lentas em termos de nomeação. Além disso, a diferença entre os tempos de reação, nas duas condições, também aumentou progressivamente, seguindo a mesma sequência (ou seja, cognatas, falso-cognatas e, por último, não-cognatas). Em suma, o efeito de interferência semântica (IS) foi menor entre as cognatas e maior entre as não-cognatas, o que pode ser tomado

como evidência do importante papel que o *status* cognato parece desempenhar no processo de lexicalização. Ressalta-se que, como já citamos anteriormente (seção 4.1.1), as comparações entre os tipos de palavras e esse efeito foram significativas estatisticamente.

A seguir, passaremos a discutir os resultados do efeito de identidade interlinguística.

4.1.3 Efeito de Identidade Interlinguística

Na Tabela 5 estão expostos os resultados dos tempos de reação (TR) e o desvio padrão (DP), nos contextos que testavam o efeito de identidade interlinguística. Cabe ressaltar que para avaliar tal efeito, na condição relacionada aparecia uma palavra distratora (na L1) que correspondia à tradução do nome do desenho e, na condição não-relacionada, desenho e palavra não tinham correspondência semântica alguma.

Tabela 5: Efeito de Identidade Interlinguística

	Cognatos		Não-cognatos		Falsos cognatos	
	CR	CNR	CR	CNR	CR	CNR
Média – TR	886,11	1129,9	1481,26	1507,79	1325,80	1400,97
DP	248,83	293,83	314,25	295,53	299,91	313,92

Nota: TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; CR=condição relacionada; CNR=condição não-relacionada.

Conforme o exposto na Tabela 5, a nomeação foi mais rápida na condição relacionada em todos os tipos de palavras, porém, entre as cognatas encontra-se o menor tempo de reação; em seguida aparecem as falso-cognatas e, por último, as palavras não-cognatas. Esses resultados foram significativos tanto nas interações entre as médias de TR do efeito de interferência e o tipo de condição de relação como entre as médias de TR desse efeito e os tipos de palavras, ou seja, os resultados envolvendo efeitos de identidade interlinguística confirmam o que estava previsto na hipótese 2b (H2b) deste estudo. Além disso, observamos que a

superioridade das médias entre as palavras cognatas, também poderia estar evidenciando a funcionalidade do princípio de interatividade entre as línguas, mas é preciso analisar o caso com mais detalhe.

Ressaltamos que esse era o contexto mais favorável para avaliar o potencial das palavras cognatas, uma vez que a condição relacionada atendia perfeitamente às suas características, a saber, significado e forma idênticos⁵¹. Por essa razão, víamos, nesse caso, as falso-cognatas e as não-cognatas como equivalentes, tendo em vista que as primeiras não compartilham significado, embora possam ter alguns traços fonológicos em comum, mas as segundas não compartilham forma e nem significado. Entretanto, no contexto desse efeito de interferência, foi constatada diferença significativa na comparação dos tempos de reação dos três tipos de palavras entre si, inclusive entre as falso-cognatas e as não-cognatas. Isso pode ser tomado como argumento para reforçar a ideia de que o *status* cognato tem papel importante no processo de acesso lexical e de produção de fala. Fato que precisa ser mais investigado, porque pode trazer implicações para o contexto formal de ensino e aprendizagem de L2, no sentido de evidenciar quais palavras podem ser melhor processadas ou adquiridas a partir de algum tipo de intervenção pedagógica específica.

Ainda com relação ao efeito de identidade interlinguística propriamente dito, em consonância com as ideias de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), acreditamos que os resultados obtidos indicam que o desenho provavelmente ativou os nós lexicais correspondentes na L1 e na L2, e a palavra distratora enviou extra-ativação à representação semântica (pois corresponde à representação semântica do desenho) e ativou os nós lexicais correspondentes na L1 e na L2. Assim, o nó lexical da L2, que é requerido para a resposta, é duplamente ativado, ao passo que o da L1 acaba sendo neutralizado.

A Figura 15, abaixo, ilustra o exposto até aqui.

⁵¹ Em vista disso, embora o foco aqui era analisar o efeito de identidade interlinguística, também podemos considerar os resultados das cognatas como indícios de facilitação fonológica/ortográfica, porque na condição relacionada, como não poderia deixar de ser, o nome do desenho na L2 e a palavra distratora eram parecidos fonológica e ortograficamente.

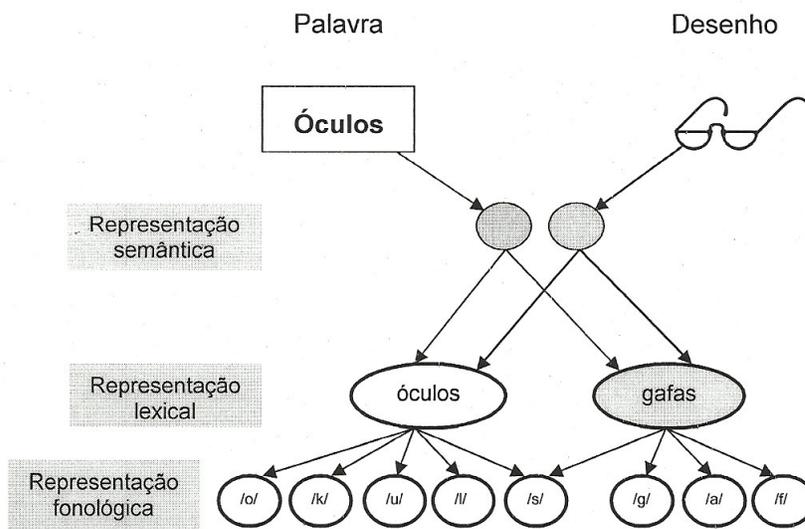


Figura 15: Seleção lexical na condição de identidade entre as línguas⁵²

Com relação à evidência da funcionalidade do princípio de interatividade entre as línguas, que sugerimos a partir dos resultados da cognatas, tem razão de ser pelo fato de que esse tipo de palavra compartilha muitos traços fonológicos, o que poderia facilitar a nomeação na condição relacionada (conforme ilustrado na Figura 16, a seguir). Mas não podemos defender firmemente essa ideia com base nesses resultados, porque há também o compartilhamento de significados. Em vista disso, concordamos com a sugestão de Costa, La Heij & Naverrete (2006) de que o uso de falsos cognatos permitem avaliar melhor esse princípio.

⁵² A Figura 14 apresenta o processo de seleção de uma palavra não-cognatas, por um bilíngue português-espanhol, ao nomear na sua L2. A nossa escolha por esse tipo de palavra visava a variar os tipos de palavras entre os esquemas ilustrativos. Até porque pensamos que o esquema exposto, até o nível lexical, seria o mesmo para todos os tipos de palavra. A diferença passaria a acontecer, no caso de ativação, no nível fonológico, em que as cognatas e falso-cognatas teriam mais compartilhamento de segmentos, como será evidenciado a continuação.

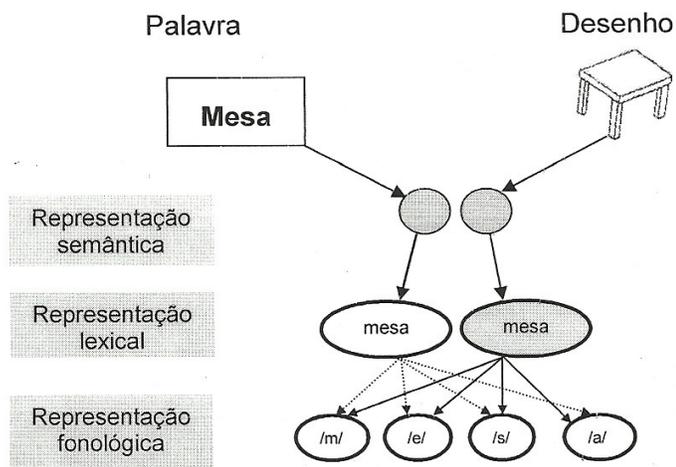


Figura 16: Esquema de nomeação de vocábulo cognato

De acordo com a Figura 16, fica evidente o alto compartilhamento de segmentos entre as cognatas, e a dupla ativação da mesma representação semântica, o que explicaria a rápida nomeação dessas palavras. Mas não há evidência suficiente, nesse caso, para a defesa de que o princípio de interatividade seja funcional entre as línguas.

Na próxima seção, passaremos a discutir os resultados do efeito de facilitação fonológica/ortográfica.

4.1.4 Efeito de Facilitação Fonológica/Ortográfica

A Tabela 6 expõe os resultados dos tempos de reação (TR) e o desvio padrão (DP), nos contextos envolvendo efeitos de facilitação fonológica/ortográfica. A facilitação é esperada quando, na condição relacionada, a palavra distratora apresenta similaridade fonológica ou ortográfica com o nome do desenho, e na condição não-relacionada, não há correspondência entre o nome do desenho e a distratora. Esse efeito está intrinsecamente relacionado com a ideia de ativação sublexical, a qual prevê que quanto mais traços fonológicos as palavras compartilharem, mais rápida será a nomeação, ou seja, cognatas seriam nomeadas mais rapidamente do que as não-cognatas.

Como o objetivo era testar esse efeito, exclusivamente, tomamos o cuidado para que o único traço compartilhado entre as palavras fosse o fonológico. Assim,

cognatas, não-cognatas e falso-cognatas se tornariam equivalentes, pois não havia correspondência semântica entre o nome do desenho e a distratora. Em vista disso, também era esperada facilitação da nomeação entre as não-cognatas e as falso-cognatas. Dessa forma, foi possível avaliar melhor a funcionalidade do princípio de interatividade entre as línguas.

Tabela 6: Efeito de Facilitação Fonológica/Ortográfica

	Cognatos		Não-cognatos		Falsos cognatos	
	CR	CNR	CR	CNR	CR	CNR
Média – TR	1102,50	1141,83	1334,20	1414,10	1246,02	1400,74
DP	255,33	251,55	287,96	277,92	332,64	259,47

Nota: TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; CR=condição relacionada; CNR=condição não-relacionada.

Conforme a tabela anterior, os dados estão de acordo com o previsto na hipótese 2c deste estudo, porque a nomeação mais rápida foi das cognatas na condição relacionada. Além disso, em geral, as palavras foram nomeadas mais rapidamente em todas as condições relacionadas, ou seja, a similaridade fonológica entre o nome do desenho e a distratora parece facilitar a nomeação.

Entretanto, queremos ressaltar que ao contrastar-se as médias dos TR das palavras na condição relacionada entre os efeitos de facilitação (FFO) e de identidade (II), exposto na seção anterior, percebe-se que as cognatas tiveram menor TR no efeito II (886,11). Diferentemente, os outros tipos de palavras tiveram média de TR maior (1481,26, nas não-cognatas e 1325,80, nas falso-cognatas) na condição relacionada do efeito de identidade (II). Esse contexto mostra que na falta de correspondência semântica, a ativação fonológica pode facilitar a nomeação, ou seja, o princípio de interatividade (discutido na seção 2.4.2, desta tese) parece ser funcional entre as línguas.

Por outro lado, os resultados das falso-cognatas são os principais indícios disso, uma vez que esse tipo de palavra, nesse contexto, é o que mais compartilha traços fonológicos, porém ligados a representações semânticas distintas. Dessa forma, entende-se que somente a ativação fonológica bidirecional poderia conectar mais rapidamente os conceitos esperados.

A Figura 17 ilustra o esquema de nomeação de um falso-cognato.

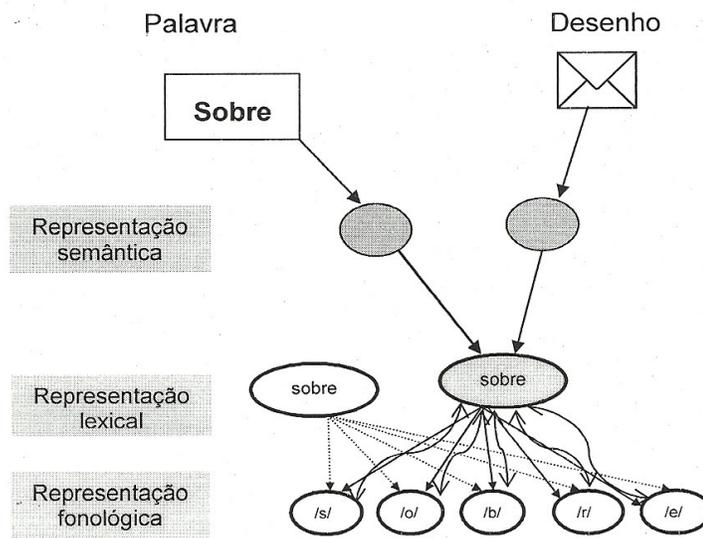


Figura 17: Esquema de nomeação de vocábulo falso-cognato

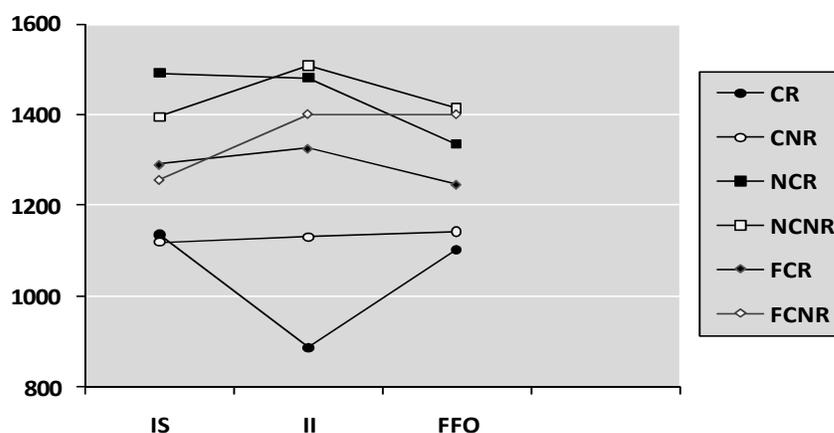
Cabe ressaltar que compartilhamos da ideia de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), com relação a um mecanismo não-lexical que transforma ortografia em representação fonológica (descrito na seção 2.4.1 desta tese), principalmente, devido aos dados obtidos com os falsos cognatos, na condição relacionada (quando a palavra distratora era a tradução do falso-cognato na outra língua). É importante lembrar que nesse caso, para a resposta ser mais rápida, seria necessária a ativação lexical a partir da tradução (a palavra **sobre**, que em português é preposição ou advérbio, seguindo o exemplo ilustrado na Figura 17), a qual não compartilha a mesma representação semântica do desenho (**envelope**, em português). Note-se, assim, que a concepção de ativação interativa, partindo dos segmentos fonológicos em direção ao nível lexical, parece encontrar sustentação em nossos dados.

Considerando-se os resultados descritos e discutidos até aqui, podemos afirmar que os mesmos podem ser tomados como evidência de que o mecanismo de seleção é específico na língua e que o princípio de interatividade é funcional entre as línguas. Além disso, observou-se novamente que o *status* cognato das palavras parece desempenhar papel importante no processo de lexicalização. Fato que precisa ser mais investigado, no sentido de verificar a sua extensão.

Destaca-se que, nesse caso, foram significativas estatisticamente: a comparação das médias de TR do efeito de interferência e o tipo de condição de relação; e a comparação das médias de TR entre as cognatas e falso-cognatas e

entre as cognatas e não-cognatas. Isso significa que as nossas expectativas iniciais sobre os dois efeitos testados, o cognato e o de facilitação, expressadas nas hipóteses 2c, 3 e 4, foram parcialmente confirmadas, uma vez que na comparação das médias de TR entre as falso-cognatas e não-cognatas não houve significância estatística. Mas isso de certa forma é compreensível, uma vez que o efeito cognato originalmente foi concebido para distinguir cognatas e não-cognatas e, talvez a inserção das falso-cognatas possa ter influenciado para essa não-relevância estatística total.

O Gráfico 1, abaixo, ilustra os resultados obtidos. Nele podemos observar nitidamente as diferentes tendências de resposta entre os três tipos de palavras e as duas condições de relação, nos três tipos de efeito de interferência.



Nota: CR=cognata relacionada; CNR=cognata não-relacionada; NCR=não-cognata relacionada; NCNR=não-cognata não-relacionada; FCR=falso-cognata relacionada; FCNR=falso-cognata não-relacionada; IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica.

Gráfico 1: Média dos tempos de reação entre os diferentes efeitos de interferência e diferentes tipos de palavras, nas diferentes condições

É importante ressaltar a grande diferença entre os demais tipos de vocábulos e as cognatas, pois estas foram as palavras que demoraram menos tempo para serem nomeadas, em todas as condições de relação, e apresentaram certa estabilidade dos resultados nas condições não-relacionadas (CNR). Além disso, destacamos também o fato de que as menores médias dos tempos de reação nas palavras não-cognatas e nas falso-cognatas ocorreram nos testes envolvendo o

efeito de facilitação (FFO), o que mostra o potencial do *status cognato* no processo de acesso lexical e produção de fala. Em outras palavras, quando não há correspondência semântica entre o nome do desenho e a palavra distratora, mas há similaridade fonológica, a ativação bidirecional facilita o processo de nomeação. Na próxima seção, passaremos a discutir os resultados da acurácia das respostas.

4.2 Acurácia

A partir de agora apresentaremos os resultados relativos à acurácia das respostas dos participantes. Lembramos que a acurácia não está exclusivamente ligada à noção de nomeação certa ou errada, pois, conforme já explicitamos (na seção 3.6, do capítulo anterior), falhas de gravação e disfluências verbais também foram computadas como erro⁵³. Na Tabela 7, aparecem a média da acurácia e o desvio padrão (DP) em cada condição (relacionada x não-relacionada), nos diferentes tipos de interferência (semântica – IS, identidade – II, fonológica – FFO), e com os diferentes tipos de palavras (cognatas, não-cognatas e falso-cognatas).

Tabela 7: Média de acurácia das respostas e desvio padrão (DP)

		IS		II		FFO	
		CR	CNR	CR	CNR	CR	CNR
Cognatos	Média – TR	0,770	0,783	0,88	0,887	0,822	0,861
	DP	0,1329	0,1370	0,117	0,1058	0,1204	0,1270
	%	76,95	78,26	87,82	88,69	82,17	86,08
Não-Cognatos	Média – TR	0,570	0,587	0,500	0,483	0,635	0,613
	DP	0,2055	0,1792	0,1679	0,1850	0,1434	0,1180
	%	56,95	58,96	50	48,26	63,47	61,30
Falsos Cognatos	Média – TR	0,674	0,683	0,630	0,657	0,713	0,696
	DP	0,1421	0,1154	0,1490	0,1854	0,1792	0,1637
	%	67,39	68,26	63,04	65,65	71,30	69,56

Nota: TR=tempo de reação, DP=desvio padrão; CR=condição relacionada; CNR=condição não-relacionada; IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica; %=percentual de acurácia.

⁵³ Na tabela 7 a seguir, apresentaremos uma síntese dos erros constatados bem como os percentuais de ocorrência dos mesmos.

Conforme a Tabela 7, observa-se importante diferença entre os percentuais de acertos e os tipos de palavras. O maior percentual encontra-se entre as cognatas na condição não-relacionada, no efeito de identidade interlinguística (88,69%) e o menor encontra-se entre as não-cognatas, na condição não-relacionada, também no efeito de identidade interlinguística (48,26%). Em geral, após as análises estatísticas, observou-se diferença significativa entre os tipos de efeitos de interferência ($F(2,44)=5,16$, $MSE=,021$, $p<,05$), na comparação entre os efeitos de facilitação fonológica (FFO) e de identidade (II) ($t(22)=2,86$, $p<,01$) e entre os efeitos de facilitação fonológica (FFO) e de interferência semântica (IS) ($t(22)=2,84$, $p<,05$). O *status* cognato das palavras também foi significativo ($F(2,44)=90,29$, $MSE=,028$, $p<,01$), e as comparações das médias de acurácia entre os três tipos de palavras teve significância nas comparações entre: cognatas e falso-cognatas ($t(22)=8,32$, $p<,01$), cognatas e não-cognatas ($t(22)=11,16$, $p<,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=6,71$, $p<,01$).

Ressalta-se que os maiores índices percentuais de acertos se encontram entre as cognatas (superiores a 70%), em segundo lugar aparecem os percentuais das falso-cognatas (superiores a 60%) e em terceiro lugar, estão os índices percentuais das não-cognatas (oscilando em torno dos 50%). Além disso, as médias de acurácia das respostas foram superiores em quase todas as condições não-relacionadas, comparando-se com as correspondentes condições relacionadas. Isso só não se constatou entre as não-cognatas nos efeitos de identidade interlinguística, cujo percentual de acertos na condição não-relacionada foi o menor de todos (48,26%), e nos efeitos de facilitação fonológica, e entre as falso-cognatas no efeito de facilitação fonológica (69,56%).

Também observou-se que a interação entre tipos de interferência e *status* cognato foi significativa, ($F(4,88)=5,53$, $MSE=,025$, $p<,01$), sendo identificados resultados significativos estatisticamente nas comparações das médias de acurácia: no efeito de facilitação fonológica/ortográfica entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=4,20$, $p<,01$), entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=6,32$, $p<,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=2,32$, $p<,05$); no efeito de identidade interlinguística entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=7,89$, $p<,01$), entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=13,77$, $p<,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=4,58$, $p<,01$); e no efeito de interferência semântica entre cognatas e falso-cognatas ($t(22)=3,65$,

$p < ,01$), entre cognatas e não-cognatas ($t(22)=4,86$, $p < ,01$), e entre falso-cognatas e não-cognatas ($t(22)=2,55$, $p < ,05$).

Ao analisar cada tipo de efeito de interferência testado e o *status* cognato, observa-se que, entre as cognatas, o maior percentual de acertos aparece na condição não-relacionada do efeito de identidade interlinguística (88,69%) e o menor na condição relacionada do efeito de interferência semântica (76,95%). Entre as falso-cognatas, o maior percentual de acertos encontra-se na condição relacionada do efeito de facilitação fonológica/ortográfica (71,30%) e o menor na condição relacionada do efeito de identidade interlinguística (63,04%). Já no caso das não-cognatas, a acurácia foi maior na condição relacionada do efeito de facilitação fonológica/ortográfica (63,47%) e a menor na condição não-relacionada do efeito de identidade interlinguística (48,26%).

Quanto às médias de acurácia entre os tipos de efeito e tipos de palavra, constata-se que entre as cognatas, os maiores percentuais de acertos aparecem respectivamente nos efeitos de: identidade interlinguística, facilitação fonológica/ortográfica, e interferência semântica. Por outro lado, entre as não-cognatas e as falso-cognatas, os maiores percentuais de acertos aparecem respectivamente nos efeitos de: facilitação fonológica/ortográfica, interferência semântica, e identidade interlinguística. A primeira vista, a constatação do efeito com maior acurácia em cada tipo de palavra parece ilustrar uma coincidência entre as falso-cognatas e as não-cognatas e uma aparente divergência dessas palavras e as cognatas. Porém, ao se analisar os resultados mais detalhadamente, percebe-se que há um aspecto em comum entre os efeitos com maior acurácia e os tipos de palavras: a presença de ativação fonológica. De fato, como já foi mencionado anteriormente, o efeito de identidade interlinguística é o contexto ideal para se observar a maior combinação fonológica e semântica das cognatas, uma vez que na condição relacionada a distratora corresponde à tradução do nome do desenho e, portanto compartilha a grande maioria dos segmentos, o que facilitaria a ocorrência de ativação fonológica. Por outro lado, como as não-cognatas e falso-cognatas não compartilham forma e significado em sua essência, a ativação sublexical só seria possível no contexto envolvendo o efeito de facilitação fonológica/ortográfica, porque o mesmo prevê, na condição relacionada, vocábulo que compartilha traços fonológicos com o nome do desenho.

Esses resultados parecem reforçar a ideia de que o princípio de interatividade é funcional entre as línguas, e parece relacionar-se com o nível de acurácia, tendo em vista que, em geral, os contextos que mais possibilitavam a ativação fonológica, as médias de acurácia foram superiores. Identificamos maiores índices de respostas corretas na condição relacionada entre as cognatas, junto ao efeito de identidade e entre as não-cognatas e falso-cognatas, junto ao efeito de facilitação fonológica (quando as palavras compartilhavam segmentos fonológicos). Porém, também constatamos altos índices de acurácia nesses mesmos contextos na condição não-relacionada. Isso mostra que a evidência ainda não é suficiente para avaliar o que motivou maior ou menor acurácia. Até porque, a acurácia não dependeu somente de respostas incorretas, mas de outros desvios que foram classificados como erros, por exemplo, as falhas de gravação e disfluências verbais. Assim, ainda não podemos fazer julgamentos mais seguros quanto à relação entre o princípio de interatividade e a acurácia das respostas.

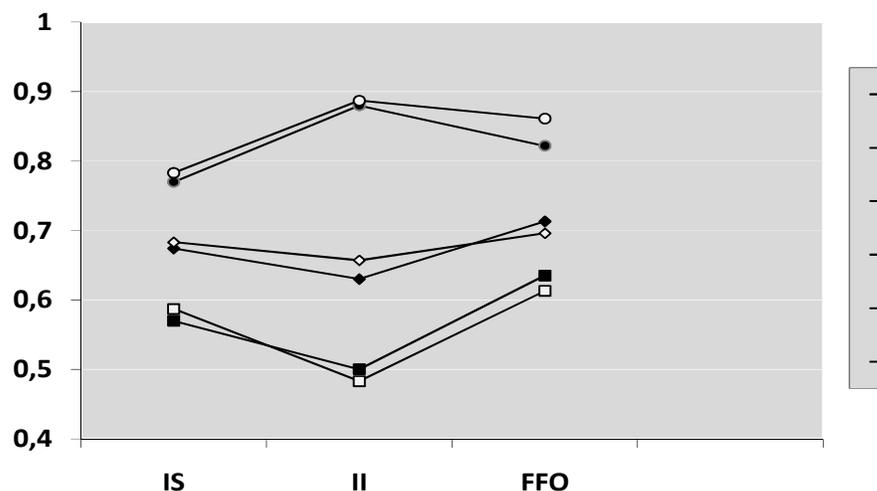
Ao analisar os dados expostos até aqui e comparando-os com os resultados dos tempos de resposta, observamos que no efeito de interferência semântica, foi constatada lenta latência de nomeação na condição relacionada, igualmente, a acurácia das respostas foi inferior, nessa condição de relação, entre todos os tipos de palavras. Isso equivale a dizer que a condição não-relacionada, em que tal efeito não aparece, foi a mais rápida e também a mais correta. No efeito de facilitação fonológica/ortográfica (quando na condição relacionada a palavra era semelhante fonologicamente ao nome do desenho) não houve compatibilidade entre os resultados dos efeitos e o percentual de acurácia. Quanto aos tempos de reação, recordamos que as respostas mais rápidas apareceram na condição relacionada, com todos os tipos de palavras, mas, no caso da acurácia, observamos que somente as não-cognatas e falso-cognatas tiveram maior percentual de acertos nessa condição. A maior acurácia entre as cognatas ocorreu na condição não-relacionada.

No caso do efeito de identidade, em que foi constatado que as nomeações mais rápidas ocorreram na condição relacionada (que incluía a tradução do nome do desenho) em todos os tipos de palavras, não houve correspondência entre os tempos de resposta e a acurácia. Observou-se que o maior índice de acertos na condição relacionada só ocorreu entre as não-cognatas; entre as cognatas e falso-cognatas a acurácia foi maior na condição não-relacionada, embora a diferença não

tenha sido muito grande. O resultado das falso-cognatas pode ser mais facilmente explicado, em virtude de que entram em jogo itens lexicais parecidos formalmente nas duas línguas, mas ligados a conceitos diferentes. Por exemplo, no experimento para bilíngues português-espanhol, o desenho de uma pipa (que significa *cometa*, em espanhol) era precedido pela palavra *pipa* (que significa cachimbo, em português). Mas, o resultado das cognatas, cujos itens lexicais compartilham muitos segmentos e ativam o mesmo conceito, é surpreendente. Em outras palavras, as cognatas foram as palavras similares, cuja nomeação foi mais rápida na condição relacionada, entretanto, a rapidez de nomeação não foi equivalente ao maior percentual de acurácia, nos mesmos contextos.

É possível que tais resultados evidenciem a existência de diferenças no processamento dos três tipos de palavras, o que acarreta velocidade de nomeação diferenciada entre elas. Por outro lado, Costa et. al. (2006) apresentaram algumas considerações com relação à sobrecarga que a similaridade linguística impõe ao sistema atencional, e talvez essa seja uma explicação alternativa para os resultados das cognatas, ou seja, a maior similaridade pode ter gerado uma sobrecarga no sistema atencional, o que poderia ter gerado índices menores de acurácia. Se esse for o caso, tal constatação poderia ser ampliada e servir para ilustrar o que já foi discutido anteriormente, com relação ao mito da facilidade de aprendizagem, quando as línguas envolvidas são português e espanhol. Foi mencionado que muitos aprendizes dessas línguas sentem muitas dificuldades para alcançar níveis mais avançados de proficiência, embora sejam línguas muito parecidas. Nossos dados permitem ponderar que, talvez, pelo fato de que grande parte do léxico é composto por palavras cognatas entre as línguas, haja a tal sobrecarga, sugerida por Costa et. al. (2006) e, por isso, a aquisição e uso acurado da L2 sejam prejudicados. Entretanto, ainda não temos evidências suficientes para explicar esse contexto.

O Gráfico 2, a seguir, ilustra os resultados sobre a acurácia das respostas descritos até aqui.



Nota: CR=cognata relacionada; CNR=cognata não-relacionada; NCR=não-cognata relacionada; NCNR=não-cognata não-relacionada; FCR=falso-cognata relacionada; FCNR=falso-cognata não-relacionada; IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica.

Gráfico 2: Média de acurácia entre os diferentes efeitos de interferência e diferentes tipos de palavras, nas diferentes condições

Conforme o gráfico anterior, é possível perceber os diferentes comportamentos com relação ao *status* cognato, no que se refere à acurácia das respostas. Os maiores escores de nomeações corretas correspondem às palavras cognatas, em segundo lugar estão as falso-cognatas e, por último, as não-cognatas.

Em tempo, na Tabela 7 expusemos os resultados relativos às respostas corretas, mas, mesmo não estando entre os nossos objetivos, vamos expor também um breve panorama das respostas consideradas erradas, observando o comportamento dos participantes, inclusive, as estratégias usadas para resolver o conflito entre as duas línguas e nomear os desenhos.

Na Tabela 8, a seguir, estão especificados os percentuais correspondentes a cada tipo de erro identificado.

Tabela 8: Análise das respostas classificadas como erradas

	Exclusão	Palavra relacionada	Disfluências; Falhas	Nome L1	Diferente	Distratora
ISCR	7,82	7,82	2,17	0	0	2,60
ISCNR	10	8,69	2,17	0,86	0	0
ISNCR	19,56	9,56	7,39	0,86	0,43	5,21
ISNCNR	22,17	13,91	3,04	2,17	0	0
ISFCR	14,34	7,39	3,04	7,82	0	0
ISFCNR	17,82	6,08	2,17	5,65	0	0
IICR	9,13	0,86	2,17	0	0	0
IICNR	7,82	1,73	1,73	0	0	0
IINCR	29,13	12,17	4,78	1,73	0,86	1,30
IINCNR	33,47	11,30	3,04	1,30	1,73	0,43
IIFCR	19,13	8,26	2,60	2,60	0,43	3,91
IIFCNR	19,13	6,52	0,86	5,21	0,43	0
FFOCR	7,82	6,52	3,04	0,43	0	0
FFOCNR	7,39	3,47	2,17	0,43	0,43	0
FFONCR	19,13	10	5,21	1,73	0,43	0
FFONCNR	20	12,17	4,34	1,73	0,43	0
FFOFCR	15,65	6,52	2,60	3,91	0	0
FFOFCNR	18,26	7,39	0,86	3,47	0,43	0

Nota: Nas siglas estabelecemos as seguintes correspondências: IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica; C=cognatas; NC=não-cognatas; FC=falso-cognatas; R=(condição) relacionada; NR=(condição) não-relacionada.

Antes de discutirmos os dados da Tabela 8, é necessário explicar que a mesma foi elaborada a partir de um processo, no qual analisamos as respostas classificadas como erradas e categorizamos os erros em seis grupos: exclusão de resposta (por ocorrer em menos de 300ms ou mais de 4000ms); produção de palavra semanticamente relacionada ao nome do desenho; disfluências verbais ou falhas de gravação; produção do nome do desenho na L1; produção de palavra totalmente diferente; e, resposta correspondente à uma distratora que precedeu ao desenho.

Após a categorização, calculamos os percentuais de ocorrência de cada caso. Cabe ressaltar que havia 18 condições com 10 respostas esperadas em cada uma e, como o grupo estava composto por 23 participantes, o total previsto,

portanto, era de 4.140 respostas. Desse total, houve 594 respostas classificadas como erradas, o que corresponde a um índice percentual de 14,35%.

Conforme o exposto na Tabela 8, constata-se que os maiores percentuais de erros correspondem a exclusões devido ao tempo de resposta. Nesse contexto, podemos notar certa compatibilidade dos resultados e aqueles obtidos nos tempos de reação válidos como resposta, uma vez que os maiores escores de exclusão apareceram nas não-cognatas, nas falso-cognatas e nas cognatas, respectivamente. Ao passo que, paralelamente, as maiores médias dos tempos de reação apareceram nas cognatas, nas falso-cognatas e nas não-cognatas. Ou seja, as palavras que mais demoraram para ser nomeadas estiveram mais sujeitas à exclusão.

Além das respostas excluídas, o segundo erro mais frequente se relaciona com uma estratégia usada pelos participantes para concretizar a nomeação, a produção de palavras relacionadas semanticamente com o nome do desenho. Por exemplo, em vez de dizer rosa, o participante dizia flor, ou no lugar de dizer tamanco, dizia sapato. Em outras palavras, os participantes usavam uma definição mais geral do desenho a ser nomeado.

O terceiro erro mais recorrente envolvia disfluências verbais e falhas de gravação. Os participantes, ao buscar em seu léxico mental o nome do desenho, instintivamente produziam sons (como ã, é), os quais acionavam a caixa de resposta (SRBOX), registrando essa produção como o início da nomeação, quando na verdade não o era. Houve, também, casos em que o participante demorava para iniciar a nomeação de um desenho, não conseguindo terminá-la até o aparecimento do próximo desenho, então o final de tal nomeação era captado pela SRBOX como início da resposta ao segundo desenho, ou seja, uma falha de gravação. Assim, para garantir a confiabilidade dos resultados, tais ocorrências foram consideradas erros.

Outras respostas classificadas como erros, embora com índices baixos, foram respectivamente: a nomeação do desenho na L1, ou seja, um caso de transferência, que apareceu em todos os efeitos testados; a produção de palavra totalmente diferente, principalmente, nos efeitos de identidade e de facilitação; e a nomeação correspondente à uma distratora que precedeu ao desenho, nos contextos que testavam os efeitos de interferência semântica e de identidade interlinguística.

A seguir, apresentaremos algumas análises e discussões a respeito dos testes de reconhecimento lexical.

4.3 Reconhecimento lexical

Esses testes foram realizados, por uma necessidade operacional, como forma de controlar o conhecimento das palavras que compunham os experimentos e o desempenho dos participantes, e de contemplar variedades regionais. Constava de uma lista com todas as palavras que apareciam nos experimentos, em que os participantes deveriam indicar as que eles (des)conheciam. As listas continham em torno de 300 palavras, incluindo os nomes dos desenhos na L2, e as distratoras na L1, usadas nas condições relacionada e não-relacionada. Inicialmente, apresentaremos os resultados do reconhecimento lexical entre os bilíngues português-espanhol e, posteriormente, entre os bilíngues espanhol-português.

4.3.1 Bilíngues português-espanhol

Os resultados dos testes com bilíngues português-espanhol estão sintetizados na Tabela 9, abaixo, na qual constam as palavras desconhecidas por esse grupo e em que condições elas apareciam na tarefa. Salientamos que a lista continha 297 palavras, no total. Num panorama geral, os 10 bilíngues português-espanhol, afirmaram conhecer a grande maioria das palavras usadas na tarefa. Constatou-se que entre as mais conhecidas estão as cognatas, em primeiro lugar, e depois as falso-cognatas. A maioria das palavras desconhecidas era não-cognata. Isso mostra certa convergência entre os resultados dos tempos de reação e o *status* cognato⁵⁴ das palavras. Passaremos agora a analisar os resultados da Tabela 9.

⁵⁴ Reiteramos que, atendendo a objetivos operacionais da pesquisa, a concepção de *status* cognato tem um sentido estritamente sincrônico.

Tabela 9: Reconhecimento lexical dos bilíngues português-espanhol

Status Cognato	Efeito	Condição	Palavra	Quantidade	Observação	
Cognatas	IS	NR	Corona	1		
	FFO	NR	Berinjela	1		
Não-cognatas	IS		<i>Hoz</i> <i>Foice</i>	2 1	Produção-alvo Nome do desenho na L1	
		R	Broca	2		
		R	Picareta	1		
		NR	Álibi	4		
		NR	Romã	1		
	II			<i>Cacahuete</i> <i>Alborno</i> <i>Tendedero</i>	3 2 1	Produção-alvo Produção-alvo Produção-alvo
		R	Amendoim	1		
		R	Percevejo	2		
		NR	Beco	1		
		NR	Bule	1		
	FFO			Furadeira <i>Helecho</i> <i>Cuenco</i> <i>Mecedora</i>	1 2 1 1	Nome do desenho na L1 Produção-alvo Produção-alvo Produção-alvo
		R	Plaina	4		
		R	Elo	1		
R		Tarraxa	3			
R		Palheta	1			
R		Santola	5			
R		Cueiro	3			
NR		Foice	1			
NR	Lula	1				
Falso-cognatas	IS	R	Agrião	1		
		NR	Sótão	1		
		NR	Faro	1		
	II		<i>Pendientes</i> <i>Seta</i>	1 1	Produção-alvo Produção-alvo	
		FFO		Cachimbo	1	Nome do desenho na L1

Nota: IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica; R=(condição) relacionada; NR=(condição) não-relacionada.

Conforme a Tabela 9, houve 54 indicações de desconhecimento lexical, envolvendo 33 palavras, sendo que: 9 delas correspondiam a produções-alvo (ou nome do desenho na L2); 3 se referiam ao nome do desenho na L1; 11 eram palavras que apareciam em condição relacionada; e 10 palavras em condição não-relacionada. Entretanto, não entendemos que essas indicações de desconhecimento lexical possam ter influenciado muito nos resultados do experimento. Consideramos

que o problema mais crítico estaria em desconhecer o nome dos desenhos, porém, tendo em vista que cada participante tinha que nomear duas vezes 90 desenhos, e, com isso, haveria 1800 nomeações entre todos esses bilíngues, as 9 indicações de desconhecimento, mencionadas anteriormente nesse quesito, parecem ser aceitáveis. Além disso, a palavra *cacahuete*, por exemplo, que corresponde ao nome de amendoim, em espanhol, recebeu 3 indicações de desconhecimento, em virtude de que na região pesquisada se usa mais a palavra *maní*. Porém, ao analisarmos os dados, consideramos essa possibilidade de resposta como adequada.

Outra ponderação que precisa ser feita é que a palavra considerada mais desconhecida foi *santola* (com 5 indicações), a qual apareceu no efeito de facilitação fonológica, na condição relacionada. Cabe esclarecer que nesse contexto específico, interessava-nos avaliar a ativação fonológica da distratora, não importando, portanto, o seu significado. As outras duas palavras mais desconhecidas foram *álibi* e *plaina* (com 4 indicações cada uma). A primeira apareceu no efeito de interferência semântica, na condição não-relacionada, ou seja, o fato dos aprendizes não a conhecerem não afetaria o resultado do efeito testado. A segunda apareceu junto ao efeito de facilitação fonológica na condição relacionada, o que também não está diretamente ligado ao significado, mas sim a ativação fonológica.

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos no teste de reconhecimento lexical realizado pelos bilíngues espanhol-português.

4.3.2 Bilíngues espanhol-português

Os resultados do reconhecimento lexical dos bilíngues espanhol-português estão sintetizados na Tabela 10, abaixo, incluindo as palavras desconhecidas e as condições em que as mesmas apareciam no experimento. Salientamos que a lista para esse grupo continha 303 palavras no total. Numa visão mais ampla e geral, percebe-se que os 13 bilíngues espanhol-português afirmaram conhecer a grande maioria das palavras usadas no experimento, sendo que as cognatas foram reconhecidas em sua totalidade e, novamente, as não-cognatas foram as que mais

receberam indicação de desconhecimento. As falso-cognatas, portanto ficaram numa posição intermediária, quanto ao reconhecimento lexical.

Tabela 10: Reconhecimento lexical dos bilingues espanhol-português

Status Cognato	Efeito	Condição	Palavra	Quantidade	Observação	
Não-cognatas	IS		Vagem	4	Produção-alvo	
			Foice	2	Produção-alvo	
			Tamanco	1	Produção-alvo	
			Abobrinha	1	Produção-alvo	
			<i>Tornillo</i>	1	Nome do desenho na L1	
			<i>Calabacín</i>	2	Nome do desenho na L1	
		R	<i>Chancleta</i>	1		
		R	<i>Gombo</i>	6		
		NR	<i>Hoz</i>	1		
	II			Varal	1	Produção-alvo
				Funil	2	Produção-alvo
				Samambaia	2	Produção-alvo
			Enxada	2	Produção-alvo	
		R	<i>Cacahuete</i>	4		
		R	<i>Tendedero</i>	2		
	R	<i>Lampa</i>	3			
FFO			<i>Albornoz</i>	5	Nome do desenho na L1	
			<i>Pava</i>	3	Nome do desenho na L1	
			<i>Cuenco</i>	4	Nome do desenho na L1	
			<i>Lapicero</i>	2	Nome do desenho na L1	
			Marmelo	2	Produção-alvo	
			Chuchu	1	Produção-alvo	
			Chaleira	1	Produção-alvo	
			Tigela	3	Produção-alvo	
		R	<i>Marbete</i>	6		
		R	<i>Mecedor</i>	2		
		R	<i>Chucho</i>	3		
		R	<i>Alhaja</i>	1		
	R	<i>Chayote</i>	7			
	R	<i>Ababa</i>	6			
	NR	<i>Oruga</i>	1			
	NR	<i>Tiliches</i>	6			
	NR	<i>Hucha</i>	5			
	NR	<i>Anaqueil</i>	4			
	NR	<i>Hipos</i>	2			
Falso-cognatas	IS		Polvo	1	Produção-alvo	
		R	<i>Muela</i>	1		
		R	<i>Gamba</i>	1		
		NR	<i>Lienzo</i>	1		
	II			Sino	1	Produção-alvo
				Pino	1	Produção-alvo
		R	<i>Bolo</i>	1		
R		<i>Seta</i>	3			
	R	<i>Cinto</i>	1			
	NR	<i>Tapete</i>	2			

		NR	<i>Salada</i>	1	
		NR	<i>Lentilla</i>	2	
	FFO		<i>Rueca</i>	3	Nome do desenho na L1
			<i>Cojín</i>	5	Nome do desenho na L1
			<i>Pendiente</i>	3	Nome do desenho na L1
			<i>Carruagem</i>	1	Produção-alvo
		R	<i>Roca</i>	1	
		R	<i>Brincos</i>	1	

Nota: IS=interferência semântica; II=identidade interlinguística; FFO=facilitação fonológica/ortográfica; R=(condição) relacionada; NR=(condição) não-relacionada.

Conforme a Tabela 10, houve 129 indicações de desconhecimento lexical, envolvendo 53 palavras, sendo que: 16 delas correspondiam a produções-alvo (ou nome do desenho na L2); 9 se referiam ao nome do desenho na L1; 18 eram palavras que apareciam em condição relacionada; e 10 palavras em condição não-relacionada. Percebe-se, portanto, que esses bilíngues desconhecem mais palavras do que o grupo anterior, mas devemos levar em consideração que está composto por um número um pouco maior de participantes e que muitas palavras foram assinaladas uma única vez. Entretanto, novamente, não entendemos que essas indicações de desconhecimento lexical possam ter influenciado muito nos resultados obtidos, tendo em vista o número total de nomeações do grupo (cada participante tinha que nomear 90 desenhos duas vezes, e, como eram 13, haveria um total de 2340 nomeações).

Além disso, a palavra considerada mais desconhecida foi *chayote* (chuchu, com 7 indicações), a qual apareceu junto ao efeito de facilitação fonológica, como distratora, na condição relacionada. Mas, nesse caso, como já explicamos anteriormente, interessava-nos avaliar exclusivamente a ativação fonológica da distratora, não o seu significado.

As outras palavras mais desconhecidas foram *gombo* (quiabo), *marbete* (rótulo), *ababa* (papoula) e *tiliches* (vasilha, com 6 indicações cada uma). A palavra *gombo* apareceu no efeito de interferência semântica, como distratora, na condição não-relacionada, o que talvez pudesse gerar a dúvida de que como ela não era conhecida não iria interferir no efeito testado. Mas achamos que esse não seja o caso porque o bloco continha 10 pares de palavras o que permitia avaliar bem o efeito testado. As palavras *marbete* e *ababa* apareceram na condição relacionada, junto ao efeito de facilitação fonológica/ortográfica, que visa a observar a ativação fonológica e, portanto, não foca o significado da palavra. A palavra *tiliches* também

aparece no efeito de facilitação fonológica, mas na condição não-relacionada. Essa palavra, assim como a palavra *gombo*, anteriormente citada, também poderia provocar dúvidas quanto ao resultado, mais reiteramos, que não acreditamos que esse seja o caso, pois cada efeito era testado com 10 pares de desenho-palavra, tanto na condição relacionada, como na não-relacionada, e que uma só palavra não afetaria todo o bloco de testes.

É importante ressaltar que todas as produções dos participantes foram avaliadas, independente de serem usadas as palavras previstas para as respostas. Quer dizer, se o participante usou uma palavra que não foi prevista, mas que estava correta, então a produção foi considerada correta. Foram os casos, por exemplo, de desenhos como: tênis, muitas vezes nomeado como *champions*; amendoim, como *maní*; tigela, como *bol* (no caso dos bilíngues português-espanhol); pipa, como pandorga; carteira, como classe; cinta, como cinto (no caso dos bilíngues espanhol-português).

4.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo foram apresentados e discutidos os resultados dos tempos de reação, conforme cada efeito de interferência testado e, de forma transversalizada o efeito cognato. Discutimos, também, os resultados relativos à acurácia das respostas, em que inserimos, também, uma análise geral sobre os erros identificados nas produções, embora isso não tivesse sido um dos objetivos iniciais do estudo. Por último, expusemos os resultados dos testes de reconhecimento lexical.

Em geral, nos resultados há evidências que favorecem a hipótese de que a seleção lexical (H1) seja específica na língua de resposta e que o *status* cognato das palavras parece influenciar bastante no processo de lexicalização. Com relação à acurácia, destacamos a evidência de estreita relação entre os resultados e o tipo de palavra, principalmente, entre as palavras cognatas que apresentaram os maiores percentuais de acertos.

Quanto aos testes de reconhecimento lexical, argumentamos que, embora os participantes tenham indicado o desconhecimento de algumas palavras,

reiteramos que isso não acarretou prejuízos aos resultados dos experimentos como um todo.

No próximo capítulo faremos as considerações finais, apontando os principais resultados obtidos nesse estudo ao mesmo tempo em que responderemos às questões norteadoras da pesquisa e avaliaremos a confirmação ou não das hipóteses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com o propósito de investigar os mecanismos relacionados ao processo de acesso lexical e produção de fala em bilíngues português-espanhol e espanhol-português, mais especificamente observar evidências sobre a especificidade da seleção ou de competição lexical entre as línguas nesse processo. Pretendíamos também: identificar efeitos de interferência (semântica, de identidade e de facilitação fonológica/ortográfica); observar se o *status* cognato das palavras poderia interferir no processo de produção de fala bilíngue; e verificar a existência de interatividade entre as línguas.

Para isso, observamos o desempenho desses bilíngues em tarefas de nomear desenhos em L2, desenvolvidas dentro do paradigma de interferência desenho-palavra, e nas quais houve manipulação da natureza das relações entre o desenho e a palavra distratora, e controle sobre os tipos de palavra envolvidos. Foram elaboradas duas tarefas experimentais específicas para o nosso contexto de bilíngues (português-espanhol e espanhol-português), a partir dos estudos de Costa, Miozzo & Caramazza (1999), Costa & Caramazza (1999), Hermans et.al. (1998), e Costa, Caramazza & Sebastián-Gallés (2000), bem como considerando algumas sugestões de Costa, La Heij & Navarrete (2006).

Ressaltamos que entre as motivações intrínsecas para a realização desta tese, estão o interesse de investigar a complexidade subjacente ao processo de expressão oral em L2 e a carência de pesquisas sobre acesso lexical e produção de fala, envolvendo português e espanhol, que são línguas muito próximas, mas que parecem impor dificuldades muito particulares à aquisição e uso acurado da L2.

Como as tarefas possuíam a mesma estrutura e exigiam que os participantes nomeassem desenhos na L2, os dois grupos constituíram uma amostra única para fins de análise dos tempos de resposta e de acurácia. Assim, a amostra foi constituída de 23 bilíngues, sendo que 10 deles eram bilíngues português-espanhol e 13 deles, bilíngues espanhol-português. Os participantes tiveram que nomear 90 desenhos que apareciam duas vezes nos testes (uma vez na condição relacionada e outra vez na condição não-relacionada). Para avaliar cada efeito de interferência (semântica, de identidade e de facilitação fonológica/ortográfica) foram usados 30 desenhos, os quais foram subdivididos em três grupos, com 10 desenhos

cada, conforme o tipo de palavra (cognatas, não-cognatas e falso-cognatas). Dessa forma, nossos experimentos passaram a ter uma configuração ortogonal.

A primeiro objetivo deste estudo estava relacionado com a especificidade da seleção lexical na produção de fala bilíngue. Interessava-nos saber se o mecanismo era específico ou se havia competição entre as línguas. A esse respeito, nossa hipótese (H1) era de que as duas línguas do bilíngue são ativadas, mas a seleção é específica e só considera o nível de ativação da língua de resposta, em consonância com HSE (COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999).

Em geral, nossos dados parecem fortalecer a hipótese de que a seleção é específica na língua, uma vez que no caso do efeito de interferência semântica a nomeação foi mais rápida na condição não-relacionada (quando a palavra distratora não era da mesma categoria semântica do nome do desenho), mas foi mais rápido na condição relacionada no efeito de identidade interlinguística (quando a distratora corresponde à tradução do nome do desenho) e no efeito de facilitação fonológica/ortográfica (quando a distratora é uma palavra fonologicamente relacionada com o alvo). Entretanto, nosso estudo não nos permite apresentar conclusões mais confiáveis quanto à presença de competição entre as línguas, uma vez que o experimento já induzia à competição, porque a tarefa era nomear na L2, ao mesmo tempo em que palavras distratoras que aparecem na L1 deviam ser ignoradas.

O segundo objetivo do nosso estudo era examinar como os bilíngues português-espanhol e espanhol-português se comportariam diante de condições que incluíam determinados tipos de efeitos de interferência. A esse respeito levantamos três hipóteses: a H2a, relacionada com as condições envolvendo o efeito de interferência semântica, na qual previa-se que a nomeação fosse mais lenta na condição relacionada (quando o desenho e a palavra distratora são da mesma categoria semântica), devido à competição lexical; a H2b, relacionada com as condições envolvendo o efeito de identidade interlinguística, na qual, em concordância com a HSE, esperava-se que a nomeação fosse mais rápida na condição relacionada (em que a distratora corresponde à tradução do alvo), uma vez que só um dos léxicos é considerado para a seleção; e a H2c, relacionada com as condições envolvendo o efeito de facilitação fonológica/ortográfica, em que era esperado que a nomeação de palavras cognatas fosse mais rápida na condição

relacionada (quando o nome do desenho e a palavra distratora compartilham similaridades fonológica/ortográfica).

Nosso estudo proporcionou evidências que corroboram a maioria dessas hipóteses. Com relação aos efeitos de interferência semântica, constatou-se lenta latência de nomeação na condição relacionada, o que, muitas vezes, é considerado como indício de competição lexical entre as línguas. Entretanto, a comparação das médias de TR entre as duas condições de relação (relacionada x não-relacionada) nesse contexto de efeito não foi significativa estatisticamente, o que demonstra que a nossa hipótese H2a não foi confirmada. Mas, gostaríamos de salientar que discutimos duas razões alternativas para a nomeação mais lenta na condição relacionada: uma, que segue a ideia de Costa & Caramazza (1999) de que esses dados podem estar revelando competição na língua e não entre as línguas; e a outra, baseada em Costa, La Heij & Navarrete (2006), de que a competição não esteja no nível lexical, mas sim no nível semântico, pois tanto desenho como palavra distratora ativam itens semânticos que são diferentes, mas que compartilham relação semântica na condição relacionada. É preciso, porém, ressaltar que, como já foi mencionado, a própria instrução da tarefa já induzia a competição, o que nos impede de analisar adequadamente esse aspecto.

Com relação ao efeito de identidade, em consonância com a HSE (COSTA, MIOZZO & CARAMAZZA, 1999; COSTA & CARAMAZZA, 1999), acredita-se que, embora os resultados não tenham sido estatisticamente significativos em todas as comparações testadas, houve uma tendência à nomeação mais rápida na condição relacionada, possivelmente porque só um léxico foi examinado para a seleção (o da L2, que era a língua de resposta) e não tenha havido competição com outra representação semântica.

Quanto ao efeito de facilitação fonológica/ortográfica, evidenciado pela maior rapidez de resposta na condição relacionada, nos apoiamos em Costa, Miozzo & Caramazza (1999) que defendem um tipo de mecanismo não lexical que transforma ortografia em representação fonológica, e em Costa et.al. (2006) que defendem o princípio de ativação interativo. Sob tal perspectiva, concebe-se que a ativação fonológica também interfere na seleção lexical. Uma forte evidência pode ser tomada do fato de que a nomeação mais rápida foi a dos falsos-cognatos na condição relacionada (em que a palavra distratora era a tradução do falso-cognato na outra língua). A única maneira de a nomeação ser mais rápida entre esse tipo de

palavra é se houver ativação lexical a partir da tradução, que, por sua vez, não compartilha a mesma representação semântica do desenho, somente representação fonológica com o nome do desenho. Nesse sentido, pode-se pensar que a similaridade fonológica entre o nome do desenho e a distratora parece facilitar a nomeação e que a interatividade parece ser funcional entre as línguas.

Outro objetivo deste estudo referia-se ao efeito cognato e as latências de nomeação nas diferentes condições testadas. Nesse caso, levantou-se a hipótese de que a nomeação de cognatas seria mais rápida do que não-cognatas, tanto na condição relacionada como na não-relacionada, a partir da suposição de que as cognatas são mais fáceis de aprender e mais frequentes do que as não-cognatas (COSTA, CARAMAZZA & SEBASTIÁN-GALLÉS, 2000). Ressaltamos que, nesse contexto, os resultados foram bastante significativos e contundentes quanto ao potencial gatilho do *status* cognato no processo lexicalização, uma vez que as palavras cognatas foram nomeadas mais rapidamente em todas as condições; as falso-cognatas aparecem em segundo lugar, em termos de rapidez de nomeação, e em último lugar aparecem as não-cognatas. Cabe ressaltar que, quanto ao *status* cognato das palavras, houve relevância estatística tanto isoladamente quanto em interação com os efeitos de interferência testados, o que confirma a nossa hipótese 3 (H3).

Por outro lado, a rapidez da nomeação das cognatas na condição relacionada no efeito de identidade e das falso-cognatas na condição relacionada no efeito de facilitação são também fortes indícios de interatividade entre as línguas, tendo em vista que nesses contextos a ativação fonológica poderia facilitar a nomeação. Ressaltamos que a funcionalidade do princípio interativo entre as línguas estava prevista na hipótese 4 (H4), inclusive, atrelando-o com os indícios de ativação fonológica a partir dos falsos cognatos (em consonância com as idéias de COSTA, LA HEIJ & NAVARRETE, 2006). A esse respeito, nossa hipótese era de que, com falsos cognatos, as respostas mais rápidas apareceriam na condição relacionada (quando a palavra distratora corresponde a tradução do significado do falso-cognato), ou seja, no efeito de facilitação fonológica/ortográfica, em nossa tarefa. Conforme já evidenciamos anteriormente, essa hipótese também foi corroborada, uma vez que em todos os contextos, mesmo não havendo correspondência semântica entre o nome do desenho e a palavra distratora, mas

havendo similaridade fonológica, a ativação bidirecional parece ter facilitado o processo de nomeação.

Nas análises dos dados também examinamos a correspondência entre as médias dos tempos de reação e as de acurácia das respostas. Nesse caso, não tínhamos uma hipótese definida, mas os resultados mostraram que só houve combinação entre os maior rapidez de nomeação e maior acurácia de resposta no efeito de interferência semântica. Entretanto, um fato que chamou muito a atenção é que as cognatas foram as palavras mais similares e cuja nomeação foi mais rápida, apesar de a rapidez de nomeação não ter sido equivalente ao percentual de acurácia nos mesmos contextos. Acreditamos que esse resultado possa ser um indício da sobrecarga atencional a que se referiram Costa et.al. (2006) e da inconsistência da fórmula similaridade linguística=facilidade de aquisição da L2. No entanto, não temos como chegar a uma conclusão, porque é preciso testes mais específicos para avaliar a demanda cognitiva e, assim, verificar a ocorrência de sobrecarga atencional.

Em suma, os resultados obtidos parecem evidenciar a especificidade do mecanismos de seleção, contribuindo para o fortalecimento da HSE, ou seja, são consoantes com as idéias defendidas por Costa, Miozzo & Caramazza (1999), Costa & Caramazza (1999). Além disso, revelam o potencial gatilho do *status* cognato das palavras no processo de lexicalização, evidenciando-se que ao avaliar os tipos de efeitos de interferência é preciso considerar, também, os tipos de palavras envolvidos. Conseguimos, ainda, encontrar importantes indícios sobre a funcionalidade do princípio interativo entre as línguas, principalmente entre as palavras falso-cognatas.

Porém, nosso estudo possui algumas limitações importantes que precisam ser consideradas em investigações futuras. Uma delas refere-se ao fato de que a tarefa já induzia à competição entre línguas, o que não nos permitiu avaliar melhor a existência de co-ativação das línguas na produção de fala em geral. Além disso, no que se refere à hipótese de sobrecarga atencional, pensamos que não dispúnhamos de evidência suficiente para a análise, em virtude da falta de testes específicos para avaliar a demanda cognitiva e a similaridade linguística. Nossas reflexões, sobre esse caso, foram pautadas nos dados obtidos entre os diferentes tipos de palavras, mas os consideramos, ainda, bastante incipientes.

Outra fato que classificamos como uma limitação deste estudo é o pequeno número de participantes, devido a problemas operacionais que já foram explicitados anteriormente. Sabe-se que quanto maior o número de participantes, maior robustez e poder explicativo terá a pesquisa. Por outro lado, num estudo dessa natureza, a rigidez de critérios é essencial para a confiabilidade dos resultados. Nesse sentido, justifica-se a adoção de várias etapas de coleta, embora esse fator tenha inviabilizado a obtenção de uma amostra maior.

Além disso, a nosso ver, esta pesquisa pode implicar novos desdobramentos: se aplicada a bilíngues menos proficientes e/ou aprendizes de L2; se a tarefa fosse modificada (nomear na L1, em vez da L2); se a própria tarefa não induzisse a competição lexical. Enfim, tudo isso pode ser levado em consideração em outras pesquisas e mostra que há um campo bastante fértil para futuras investigações, a fim de se compreender melhor o processo de acesso lexical e produção de fala bilíngue. De nossa parte, ao menos minimamente, esperamos ter contribuído, nesse sentido, com a área de ASL, em especial de português e espanhol como L2.

REFERÊNCIAS

- APPEL, René.; MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Ariel Lingüística. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1996.
- BADDELEY, Alan, D. Is working memory still working? **European psychologist**. V. 7, (2). 2002, p. 85–97.
- BADDELEY, Alan, D. The psychology of memory. In: BADDELEY, Alan, D.; KOPELMAN, M.D.; WILSON, B. A. **The Essential Handbook of Memory Disorders for Clinicians**. John Wiley & Sons, Ltd. 2004, p. 01-13.
- BAKER, Colin. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. 4^a ed. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2006.
- BARRIOS, Graciela; PUGLIESE, Leticia. Política lingüística en el Uruguay: las campañas de defensa de la lengua. In. O plurilingüismo no contexto educacional. **III Forum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras (FILE III)**. Pelotas, UFPel / UCPel, 2005, p. 71-96.
- BEHARES, Luis E. Portugués del Uruguay y educación fronteriza. In: BRIAN, Nicolás; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. (Orgs.). **Portugués del Uruguay y educación bilingüe**. Montevideo: ANEP-CEP, 2007. p.99-171.
- BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I.M.; GREEN, David W.; GOLLAN, Tamar H. Bilingual Minds. **Psychological Science**. V. 10, (3). Association for Psychological Science, 2009, p. 89-129.
- BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I.M.; KLEIN, Raymond; VISWANATHAN, Mythili. Bilingualism, aging, and cognitive control: evidence from the Simon task. **Psychology and Aging**. V. 19, (2). American Psychological Association, 2004, p. 290-303.
- BIALYSTOK, Ellen. **Bilingualism in Development: language, literacy & cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. Communication Strategies: **A psychological analysis of second-language use**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

BOXER, Diana. Studying speaking to inform second language learning: a conceptual overview. In: BOXER, Diana.; COHEN, Andrew D. (ed.). **Studying speaking to inform second language learning**. Second language acquisition. nº 8. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2004, p.3-24.

BUTLER, Yuko. G.; HAKUTA, Kenji. Bilingualism and second language acquisition. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.). **The Handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 114-144.

BRIAN, Nicolás; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. Una experiencia de educación bilingüe español-portugués en escuelas de la zona fronteriza. In.: BRIAN, Nicolás; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. (Orgs.). **Portugués del Uruguay y educación bilingüe**. Montevideo: ANEP-CEP, 2007. p. 9-48

CAMORLINGA ALCARAZ; Rafael. Do português ao espanhol: os prós e os contras da proximidade. In: SEDYCIAS, João. (org). **O ensino do espanhol no Brasil: passado presente e futuro**. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 195-205.

CARVALHO, Ana M.; SILVA, Antonio J.B. da. O papel do conhecimento metalinguístico nos padrões de transferência no desenvolvimento da interlíngua e suas implicações pedagógicas. **Portuguese Language Journal**. V. 3. 2008, 21p. disponível em <http://www.latam.ufl.edu/portugueselanguagejournal/index.html> acesso em 22/02/2011.

CARVALHO, Ana M. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte del Uruguay. In: BRIAN, Nicolás; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. (Orgs.). **Portugués del Uruguay y Educación Bilingüe**. Montevideo, 2007. p. 49-98.

CHIN, N. B.; WIGGLESWORTH, G. **Bilingualism: an advanced resource book**. Nova Iorque: Routledge, 2007.

COLOMÉ, Àngels. Lexical Activation in bilinguals' speech production: language-specific or language-independent? **Journal of Memory and Language**, v.45, 2001, p.721-736.

COSTA, Albert; HERNÁNDEZ, Mireia; COSTA-FAIDELLA, Jordi; SEBASTIÁN-GALLÉS, Nuria. On the bilingual advantage in conflict processing: Now you see it, now you don't. **Cognition**. V. 113. Elsevier Science B.V. 2009. p. 135-149.

COSTA, Albert; ALBAREDA, Bárbara; SANTESTEBAN, Mikel. Assessing the presence of lexical competition across languages: Evidence from the Stroop task. **Bilingualism: Language and Cognition**. 11, (1). Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 121-131.

COSTA, Albert; HERNÁNDEZ, Mireia; SEBASTIÁN-GALLÉS, Nuria. Bilingualism aids conflict resolution: evidence from the ANT task. **Cognition**. V. 106. Elsevier Science B.V. 2008. p. 59-86.

COSTA, Albert. Speech Production in Bilinguals. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.). **The Handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 201-223.

COSTA, Albert; LA HEIJ, Wido; NAVARRETE, Eduardo. The dynamics of bilingual lexical access. **Bilingualism: Language and Cognition**. 9, (2). Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 137-151.

COSTA, Albert; SANTESTEBAN, Mikel; IVANOVA, Iva. How do highly proficient bilinguals control their lexicalization process? Inhibitory and language-specific selection mechanisms are both functional. **Journal of Experimental Psychology: learning, memory and cognition**, v.32, (5). American Psychological Association. 2006, p.1057-1074.

COSTA, Albert. Lexical Access in Bilingual Production. In: KROLL, Judith F. DE GROOT, Annette M.B. (Ed.). **Handbook of bilingualism: Psycholinguistic Approaches**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 308-325.

COSTA, Albert; SANTESTEBAN, Mikel; CAÑO, Agnès. On the facilitatory effects of cognate words in bilingual speech production. **Brian and Language**. V.94, 2005, p.94-103.

COSTA, Albert; SANTESTEBAN, Mikel. Lexical access in bilingual speech production: Evidence from language switching in highly proficient bilinguals and L2 learners. **Journal of Memory and Language**, v.50, 2004, p.491-511.

COSTA, Albert; SANTESTEBAN, Mikel. Bilingual word perception and production: two sides of the same coin? **TRENDS in cognitive sciences**. V. 8, (6). Science direct. 2004, p. 253.

COSTA, Albert; COLOMÉ, Àngels; GÓMEZ, Olga; SEBASTIÁN-GALLÉS, Nuria. Another look at cross-language competition in bilingual speech production: lexical and phonological factors. **Bilingualism: Language and Cognition**. 6, (3). Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 167-179.

COSTA, Albert; CARAMAZZA, Alfonso; SEBASTIÁN-GALLÉS, Nuria. The cognate facilitation effect: Implications for models of lexical Access. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition**. V. 26, (5), 2000, p. 1283-1296.

COSTA, Albert; COLOMÉ, Àngels; CARAMAZZA, Alfonso. Lexical access in speech production: the bilingual case. **Psicológica**, 21, (2) 2000, p. 403-437.

COSTA, Albert; CARAMAZZA, Alfonso. The semantic interference effect in the picture-word interference paradigm: does the response set matter? **Cognition**. V. 75. Elsevier Science B.V. 2000. p. B51-B64.

COSTA, Albert; CARAMAZZA, Alfonso. Is lexical selection in bilingual speech production language-specific? Further evidence from Spanish-English and English-Spanish bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**. 2, (3). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 231-244.

COSTA, Albert; MIOZZO, Michele; CARAMAZZA, Alfonso. Lexical selection in bilinguals: Do words in the bilingual's two lexicons compete for selection? **Journal of Memory and Language**. 41. 1999, p. 365-397.

CRAIK, Fergus I.M.; BIALYSTOK, Ellen. Cognition Through the lifespan: mechanisms of change. **TRENDS in cognitive sciences**. V. 10, (3). Science direct. 2006, p. 131-138.

DE BOT, Kees. A bilingual production model: Levelt's speaking' model adapted. **Applied Linguistics**. V. 13, (1). Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 1-24.

DIAMOND, Adele. The early development of executive functions. In: BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I. M. (eds.) **Lifespan cognition: mechanisms of change**. Oxford: Nova Iorque, 2006.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. La interferencia como causa de errores de brasileños aprendices de español. In: SEDYCIAS, João. (org). **O ensino do espanhol no Brasil: passado presente e futuro**. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 130-144.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. Londrina: Eduel, 2004.

EDWARDS, John. Foundations of bilingualism. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.). **The Handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 7-31.

ELLIS, R. **Second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. **The Study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

ELIZAINCÍN, Adolfo.; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. **Nos falemo brasileiro**. Dialectos Portugueses en Uruguay. Montevideo: AMESUR, 1987.

ELIZAINCÍN, A. **Dialectos en Contacto**: Español y Portugués en España y América. Montevideo: Arca editorial, 1992.

EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Manual de Psicología cognitiva**. Tradução de Magda França Lopes. 5ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

FAERCH, C.; KASPER, G. **Strategies in Interlanguage Communication**. New York: Longman, 1983.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. **Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2005.

FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sonsoles. La subcompetencia estratégica. In: SÁNCHEZ LOBATO, Jesús; SANTOS GARGALLO, Isabel. (Orgs.). **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como L2/LE**. Madrid: SGEL, 2005, p.573-592.

GALINDO MERINO, Mª Mar. Principales modelos de análisis de datos en la investigación sobre adquisición de segundas lenguas. **Biblioteca Virtual redELE**. nº 7. 2007. Disponível em: < <http://www.educacion.es/redele/Biblioteca2007/MarGalindo.shtml>> Acesso em 02 de abril de 2010.

GASS, Susan; SELINKER, Larry. **Second language acquisition**: An introductory course. 3ª ed. New York: Routledge: 2008.

GONZÁLEZ, Neide. **Cadê o pronome? O gato comeu.** 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo (USP), 1994.

GRECO, Simone. *Lenguas afines*. **Revista redELE**. nº 6. Fev/2006. Disponível em: <<http://www.mepsyd.es/redele/revista6/index.shtml>> Acesso em 15 de março de 2009.

GREEN, David. W. Mental control of the bilingual lexico-semantic system. **Bilingualism: Language and Cognition**. 1, (2). Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 67-81.

_____. Control, activation, and resource: A framework and a model for the control of speech in Bilinguals. **Brain and Language**. 27. Academic Press, 1986, p. 210-223

GRIFFIN, Kim. **Lingüística aplicada a la enseñanza del español como 2/L.** Madrid: Arco Libros S.L. 2005.

GROSJEAN, François. Studying bilinguals: methodological and conceptual issues. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.). **The Handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 32-63.

_____. Transfer and language mode. **Bilingualism: Language and Cognition**, 1, 1998, p. 175-176.

HENRIQUES, Eunice Ribeiro. Distância entre línguas e o processo de aprendizagem/aquisição. In: SEDYCIAS, João. (org). **O ensino do espanhol no Brasil: passado presente e futuro.** São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 145-171.

_____. Intercompreensão de texto escrito por falantes nativos de português e de espanhol. **D.E.L.T.A.**, Vol. 16, N.º 2, 2000, p.263-295.

HERMANS, Daan. Between-language identity effects in picture-word interference tasks: A challenge for language-nonspecific or language-specific models of lexical access? **International Journal of Bilingualism**. V. 8, (2). 2004, p. 115-125.

HERMANS, Daan; BONGAERTS, Theo; DE BOT, Kees; SCHREUDER, Rodert. Producing words in a foreign language: can speakers prevent interference from their first language? **Bilingualism: Language and Cognition**. V.1, (3). Cambridge: Cambridge University Press. 1998, p. 213-230.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

_____. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2006.

KLEIN, Wolfgang, The contribution of second language acquisition research. **Language learning**, V. 48, nº 4. 1998, p. 527-550.

KRASHEN, Stephen D. **Second language acquisition and second language learning**. Englishes language Teaching. London: Prentice Hall International, 1988.

KRISTENSEN, Christian H. Funções executivas e envelhecimento. In: PARENTE, Maria A. de Matos et al. **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 97-111.

KROLL, Judith. F.; TOKOWICZ, Natasha. Models of bilingual representation and processing: looking back and to the future. In: KROLL, Judith F. DE GROOT, Annette M.B. (Ed.). **Handbook of bilingualism: Psycholinguistic Approaches**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 531-553.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Second Language Acquisition and Applied Linguistics. **Annual Review of Applied Linguistics**, 20. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 165-181.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. **Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas**. Madrid: Gredos, 1994.

LEE, M. W. and WILLIAMS, J. Lexical access in spoken word production by bilinguals: Evidence from a semantic priming paradigm. **Bilingualism: Language and Cognition**, 4. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 233-248.

LEVELT, Willem J.M.; ROELOFS, Ardi; MEYER, Antje S. A theory of lexical access in speech production. **Behavioral and brain sciences**, 22. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 1-75.

LEVELT, Willem J.M. Spoken word production: A theory of lexical access. **PNAS**, V.98, nº 23. Stanford: Stanford University's Highwire Press, 2001, p. 13464-13471.

LEVELT, Willem. J. M. **Speaking**: From intention to articulation. Cambridge, MA: Bradford/MIT Press. 1989.

LICERAS, Juana, M. (comp.) La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua. Madrid: Visor, 1992.

MAHON, Bradford Z. COSTA, Albert; PETERSON, Robin; VARGAS, Kimberly A. CARAMAZZA, Alfonso. Lexical selection is not by competition: a reinterpretation of semantic interference and facilitation effects in the picture-word interference paradigm. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition**. V. 33, (3), 2007, p. 503-535.

MCLAUGHLIN, Barry. Restructuring. **Applied Linguistics**. V.11, (2). Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 113-128.

MCDONOUGH, Kim; TROFIMOVICH, Pavel,. **Using priming methods in second language research**. New York: Routledge, 2009.

MEDINA LÓPEZ Javier. **Lenguas en Contacto**. Cuadernos de lengua Española. Madrid: Arco/Libros, S.L.: 1997.

POULISSE, Nanda; BONGAERTS, Theo. First language use in second language production. **Applied Linguistics**. V.15, (1). Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 36-57.

POULISSE, Nanda. Language production in bilinguals. In DE GROOT, A. M. B.; KROLL, J. K. (Eds.), **Tutorials in bilingualism: Psycholinguistic perspectives**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1997, p. 201-225.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). **Corpus de referencia del español actual**. disponible en : <<http://www.rae.es>> acceso 08/2010.

REBOLLO, Alberto Anula. **El abecé de la psicolingüística**. Madrid: Arco Libros S.L. 1998.

ROELOFS, Ardi. Lemma selection without inhibition of languages in bilingual speakers. **Bilingualism: Language and Cognition**, 1998, p. 94-95

RUIZ, Rosa María Manchón. Un acercamiento psicolingüístico al fenómeno de la transferencia en el aprendizaje y uso de segundas lenguas. In: CESTEROS, Suzana Pastor; GARCIA, Ventura Salazar. **Estudios de Lingüística: tendencias y líneas de investigación en adquisición de segundas lenguas**. Quinta Impresión S.L.: Alicante, 2001.

SÁNCHEZ CASAS, R. M.; DAVIS, C. W.; GARCÍA ALBEA, J. E. Bilingual lexical processing: Exploring the cognate/noncognate distinction. **European Journal of Cognitive Psychology**, v.4, 1992, p. 293-310.

SANTOS GARGALLO, Isabel. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros S.L. 1999.

SCHMIDT, R. Attention. In: ROBINSON, Peter. (Ed.) **Cognition and second language instruction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.3-32.

_____. Consciousness and Foreign Language Learning: a tutorial on the role of attention and awareness in learning. In: SCHMIDT, R. (Ed) **Attention and awareness in foreign language learning**. Honolulu, Hawaii: University of Hawaii, 1995. p.01-63.

_____. **The role of consciousness in second language learning**. Applied Linguistics 11, 1990, p. 129-158.

TARONE, E. Some thoughts on the notion of 'communication strategy'. **Tesol Quarterly**, 1981.

ULLMAN, Michael T. Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. In: **Cognition**, v.92, 2004, p. 231-270.

_____. A neurocognitive perspective on language: the declarative/procedural model. In: **Nature reviews**, v.2, 2001, p. 717-727.

_____. The neural basis of lexicon and grammar in first and second language: the declarative/procedural model. In: **Bilingualism: Language and Cognition**. v.4, n.1, 2001, p.105-122.

VANDRESEN, Paulino. A expansão do português na América Latina. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, nº39, 2009, p.185-195.

VILLALBA, Terumi, K. B. A noção de fossilização e a aquisição de Espanhol por falantes adultos brasileiros. In: LIMA, Marília dos S.; ROTTAVA, Lucia. (Org.).

Lingüística Aplicada: Relacionando teoria e Prática no Ensino de Línguas. 1 ed. V. 1. Ijuí: Editora Unijuí, 2004. p. 191-204.

_____. A transferência na aquisição de Espanhol como L2. In: LIMA, Marília dos S. (Org.). **A língua estrangeira em sala de aula**: pesquisando o processo e o produto. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. p. 127-144.

WALENSKI, Matthew; ULLMAN, Michael, The science of language. **The linguistic review**. V.22. Walter de Gruyter. 2005, p.327-346.

WIEDEMANN, Lyris; SCARAMUCCI, Matilde V. R. (orgs./eds). **Português para falantes de espanhol**: ensino e aquisição. Campinas: Pontes, 2008.

Apêndices

Apêndice A - Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
Profa. Orientadora: Dra. Ingrid Finger (finger.ingrid@gmail.com)
Aluna pesquisadora: Elena Ortiz Preuss (elena.ortizp@yahoo.com.br)

Participante n° _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por favor, leia os parágrafos a seguir e assine na linha abaixo, indicando que você entende a natureza deste estudo e que você consente em participar do mesmo.

A pesquisa da qual você vai participar é parte de um programa de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem como objetivo estudar **como ocorre o acesso lexical na produção de fala em língua estrangeira**, a- através de testes no computador realizados pelos participantes. Não se trata de um teste de inteligência e os participantes envolvidos não correm riscos ao participar do estudo. Vale salientar que os mesmos terão seus nomes mantidos em sigilo quando da divulgação geral dos dados em artigos científicos. Nesta pesquisa, sua participação é livre e voluntária.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos desta pesquisa e dos testes a que me submeterei.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à minha pessoa;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos, vinculados ao presente projeto de pesquisa.

Essa pesquisa é desenvolvida pela aluna pesquisadora Elena Ortiz Preuss (fone 62-9658 5569) para sua tese de doutoramento, sob a orientação da profa. Dra. Ingrid Finger (fone 51-9380 2944).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

NOME COMPLETO

ASSINATURA

DATA

Apêndice B - *Término de consentimiento*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
Profesora Tutora: Dra. Ingrid Finger (finger.ingrid@gmail.com)
Alumna investigadora: Elena Ortiz Preuss (elena.ortizp@yahoo.com.br)
)

Participante n° _____

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y DE ACLARACIÓN

Por favor, lea los párrafos siguientes y firme en la línea de abajo, indicando que usted comprende la naturaleza de esta investigación y que acepta participar de ella.

La investigación de la que usted va a formar parte se inserta en un programa de investigación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul y tiene como objetivo estudiar **cómo ocurre el acceso léxico en la producción de habla en lengua extranjera**, por medio de testes en el ordenador realizados por los participantes. No se trata de un test de inteligencia y los participantes involucrados no corren riesgo al participar del estudio. Además, se destaca que ellos tendrán sus nombres guardados en secreto cuando se divulguen los datos en artículos científicos. En esta investigación su participación es libre y voluntaria.

Por estos Términos de Consentimiento Libre y de Aclaración, declaro que autorizo mi participación en este proyecto de investigación, pues fui informado, de manera clara y detallada, libre de cualquier forma de molestia y coerción, de los objetivos de esta investigación y de los testes a que me someteré.

Fui, igualmente, informado:

- de la garantía de recibir respuesta a cualquier pregunta o aclaración a cualquier duda acerca de los procedimientos, riesgos, beneficios y otros asuntos relacionados con la investigación;
- de la libertad de sacar mi consentimiento, a cualquier momento, y dejar de participar del estudio, sin que esto me traiga algún daño personal;
- de la garantía de que no seré identificado cuando se divulguen los resultados y que las informaciones obtenidas serán utilizadas sólo para fines científicos vinculados al referido proyecto de investigación.

Esa investigación es desarrollada por la alumna investigadora Elena Ortiz Preuss (teléfono 62-9658 5569) para su tesis doctoral, bajo la tutoría de la profesora Doctora Ingrid Finger (teléfono 51-9380 2944).

Este documento fue firmado en dos copias idénticas, quedando una con el voluntario de la investigación y otra con el investigador responsable.

NOMBRE COMPLETO

FIRMA

FECHA

Apêndice C – Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
Profa. Orientadora: Dra. Ingrid Finger (finger.ingrid@gmail.com)
Aluna pesquisadora: Elena Ortiz Preuss (elena.ortizp@yahoo.com.br)

QUESTIONÁRIO

Participante nº _____ Data: _____

1. Nome do participante: _____

2. Sexo: () F () M

3. Idade: _____ anos

4. Local de nascimento: _____ Nacionalidade: _____

5. Contato:

Telefone(s): _____

Endereço: _____

6. Nível de escolaridade:

() ensino superior completo () ensino superior incompleto

7. Costuma usar computador? () sim () não Se sim, () computador de mesa () *laptop*

8. Profissões:

Ocupação	Data início (mês/ano)	Data fim (mês/ano)	Comentários

9. Etnicidade (informação sobre ascendência):

Etnia do pai: _____

Etnia da Mãe: _____

10. Que línguas você fala? _____

11. Qual língua você considera a sua língua materna? _____

12. Aquisição:

Língua	Idade de exposição	Onde foi exposto	Com quem aprendeu
		Casa / escola / outro (_____)	Pais / avós / babá / professor(a) / vizinhos / amigos / outros (_____)
		Casa / escola / outro (_____)	Pais / avós / babá / professor(a) / vizinhos / amigos / outros (_____)
		Casa / escola / outro (_____)	Pais / avós / babá / professor(a) / vizinhos / amigos / outros (_____)
		Casa / escola / outro (_____)	Pais / avós / babá / professor(a) / vizinhos / amigos / outros (_____)

13. Performance: Avalie as suas habilidades linguísticas numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale a muito pouco e 5 a muito bem.

Língua	Leitura	Escrita	Ouvir e entender	Falar
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

14. Que línguas estas pessoas falavam com você quando era criança?

Pai: _____ Mãe: _____ Avó materna: _____ Avó materno: _____

Avó paterna: _____ Avó paterno: _____ Irmão 1: _____ Irmão 2: _____

15. Qual é a sua língua dominante agora? (qual você acha que sabe melhor, com qual se sente mais confortável(a)?) _____

16. Frequência de uso da(s) língua(s):

Língua	Lugar / situação	Percentual de uso											Comentários
	Em casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na universidade	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	No trabalho	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na igreja / eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao telefone	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Nas férias	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao fazer compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Em festas ou eventos sociais	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Língua	Lugar / situação	Percentual de uso											Comentários
	Em casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na universidade	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	No trabalho	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na igreja / eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao telefone	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Nas férias	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao fazer compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Em festas ou eventos sociais	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Língua	Lugar / situação	Percentual de uso											Comentários
	Em casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na universidade	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	No trabalho	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na igreja / eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao telefone	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Nas férias	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao fazer compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Em festas ou eventos sociais	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Língua	Lugar / situação	Percentual de uso											Comentários
	Em casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na universidade	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	No trabalho	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Na igreja / eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao telefone	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Nas férias	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Ao fazer compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Em festas ou eventos sociais	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	

17. Que línguas se fala diariamente em sua casa? _____

18. Que línguas você estudou formalmente e como foi a experiência de aprendizagem? _____

19. Atitudes com relação à língua:

O quanto você se identifica com a língua e cultura espanhola? (1=nem um pouco; 5=bastante)	1	2	3	4	5
Você já se sentiu constrangido (a) quando falava espanhol? (1= nunca; 5= várias vezes)	1	2	3	4	5

20. Você é destro ou canhoto? (faça a mímica para a ação de escrever para confirmar) _____

21. Você foi obrigado a utilizar a outra mão? () sim () não

Razão da mudança: _____

Em que atividades houve a mudança: _____

22. Você vai ao médico regularmente? () sim () não Por quê? _____

23. Você já teve algum problema de saúde? () sim () não Explique: _____

24. Você toma algum medicamento? () sim () não De que tipo? _____

25. Existe histórico de doença em família? () sim () não Explique: _____

Teste:

Data: _____

Quantas horas de sono você teve nas últimas 24 horas? _____

Cite todos os medicamentos utilizados nas últimas 24 horas: _____

Você teve algum problema de saúde desde o dia da entrevista? _____

Apêndice D – Cuestionario



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE LETRAS – DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
 Profesora Tutora: Dra. Ingrid Finger (finger.ingrid@gmail.com)
 Alumna investigadora: Elena Ortiz Preuss (elena.ortizp@yahoo.com.br)

CUESTIONARIO

Participante nº _____ Fecha: _____
 1. Nombre del participante: _____
 2. Sexo: () F () M
 3. Edad: _____ años
 4. Lugar de nacimiento: _____ Nacionalidad: _____

5. Contacto:
 Teléfono(s): _____
 Dirección: _____

6. Nivel de escolaridad:
 () enseñanza superior completa () enseñanza superior incompleta
 7. Suele usar ordenador? () sí () no Si sí, () ordenador de mesa () *laptop*

8. Profesiones:

Ocupación	Fecha inicio (mes/año)	Fecha fin (mes/año)	Comentarios

9. Etnia (información sobre descendencia):
 Etnia del padre: _____ Etnia de la madre: _____

10. ¿Qué lenguas habla usted? _____
 11. ¿Cuál lengua considera su lengua materna? _____

12. Adquisición:

Lengua	Edad de exposición	Dónde ha sido expuesto(a)	Con quién ha aprendido
		Casa / escuela / otro (_____)	Padres / abuelos / niñera / profesor(a) / vecinos / amigos / otros (_____)
		Casa / escuela / otro (_____)	Padres / abuelos / niñera / profesor(a) / vecinos / amigos / otros (_____)
		Casa / escuela / otro (_____)	Padres / abuelos / niñera / profesor(a) / vecinos / amigos / otros (_____)
		Casa / escuela / otro (_____)	Padres / abuelos / niñera / profesor(a) / vecinos / amigos / otros (_____)

13. Desempeño: Evalúe sus habilidades lingüísticas en una escala del 1 al 5, siendo que 1 equivale a muy poco y 5 a muy bien.

Lengua	Lectura	Escrita	Oír y entender	Hablar
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

14. ¿Qué lenguas estas personas hablaban con usted cuando era niño (a)?
 Padre: _____ Madre: _____ Abuela materna: _____ Abuelo materno: _____
 Abuela paterna: _____ Abuelo paterno: _____ Hermano 1: _____ Hermano 2: _____

15. ¿Cuál es su lengua dominante ahora? (cuál cree usted que sabe mejor, se siente más cómodo(a)?)

16. Frecuencia de uso de la(s) lengua(s):

Lengua	Lugar / situación	Porcentual de uso											Comentarios
	En casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la universidad	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En el trabajo	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la iglesia/eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al teléfono	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En las vacaciones	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	De compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En fiestas o eventos sociales	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Lengua	Lugar / situación	Porcentual de uso											Comentarios
	En casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la universidad	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En el trabajo	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la iglesia/eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al teléfono	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En las vacaciones	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	De compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En fiestas o eventos sociales	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Lengua	Lugar / situación	Porcentual de uso											Comentarios
	En casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la universidad	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En el trabajo	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la iglesia/eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al teléfono	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En las vacaciones	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	De compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En fiestas o eventos sociales	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
Lengua	Lugar / situación	Porcentual de uso											Comentarios
	En casa	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar familiares	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la universidad	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En el trabajo	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En la iglesia/eventos religiosos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al visitar amigos	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	Al teléfono	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En las vacaciones	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	De compras	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
	En fiestas o eventos sociales	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	

17. ¿Qué lenguas se habla diariamente en su casa? _____

18. ¿Qué lenguas ha estudiado formalmente y cómo fue la experiencia de aprendizaje? _____

19. Actitudes respecto a la lengua:

¿Cuánto se identifica usted con la lengua y cultura portuguesa? (1=nada; 5=bastante)	1	2	3	4	5
¿Ya se ha sentido molesto(a) cuando hablaba portugués? (1= nunca; 5= varias veces)	1	2	3	4	5

20. ¿Es usted diestro o zurdo? (haga un mimo para la acción de escribir para confirmar) _____

21. ¿Ha sido usted obligado a utilizar la otra mano? () sí () no

Razón para el cambio: _____

¿En qué actividades hubo el cambio: _____

22. ¿Va usted al médico regularmente? () sí () no ¿Por qué? _____
23. ¿Ya ha tenido usted algún problema de salud? () sí () no Explique: _____

24. ¿Toma usted alguna medicina? () sí () no De qué tipo? _____
25. ¿Existe histórico de enfermedad en su familia? () sí () no Explique: _____

Test:

Fecha: _____

¿Cuántas horas de sueño ha tenido usted en las últimas 24 horas? _____

Cite todas las medicinas utilizadas en las últimas 24 horas: _____

¿Ha tenido usted algún problema de salud desde el día de la entrevista? _____

Apêndice E - Prova de Proficiência

PROVA DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nome: _____ Data: _____

Atividades de Leitura e Compreensão de Texto e Formas Linguísticas em Uso, adaptadas do CILP – Superior (1999)

a) Marque a ÚNICA alternativa correta:

MARCA: UMA ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO

Nelson Graubart

01	Diante da crescente competição pelo desejo do cliente, a memorização da identidade visual de
02	uma empresa está muito mais ligada à unidade, coerência, dinâmica e sinergia do conjunto de suas
03	aplicações (linguagem gráfica) do que propriamente ao desenho de seu símbolo e/ou logotipo.
04	Fortalecer o reconhecimento da sua marca é um desafio permanente e estratégico.
05	As diversas aplicações da identidade visual da sua marca devem ser regidas por conceitos
06	estabelecidos e guiados pela visão de conjunto e dos objetivos de mercado da sua empresa.
07	Até alguns anos atrás a tarefa de criar, planejar e implantar um projeto de identidade visual
08	ficava sob a exclusiva responsabilidade dos profissionais que tinham estas características: um olhar
09	gráfico, uma formação, uma habilidade e os recursos técnicos para a missão.
10	Hoje com a proliferação de programas de computação gráfica – acessíveis a qualquer usuário
11	de computador – vê-se aumentar os riscos de dispersão, da deformação de identidade de marcas
12	importantes e conhecidas.
13	Atualmente, logotipos são simplesmente escaneados ou intuitivamente redesenhados. As cores
14	não são padronizadas. As fontes (tipografia) são indiscriminadamente utilizadas (todas muito
15	“parecidas”). Essas “facilidades” disponíveis produzem um grande número de marcas semelhantes e
16	poucas obedecendo a um projeto original.
17	Os sempre bem-intencionados “arroubos de criatividade” na elaboração de projetos de “layouts”
18	tornam inevitavelmente “criativo” o que deveria ser padronizado, e medíocre o que deveria ser criativo.
19	Muitas vezes, a revitalização da identidade visual não está na mudança de seus elementos
20	(símbolo, logotipo, cor, tipologia, etc.), mas apenas na sua reorganização.

(Gazeta Mercantil, 23-8-99, p. A-2; texto parcial)

- 1) A memorização da identidade visual de uma empresa ajuda a:
 - a) cativar o cliente.
 - b) diminuir a competência.
 - c) diminuir os custos de logotipia.
 - d) inovar em sua linguagem gráfica.

- 2) A identidade visual de uma empresa relaciona-se:
 - a) especialmente ao desenho de sua logomarca.
 - b) somente ao desenho de sua logomarca.
 - c) mais à harmonia dos elementos do que ao desenho do logotipo.
 - d) mais ao desenho do logotipo do que ao conjunto dos elementos.

- 3) Os advérbios simplesmente e intuitivamente (linha 13) conferem à frase ideia de:
 - a) aprimoramento.
 - b) criatividade.
 - c) risco.
 - d) despretensão.

- 4) As “facilidades” (linha 15) são:
- positivas, pois auxiliam na elaboração dos projetos.
 - positivas, mas podem prejudicar os profissionais mais antigos.
 - negativas, mas aprimoram os logotipos.
 - negativas, pois prejudicam a qualidade das marcas.
- 5) Os “arroubos de criatividade” (linha 17), nesse contexto, significam:
- impulsos criativos de efeitos positivos.
 - impulsos criativos indispensáveis a qualquer profissional.
 - arrebatamento que inova de maneira perigosa.
 - arrebatamento que inova e aperfeiçoa.
- 6) Na elaboração de um projeto gráfico de logomarca:
- não existe margem para a criatividade.
 - não existe margem para a padronização.
 - deve-se evitar a padronização em favor da criatividade.
 - há espaço para a criatividade e para a padronização.
- 7) O termo indiscriminadamente (linha 14) pertence à mesma área de significado que:
- discriminar e crime
 - descriminar e crime
 - descriminar e descriminação
 - discriminar e descriminação
- 8) Às vezes, segundo o texto, consegue-se dar nova vida à identidade visual de uma empresa:
- elaborando um novo arranjo de seus elementos.
 - tanto recriando os elementos, como criando um novo conjunto.
 - somente criando novo logotipo.
 - criando símbolo, logotipo, cor, tipologia diferentes.
- 9) O texto permite concluir que hoje:
- todas as pessoas têm acesso ao computador.
 - o acesso facilitado aos programas de computação gráfica garante a produção de logomarcas com excelentes resultados.
 - o acesso facilitado aos programas de computação gráfica não garante a qualidade dos resultados.
 - os recursos de computação gráfica evitam que se deforme a identidade das marcas.
- 10) Poder-se-ia expressar de maneira correta a ideia essencial contida em *Essas facilidades disponíveis* (linhas 14-15) da seguinte forma:
- Essas facilidades que a pessoa dispõe
 - Essas facilidades de que a pessoa dispõe
 - Essas facilidades de que a pessoa dispõem
 - Essas facilidades que a pessoa dispõem

b) Relacione a primeira coluna de acordo com a segunda (Uma das opções da coluna dois ficará sobrando.)

Coluna 1

- () Quando tivermos a informação
- () Se tivéssemos a informação
- () Não só obtivemos a informação
- () Era tão importante a informação

Coluna 2

- repassaríamos à imprensa.
- repassarmos à imprensa.
- como ainda a repassamos à imprensa.
- repassaremos à imprensa.
- que a repassamos à imprensa.

Atividades de compreensão auditiva adaptadas do CILP – Superior (1999)

Você irá ouvir um debate sobre o seguinte tema: o erro de reportagem. O programa foi apresentado por Willian Bonner, no Programa N de Notícia, na Globo News e participaram do debate os jornalistas Milton Coelho da Graça, Sandro Vaglia e Zuenir Ventura, que foi, ele próprio, alvo de uma notícia que anunciou equivocadamente a sua morte. (Fonte: Globo News, N de Notícia, 12-09-99)

c) Em cada questão, marque a ÚNICA alternativa correta.

- 1) Segundo Milton Coelho da Graça, o erro jornalístico:
 - a) não deixará de ocorrer.
 - b) não passa de pura ilusão.
 - c) é provocado pela má-fé das agências concorrentes.
 - d) é produzido exclusivamente devido à inexperiência dos profissionais.

- 2) Milton considera que pior do que a divulgação de uma notícia equivocada é:
 - a) a ausência de investigação.
 - b) a competição com outras agências.
 - c) a má-fé da fonte das informações.
 - d) a velocidade da informação.

- 3) A nota equivocada sobre Altamiro Carrilho anunciava:
 - a) a data de sua morte.
 - b) indiretamente a sua morte.
 - c) que ele estava mal de saúde.
 - d) o lançamento de um livro seu.

- 4) O piloto de Fórmula 1 Gilles Villeneuve:
 - a) não havia feito nenhuma proeza.
 - b) havia morrido na véspera da notícia.
 - c) era muito ingrato com seus torcedores.
 - d) não será esquecido pelo jornalista.

- 5) Um dos entrevistados afirma que o desmentido:
 - a) deve ser evitado.
 - b) sempre tem mais força.
 - c) produz menos impacto.
 - d) era mais frequente antigamente.

- 6) Para o jornalista da Agência Estado, o erro de reportagem:
 - a) se deve à ausência de critérios de publicação.
 - b) resulta de modificações nos critérios de publicação.
 - c) é independente da velocidade do veículo de informações.
 - d) é decorrência do surgimento de tecnologias mais modernas.

- 7) Em relação às consequências do erro da notícia, o entrevistado considera que:
 - a) foram repensados alguns critérios de publicação.
 - b) os jornalistas estão recebendo a punição merecida.
 - c) tem sido cobrada a responsabilidade dos profissionais.
 - d) houve um arrocho geral quanto aos critérios de publicação.

- 8) A fotografia publicada sobre o Brasil:
 - a) depreciava o aposentado brasileiro.
 - b) não havia sido devidamente autorizada.
 - c) referia-se equivocadamente a um banco.
 - d) foi mal interpretada pela agência que a publicou

9) Os juizes reclamam da:

- a) falta de notícias sobre o judiciário.
- b) atenção excessiva com o judiciário.
- c) ausência de notícias sobre crimes.
- d) forma como a imprensa trata certas notícias.

10) Comparando os jornalistas e os juizes, Milton considera que:

- a) os juizes se equivocam muito mais.
- b) os jornalistas são mais responsáveis.
- c) os juizes não erram porque têm mais tempo para decidir.
- d) as críticas aos jornalistas deveriam ser amenizadas.

FOLHA DE RESPOSTA

Nome: _____ Data: _____

Compreensão leitora e uso linguístico: Exercícios A e B	Compreensão auditiva: Exercício C
1)	1)
2)	2)
3)	3)
4)	4)
5)	5)
6)	6)
7)	7)
8)	8)
9)	9)
10)	10)
11)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
12)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
13)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX
14)	XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Apêndice F - Examen de proficiencia

EXAMEN DE PROFICIENCIA EN LENGUA ESPAÑOLA

Nombre: _____ Fecha: _____

Actividades de comprensión lectora adaptadas del DELE – superior - 23/05/2008

(Disponible en http://diplomas.cervantes.es/docs/ficheros/200805300001_7_20.pdf)

a) Lea el texto siguiente y conteste las preguntas a continuación:

UNA NUEVA INTERNET

Si bien Internet tardó casi cuatro décadas en alcanzar el nivel actual, distintos investigadores universitarios, con el apoyo de sus respectivos gobiernos, pretenden reestructurar todo y comenzar de nuevo. La idea parecería inconcebible, incluso absurda, pero muchos creen que una estrategia de “borrón y cuenta nueva” representa la única manera de atender verdaderamente los desafíos de seguridad, portabilidad y otros temas que han ido surgiendo. Internet funciona muy bien en muchas situaciones, pero fue diseñada con premisas completamente distintas, es una suerte de milagro que esto siga funcionando bien hoy.

Ahora que Internet no está limitada ya por la lentitud en las conexiones o en los procesadores de las computadoras, ni por los altos costos del almacenamiento de datos, los investigadores consideran que ha llegado el momento de replantear la arquitectura subyacente de la red, un paso que implicaría la necesidad de reemplazar el equipo existente y de reprogramar el software para encaminar mejor el tráfico del futuro sobre los canales disponibles.

Pero para cualquier reconstrucción, uno de los desafíos consistirá en alcanzar el equilibrio entre los intereses de varios grupos. La primera vez, los investigadores pudieron trabajar en paz dentro de sus laboratorios. Esta vez, la industria tiene una influencia más importante y las autoridades quieren que sean tomadas en cuenta sus necesidades de intervención de las comunicaciones.

Una nueva red funcionaría paralela a Internet actual y la reemplazaría a la postre, o quizás algunos aspectos de la investigación se aplicarían a una reestructuración de la arquitectura existente. Internet seguirá enfrentando retos, mientras las aplicaciones requieren de transmisiones garantizadas, y no de una estrategia que da solo su “mejor esfuerzo” y que funciona mejor para el correo electrónico y otras tareas menos dependientes del factor del tiempo.

Hay que pensar, por ejemplo, en un médico que utilizará las videoconferencias para practicar una cirugía remota, o en un consumidor de un servicio de telefonía mediante Internet que necesita hacer una llamada de emergencia. En esos casos, el retraso más pequeño en el envío de los datos puede ser fatal. En vez de crear paliativos para cada problema, los investigadores de esta nueva propuesta quieren rediseñar el sistema para albergar fácilmente cualquier tecnología futura.

La red debe ser rediseñada para que sospeche de todos los usuarios y datos desde el comienzo. Los datos no pasarán a menos que sean autenticados, procesamiento adicional necesario dentro de la red.

El sistema de direcciones debe reestructurarse para que las mismas se basen más en el dispositivo y menos en la ubicación. De esta forma, una computadora portátil conservaría su dirección mientras se mueve por varios puntos de acceso inalámbrico.

Por último, los investigadores se preguntan si realmente todos los dispositivos necesitan direcciones. Quizás los sensores en una vivienda podrían comunicarse con otros en cierto lugar y enviar los datos más importantes con un dispositivo que sí posea una dirección. Así, los “routers”, considerados los policías del tránsito en la Internet, no tendrían que seguirle el rastro a cada sensor, lo que mejoraría la eficiencia.

(Adaptado de La Nación. Argentina)

Preguntas:

1. Según el texto, algunos investigadores están pensando en...
 - a) reformar Internet para disminuir sus costes.
 - b) adaptar Internet a los nuevos equipos informáticos.
 - c) reformular Internet desde su estructura.

2. Según el texto, se habla de una red que...
 - a) será un complemento a la actual sin anularla.
 - b) servirá para cubrir cualquier necesidad científica.
 - c) debe tener en cuenta las necesidades de diferentes sectores.

3. Según el texto, los investigadores opinan que las direcciones en la red...
 - a) dependerían del lugar donde se hallara la computadora.
 - b) no serían necesarias en todos los casos.
 - c) servirían para localizar a los usuarios fraudulentos

b) Relacione cada pregunta de la COLUMNA A con su respuesta correspondiente en la COLUMNA B. Así, encontrará una parte de la entrevista realizada a Ferrán Adriá, un famoso cocinero español. Rellene los paréntesis abajo con las respuestas (letras) adecuadas.

COLUMNA A

1 Señor Adriá, usted tiene una escuela de investigación culinaria. En sus procesos de investigación, ¿llevan una metodología científica y rigurosa?

2 La ciencia es una de las herramientas que utiliza en la cocina, pero también está considerado como un artista, por lo que me gustaría preguntarle: usted, ¿bajo qué perspectiva ve su cocina?

3 Usted ha afirmado en alguna ocasión que la cocina influye en la vida de las personas, y sobre todo en sus emociones. ¿Cómo puede ser cierto?

4 Otra de sus frases: "La concepción de las recetas está pensada para que la armonía funcione en raciones pequeñas". ¿Qué hay de malo en la abundancia?

5 ¿Cree que su cocina puede definirse como transgresora?

6 ¿Considera usted que la globalización está llegando a la gastronomía?

COLUMNA B

A Eso es una de las cosas más difíciles que hay de explicar... Fíjate en las notas musicales. Una canción que no esté bien compensada no se oye bien. No sabes por qué, en la cocina elaborada estas notas funcionan bien cuando hay una proporción adecuada.

B Colón llega a América y trae productos a Europa. Muchos platos son nuestros gracias a esto y a los árabes. Estoy en contra de las invasiones, pero la mezcla de culturas hace siglos que existe y es buena.

C Bueno, yo hago cocina de vanguardia y eso conlleva una serie de características que tienen que aparecer siempre. Si hago algo que no provoque, que no sea nuevo, que no sea extraño, algo pensado y reflexionado... ya no sería vanguardia, ¿no?

D Pues... La intuición y la anarquía son muy importantes en la creatividad, lo que pasa es que, si no te organizas, al final esta anarquía te puede comer a ti, así que, dentro de ella, somos serios, como en cualquier otro trabajo.

E Cualquier hecho creativo requiere un esfuerzo muy grande, sobre todo en disciplinas históricas como la cocina. El problema es que tenemos que crear y después producir, que no es normal en otras disciplinas. Por eso es un poco duro y se necesita una gran dedicación, hoy en día, unas diez veces de esfuerzo más que hace veinte años.

F Existe un momento en que tanto para la persona que hace algo como para la persona que lo ve, hay algo mágico, y esto puede pasar de mil maneras. A nadie le preguntan "¿La escultura qué es?". Pues escultura. ¿Qué esto tiene unas connotaciones en muchos campos? Posiblemente esto reflejará lo complejo que es este mundo de la cocina, pero la cocina es cocina. Mi cocina se podría definir como un taller de cocina.

7 ¿Cuántas horas de estudio, experimentación y práctica dedican usted y su equipo al día para mantenerse en lo más alto?

G Queremos llevar felicidad a la gente a partir de algo nuevo, no de algo familiar. Queremos que la gente sea feliz, pero que pruebe algo nuevo; y este "algo nuevo" siempre va a provocar cosas diferentes a lo que uno conoce. Rechazo, provocación, reflexión... Todo esto ya son componentes que no son lo normal cuando uno come.

Respuestas:

1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

Actividades de comprensión auditiva, gramática y vocabulario adaptadas del DELE – superior - 16/05/2009

(Disponible en http://diplomas.cervantes.es/docs/ficheros/200906180002_7_25.pdf)

c) Escuche la grabación y señale V si la afirmativa es verdadera y F si es falsa:

PUBLICIDAD EN LA RADIO

A continuación escuchará una opinión sobre la publicidad en la radio. (Adaptado de RCN. Colombia)

1. () Los mensajes publicitarios radiales deben limitar el número de ofrecimientos.
2. () El enfoque de multipromesa es conveniente en los mensajes radiales.
3. () La publicidad en la radio necesita más creatividad que en otros medios de comunicación.
4. () En la creatividad publicitaria se deben tener en cuenta las particularidades de cada medio.
5. () Según la grabación, la radio utiliza el sentido más útil en la retención de mensajes.
6. () La radio puede usar los mismos recursos publicitarios que otros medios.
7. () La radio es menos efectiva que otros medios en publicidad.
8. () La publicidad en la radio es como en la televisión, pero sin imágenes.
9. () Un mensaje de radio es impactante en la mente humana.
10. () Un mensaje de radio debe estar situado muy estratégicamente.

d) Complete las frases siguientes con el término adecuado de los cuatro que se le ofrecen.

1. — No te preocupes por su examen; con lo bien que _____ dan las matemáticas, seguro que lo aprueba.

- a) se
- b) se las
- c) le
- d) se le

2. — Nada de _____ comieron en la excursión estaba en mal estado.

- a) la que
- b) lo que
- c) que
- d) los que

3. — En cuanto lo _____ me lo dices, ¿de acuerdo?

- a) sabrá
- b) supieras
- c) sepas
- d) sabes

4. — Entiendo muy bien que se _____ así, yo hubiera hecho lo mismo.
a) ha comportado
b) haya comportado
c) comportaba
d) comportaría
5. — Tuvo una infancia muy feliz, _____ sea tan extrovertido.
a) de ahí que
b) por eso
c) así que
d) por tanto

e) Elija, de entre las tres opciones de respuesta, aquella que tenga un significado equivalente al del fragmento marcado con letra negrita.

1. — Raúl me dijo que **me desentendiera** del asunto de la factura.
a) me ocupara
b) me olvidara
c) me preocupara
2. — De todas las explicaciones, la del profesor Ruiz era la más **enrevesada**.
a) fácil
b) complicada
c) clara
3. — En el Congreso Internacional habló **inopinadamente** un periodista que causó un gran revuelo en la sala.
a) sin opinión
b) concienzudamente
c) de repente
4. — Me dijo que quería ir a Venezuela con su novia y, al final, **se salió con la suya**.
a) lo consiguió.
b) la convenció.
c) se quedó.
5. — Lo **pillaron** cuando estaba hablando por el móvil en el trabajo.
a) llamaron
b) despidieron
c) descubrieron

HOJA DE RESPUESTA

Nombre: _____ Fecha: _____

Comprensión lectora:		Comprensión auditiva:	Gramática	Vocabulario
Ejercicio A	Ejercicio B	Ejercicio C	Ejercicio D	Ejercicio E
1)	1)	1)	1)	1)
2)	2)	2)	2)	2)
3)	3)	3)	3)	3)
XXXXXX	4)	4)	4)	4)
XXXXXX	5)	5)	5)	5)
XXXXXX	6)	6)	XXXXXXX	XXXXXXX
XXXXXX	7)	7)	XXXXXXX	XXXXXXX
XXXXXX	XXXXXXX	8)	XXXXXXX	XXXXXXX
XXXXXX	XXXXXXX	9)	XXXXXXX	XXXXXXX
XXXXXX	XXXXXXX	10)	XXXXXXX	XXXXXXX

Apêndice G - Esquema da tarefa para bilíngues português-espanhol

Interferência semântica - R=categoria semântica

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	uva	uva	9,75	3	cereja	1,29	6	espelho	46,13	7
	moto	moto	9,29	4	bicicleta	14,7	9	flor	32,63	4
	baleia	ballena	3,37	7	tubarão	3,76	7	gato	25,66	4
	prato	plato	30,42	5	sopa	13,26	4	colchão	6,01	7
	gato	gato	25,66	4	leite	73,67	5	árvore	38,12	6
	estrela	estrella	44,15	8	lua	64,97	3	moto	9,29	4
	moeda	moneda	39,87	6	cofre	2,56	5	baleia	3,37	6
	espada	espada	19,82	6	pistola	22,32	7	seda	15,77	4
	olho	ojo	52,5	3	nariz	30,99	5	corona	31,77	6
abelha	abeja	2,09	5	mel	21,86	3	outono	25,22	6	
	Média	23,692	5,1		24,938	5,4		23,397	5,4	

NÃO-COGNATAS	ameixa	ciruela	1,19	7	marmelo	2,04	7	álibi	4,25	5
	perú	pavo	4,47	4	frango	19,61	6	lençol	6,53	6
	feijão	poroto	0,56	6	vagem	0,15	5	lontra	0,62	6
	morango	frutilla	0,5	8	melancia	1,94	8	joelho	13,84	6
	pêssego	durazno	2,28	7	ameixa	1,19	6	vagalume	0,38	8
	garfo	tenedor	3,53	7	colher	5,68	5	cachecol	2,15	8
	parafuso	tornillo	2,13	8	broca	0,82	5	fatia	0,68	5
	foice	hoz	5,73	3	picareta	0,11	8	tigela	2,79	6
	gravata	corbata	11,53	7	luvas	8,48	5	garfo	3,53	5
	bule	tetera	0,91	6	chaleira	0,87	8	romã	32,13	4
	Média	3,283	6,3		4,089	6,3		6,69	5,9	

FALSOS COGNATOS	bola	pelota	26,1	6	balão	12,53	5	sobremesa	17,87	9
	bala	caramelo	3,67	8	doce	40,1	4	sótão	2,09	5
	talheres	cubiertos	11,33	9	salada	11,05	6	escritório	61,61	10
	pastel	empanada	1,06	8	presunto	11,14	8	cinta	2,07	5
	sacola	bolsa	53,53	5	alça	0,81	4	carro	74,31	5
	mala	maleta	11,14	6	pasta	8,6	5	lentilhas	4,45	9
	taça	copa	73,76	4	bodega	6,08	6	seta	7,08	4
	sobretudo	abrigo	13,33	6	calça	15,07	5	sítio	17,67	5
	salsa	perejil	16,16	7	agrião	1,04	6	faro	14,63	4
	envelopes	sobres	3,79	6	cartão	29,68	6	polvo	3,03	5
	Média	21,387	6,5		13,61	5,5		20,481	6,1	

Identidade interlinguística - R=tradução

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	cavalo	caballo	55,36	7	cavalo	55,36	6	nuvem	13,26	5
	coração	corazón	120,15	7	coração	120,15	7	lobo	13,33	4
	girafa	jirafa	0,69	6	girafa	0,69	6	queijo	28,82	6
	anel	anillo	11,45	6	anel	11,45	4	lápiz	8,04	5
	ovelha	oveja	5,25	5	ovelha	5,25	6	barco	38,18	5
	sapato	zapato	5,4	6	sapato	5,4	6	foto	53,69	4
	pêra	pera	3,82	4	pêra	3,82	4	ventilador	2,2	10
	zebra	cebra	0,62	5	zebra	0,62	5	caixa	56,04	5
	tênis	tenis	18,76	5	tênis	18,76	5	limão	26,38	5
	chave	llave	20,92	5	chave	20,92	5	dente	8,08	5
	Média	24,242	5,6		24,242	5,4		24,802	5,4	

NÃO-COGNATAS	vagem	chaucha	0,15	7	vagem	0,15	5	beco	8,03	4
	caneta	lapicero	0,49	8	caneta	0,49	6	gramado	7,36	7
	cabide	percha	1,32	6	cabide	1,32	6	fofoca	2,05	6
	torneira	canilla	0,62	7	torneira	0,62	8	feijão	0,56	6
	amendoim	cacahuete	0,49	9	amendoim	0,49	8	fronha	8,46	6
	alface	lechuga	6,77	7	alface	6,77	6	babá	1,19	4
	percevejo	chincheta	0,11	9	percevejo	0,11	9	bule	0,91	4
	tamanco	zueco	0,08	5	tamanco	0,08	7	gengiva	0,39	7
	roupão	albornoz	3,79	8	roupão	3,79	6	torresmo	0,45	8
	varal	tendedero	0,41	9	varal	0,41	5	minhoca	3,29	7
		Média	1,423	7,5		1,423	6,6		3,269	5,9

FALSOS COGNATOS	pipa	cometa	6,2	6	pipa	6,2	4	mala	11,14	4
	algemas	esposas	8,11	7	algemas	8,11	7	cacho	2,06	5
	sino	campana	8,67	7	sino	8,67	4	oficina	27,01	7
	rato	ratón	11,77	5	rato	11,77	4	copo	39,09	4
	balão	globo	12,53	5	balão	12,53	5	calçada	10,25	7
	brincos	pendientes	22,53	10	brincos	22,53	7	apelido	1,76	7
	cogumelo	seta	2,28	4	cogumelo	2,28	8	bala	3,67	4
	farol	faro	5,49	4	farol	5,49	5	botiquim	34,74	8
	violão	guitarra	16,85	8	violão	16,85	6	talheres	11,33	8
	ninho	nido	7,21	4	ninho	7,21	5	cana	13,73	4
		Média	10,164	6		10,164	5,5		15,478	5,8

Facilitação fonó-ortográfica - R= ortografia

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	ventilador	ventilador	2,2	10	vestido	46,28	7	sofá	13,65	4
	barco	barco	38,18	5	barba	18,28	5	inverno	41,06	7
	pato	pato	7,58	4	patio	38,9	5	régua	26,76	5
	tomate	tomate	19,93	6	toalha	7,28	6	berinjela	1,65	9
	camelo	camello	2,49	7	camisa	26,56	6	bebida	14,28	6
	vaca	vaca	14,04	4	vapor	18,25	5	folha	31,03	5
	canguru	canguro	1,1	7	canteiro	1,26	8	uva	9,75	3
	avião	avión	44,92	5	aveia	3,99	5	raio	19,39	4
	rosa	rosa	92,94	4	roda	36,72	4	vento	62,88	5
	lápiz	lápiz	8,04	5	lago	24,84	4	trigo	17,57	5
		Média	23,14	5,7		22,236	5,5		23,802	5,3

NÃO-COGNATAS	ferro passar	plancha	7,91	7	plaina	2,05	6	abacaxi	7,68	7
	samambaia	helecho	0,87	7	elo	5,09	3	grelha	6,3	6
	frigideira	sartén	9,66	6	sacola	53,53	6	farelo	9,78	6
	furadeira	taladro	0,82	7	tarraxa	0,03	7	creche	2,16	6
	guarda-chuva	paraguas	7,52	8	palheta	0,77	7	enxoval	1,57	7
	chaleira	pava	0,87	4	pavão	0,26	5	leque	8,39	5
	melancia	sandía	1,94	6	santola	0,23	7	cabide	1,32	6
	tigela	cuenco	2,79	6	cueiro	3,5	6	berço	11,05	5
	pimentão	morrón	1,37	6	morango	0,5	7	foice	5,73	5
	cadeira balanço	mecedora	3,15	8	mercearia	2,04	9	lula	0,81	4
		Média	3,69	6,5		6,8	6,3		5,479	5,7

FALSOS COGNATOS	urso	oso	9,01	3	osso	19,06	4	brinco	31,74	6
	xícara	taza	32,74	4	taça	73,76	4	ninho	7,21	5
	copo	vaso	39,09	4	vaso	1,52	4	lenço	15,09	5
	galo	gallo	13,21	5	galho	21,64	5	sacola	53,53	6
	vassoura	escoba	3,23	6	escova	3,98	6	bolo	6,76	4
	bolo	pastel	6,76	6	pastel	1,06	6	sobrenome	16,01	9
	cachimbo	pipa	7,91	4	pipa	6,2	4	salsa	16,16	5
	travesseiro	almohada	7,66	8	almofada	1,36	8	urso	9,01	4
	bolsa	bolso	9,85	5	bolso	25,51	5	calçada	10,25	7
	carruagem	carroza	2,85	7	carroça	19,12	7	azeite	0,31	6
		Média	13,23	5,2		17,321	5,3		16,607	5,7

Prática	mão	mano	escola
	banco	banco	língua
	cruz	cruz	ferro
	sol	sol	café
	flor	flor	oca
	coruja	lechuza	milho
	pão	pan	meia
	porta	puerta	rio
	pássaro	pájaro	rainha
	leão	león	relógio

Apêndice H - Esquema da tarefa para bilíngues espanhol-português

Interferência semântica - R=categoria semântica

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	león	leão	3,3	4	gato	1,39	4	espejo	1,78	6
	moto	moto	1,01	4	bicicleta	1,15	9	flor	1,35	4
	ballena	baleia	0,17	6	tiburón	1,03	7	colchón	0,52	7
	plato	prato	2,19	5	sopa	0,78	4	verano	3,9	6
	corazón	coração	7,61	7	boca	4,94	4	árbol	2,27	5
	estrella	estrela	1,82	7	luna	1,12	4	ballena	0,17	7
	moneda	moeda	5,7	5	cofre	0,87	5	caja	8,86	4
	espada	espada	0,71	6	pistola	0,36	7	sol	5,56	3
	ojo	olho	3,93	4	brazo	3,93	5	moto	1,01	4
	cebra	zebra	0,07	5	caballo	2,91	7	otoño	0,18	5
	Média	2,651	5,3		1,848	5,6		2,56	5,1	

NÃO-COGNATAS	ciruela	ameixa	0,09	6	durazno	0,17	7	guardería	1,83	9
	poroto	feijão	5,72	6	chaucha	0,05	7	zueco	0,03	5
	tornillo	parafuso	0,23	8	taladro	0,16	7	ciruela	0,09	7
	frutilla	morango	0,11	7	sandía	0,53	6	niñera	2,45	6
	chaucha	vagem	0,05	5	arveja	0,11	6	hoz	0,32	3
	durazno	pêssego	0,17	7	almíbar	0,1	7	cuenco	0,05	6
	corbata	gravata	0,52	7	bufanda	0,07	7	pava	0,03	4
	hoz	foice	0,32	5	hacha	5,37	5	tobillo	0,1	7
	zueco	tamanco	0,03	7	chancleta	0,31	9	hogar	2,93	5
	calabacín	abobrinha	0,08	9	gombo	0,04	5	panceta	0,11	7
		Média	0,732	6,7		0,691	6,6		0,794	5,9

FALSOS COGNATOS	pelota	bola	3,64	4	globo	0,3	5	humo	1,83	4
	ratón	rato	0,52	4	cola	0,66	4	calzada	12,9	7
	cubiertos	talheres	0,1	8	cena	0,58	4	bengala	0,25	7
	pastel	bolo	2,71	4	pasta	7,12	5	acha	1,02	4
	maleta	mala	0,7	4	bolsa	0,23	5	vaso	0,84	4
	cepillo	escova	0,19	6	muela	0,7	5	taller	1,41	6
	vaso	copo	0,84	4	jugo	1,43	4	lienzo	1,84	6
	gato	macaco	0,34	6	coche	9,78	5	polvo	1,65	5
	oso	urso	0,16	4	pelo	1,38	4	puro	0,13	4
	pulpo	polvo	0,07	5	gamba	0,84	5	termo	0,57	5
		Média	0,927	4,9		2,302	4,6		2,244	5,2

Identidade interlinguística - R=tradução

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	abeja	abelha	0,28	6	abeja	0,28	5	queso	1,08	5
	mesa	mesa	10,02	4	mesa	10,02	4	invierno	3,07	8
	jirafa	girafa	0,09	6	jirafa	0,09	6	nube	0,41	4
	anillo	anel	0,94	4	anillo	0,94	6	rayo	1,6	4
	oveja	ovelha	0,34	6	oveja	0,34	5	rueda	2,15	5
	zapato	sapato	1,25	6	zapato	1,25	6	hoja	7,73	4
	pera	pêra	0,09	4	pera	0,09	4	sofá	0,4	4
	toro	touro	0,13	5	toro	0,13	4	cine	4,24	4
	reloj	relógio	1,33	7	reloj	1,33	5	cereza	0,06	6
	llave	chave	3,03	5	llave	3,03	5	diente	0,7	6
		Média	1,75	5,3		1,75	5		2,144	5

NÃO-COGNATAS	cacahuete	amendoim	0,47	8	cacahuete	0,47	9	lechuga	0,27	7
	percha	cabide	0,3	6	percha	0,3	6	lechuza	2,19	7
	tendedero	varal	0,11	5	tendedero	0,11	9	pollera	3,52	7
	pavo	peru	3,73	4	pavo	3,73	4	codo	0,16	4
	ananás	abacaxi	0,74	7	ananás	0,74	6	jamón	0,11	5
	tenedor	garfo	0,11	5	tenedor	0,11	7	calefón	0,04	7
	embudo	funil	0,21	5	embudo	0,21	6	té	0,84	2
	pupitre	carteira	5,65	8	pupitre	5,65	7	encía	0,04	5
	helecho	samambaia	0,35	9	helecho	0,35	7	ardilla	0,04	7
	lampa	enxada	0,62	6	lampa	0,62	5	frutilla	0,11	8
		Média	1,229	6,3		1,229	6,6		0,732	5,9

FALSOS COGNATOS	cinta	fita	4,68	4	cinta	4,68	5	oficina	4,43	7
	campana	sino	0,27	4	campana	0,27	7	apellido	0,75	8
	bolo	pino	0,1	4	bolo	0,1	4	cartón	0,6	6
	caramelo	bala	1,71	4	caramelo	1,71	8	tapete	0,24	6
	escoba	vassoura	0,71	8	escoba	0,71	6	copa	0,28	4
	seta	cogumelo	0,03	8	seta	0,03	4	niño	4,6	4
	cinto	cinta	0,18	5	cinto	0,18	5	ratón	0,52	5
	faro	farol	0,63	5	faro	0,63	4	salada	0,54	6
	guitarra	violão	0,62	6	guitarra	0,62	8	lentilla	0,17	8
	nido	ninho	0,35	5	nido	0,35	4	aceite	0,38	6
		Média	0,928	5,3		0,928	5,5		1,251	6

Facilitação fono-ortográfica - R= ortografia

COGNATAS	Desenho	Prod.-alvo	Freq.	Nº letras	Dist. R	Freq.	Nº letras	Dist.NR	Freq.	Nº letras
	ventilador	ventilador	0,16	10	vestido	1,05	7	oro	5,86	3
	barco	barco	2,02	5	barba	0,46	5	regla	0,18	5
	pato	pato	2,07	4	paja	1,22	4	viento	1,81	6
	tomate	tomate	0,92	6	toalla	0,24	6	libro	8,65	5
	cama	cama	1,76	4	camello	0,07	7	bebida	1,57	6
	vaca	vaca	1,73	4	valle	10,82	5	ducha	0,14	5
	canguro	canguru	0,04	7	cantero	0,72	7	limón	0,33	5
	avión	avião	4,49	5	avena	0,17	5	lápiz	0,47	5
	rosa	rosa	5,71	4	ropa	4,22	4	búfalo	0,07	6
	lápiz	lápiz	0,47	5	lago	3	4	grano	1,74	5
		Média	1,937	5,4		2,197	5,4		2,082	5,1

NÃO-COGNATAS	membrillo	marmelo	0,05	7	marbete	0,17	7	palta	0,15	5
	sandía	melancia	0,53	8	mecedor	4,67	7	chanchó	0,94	7
	chayote	chuchu	0,11	6	chucho	0,04	6	oruga	0,1	5
	albornoz	roupão	0,04	6	rodilla	0,36	7	tiliches	0,16	8
	canilla	torneira	0,35	8	tornillo	0,23	8	hucha	0,87	5
	lechuga	alface	0,27	6	alhaja	0,77	6	golondrina	0,11	10
	pava	chaleira	0,03	8	chayote	0,11	7	anaquel	0,41	7
	cuenco	tigela	0,05	6	tirita	0,31	6	hipos	0,05	5
	lapicero	caneta	0,97	6	canasta	0,23	7	poroto	5,71	6
	palta	abacate	0,15	7	ababa	0,05	5	canilla	0,35	7
		Média	0,255	6,8		0,694	6,6		0,885	6,5

FALSOS COGNATOS	hueso	osso	0,71	4	oso	0,16	3	pelota	3,64	6
	copa	taça	0,28	4	taza	0,22	4	ladrillo	0,62	8
	bolso	bolsa	7,12	5	bolsillo	4,45	8	cepillo	0,19	7
	rueca	roca	0,05	4	roca	6,13	4	gallo	0,46	5
	cojín	almofada	0,06	8	almohada	0,39	8	doce	6,35	4
	carroza	carruagem	0,34	9	carro	0,49	5	bolso	7,12	5
	cometa	pipa	1,36	4	pipa	0,28	4	esposa	0,05	6
	perejil	salsa	0,07	5	salsa	0,51	5	cacho	3,88	5
	empanada	pastel	0,09	6	pastel	2,71	6	sótano	0,4	6
	pendientes	brincos	0,03	7	brincos	0,56	7	cachorro	0,12	8
		Média	1,011	5,6		1,59	5,4		2,283	6

Prática	mano	mão	escuela
	banco	banco	foto
	cruz	cruz	seda
	sol	sol	hierro
	flor	flor	oca
	lechuza	coruja	maíz
	pan	pão	cajón
	puerta	porta	río
	pájaro	pássaro	reina
	berenjena	berinjela	ave

Apêndice I - Teste de reconhecimento lexical

TAREFA PORTUGUÊS/ESPAÑHOL

Teste de conhecimento lexical: Nas listas abaixo, marque as palavras que você conhece.

Palavras em Português	Resposta (X)	Palavras em Português	Resposta (X)	Palavras em Português	Resposta (X)
uva		broca		sótão	
moto		picareta		escritório	
baleia		luvas		cinta	
prato		chaleira		carro	
gato		cavalo		lentilhas	
estrela		coração		seta	
moeda		girafa		sítio	
espada		anel		faro	
olho		ovelha		polvo	
abelha		sapato		ventilador	
cereja		pêra		barco	
bicicleta		zebra		pato	
tubarão		tênis		tomate	
sopa		chave		camelo	
leite		álibi		vaca	
lua		lençol		canguru	
cofre		lontra		avião	
pistola		joelho		rosa	
nariz		vagalume		lápis	
mel		cachecol		ferro passar	
ameixa		fatia		samambaia	
perú		tigela		frigideira	
feijão		romã		furadeira	
morango		caneta		guarda-chuva	
pêssego		cabide		pimentão	
garfo		torneira		cadeira balanço	
parafuso		amendoim		nuvem	
foice		alface		lobo	
gravata		percevejo		queijo	
bule		tamanco		foto	
espelho		roupão		caixa	
flor		varal		limão	
colchão		balão		dente	
árvore		doce		urso	
seda		salada		xícara	
corona		presunto		copo	
outono		alça		galo	
bola		pasta		vassoura	
bala		bodega		bolo	
talheres		calça		cachimbo	
pastel		agrião		travesseiro	
sacola		cartão		bolsa	
mala		pipa		carruagem	
taça		algemas		beco	

sobretudo		sino		gramado	
salsa		rato		fofoca	
envelopes		brincos		fronha	
marmelo		cogumelo		babá	
frango		farol		gengiva	
vagem		violão		torresmo	
melancia		ninho		minhoca	
colher		sobremesa		cacho	

Palavras em Português	Resposta (X)
oficina	
calçada	
apelido	
botiquim	
cana	
vestido	
barba	
patio	
toalha	
camisa	
vapor	
canteiro	
aveia	
roda	
lago	
sofá	
inverno	
régua	
berinjela	
bebida	
folha	
raio	
vento	
trigo	
plaina	
elo	
tarraxa	
palheta	
pavão	
santola	
cueiro	
mercearia	
abacaxi	
grelha	
farelo	
creche	
enxoval	
leque	
berço	
lula	
osso	

Palavras em espanhol	Resposta (X)
uva	
moto	
ballena	
plato	
gato	
estrella	
moneda	
espada	
ojo	
abeja	
ciruela	
pavo	
poroto	
frutilla	
durazno	
tenedor	
tornillo	
hoz	
corbata	
tetera	
pelota	
caramelo	
cubiertos	
empanada	
bolsa	
maleta	
copa	
abrigo	
perejil	
sobres	
caballo	
corazón	
jirafa	
anillo	
oveja	
zapato	
pera	
cebra	
tenis	
llave	
chaucha	

Palavras em espanhol	Resposta (X)
globo	
pendientes	
seta	
faro	
guitarra	
nido	
ventilador	
barco	
pato	
tomate	
camello	
vaca	
canguro	
avión	
rosa	
lápiz	
plancha	
helecho	
sartén	
taladro	
paraguas	
pava	
sandía	
cuenco	
morrón	
mecedora	
oso	
taza	
vaso	
gallo	
escoba	
pastel	
pipa	
almohada	
bolso	
carroza	

vaso		lapicero	
galho		percha	
escova		canilla	
almofada		cacahuete	
bolso		lechuga	
carroça		chincheta	
brinco		zueco	
lenço		albornoz	
sobrenome		tendedero	
azeite		cometa	
		esposas	
		campana	
		ratón	

Apêndice J - Test de reconocimiento lexical

TAREA ESPAÑOL/PORTUGUÉS

Test de conocimiento léxico: En las listas a continuación, señale las palabras que conoce.

Palabras en Español	Respuesta (X)	Palabras en Español	Respuesta (X)	Palabras en Español	Respuesta (X)
león		caramelo		otoño	
moto		escoba		taladro	
ballena		seta		arveja	
plato		cinto		almíbar	
corazón		faro		bufanda	
estrella		guitarra		hacha	
moneda		nido		chancleta	
espada		ventilador		gombo	
ojo		barco		guardería	
cebra		pato		niñera	
ciruela		tomate		tobillo	
poroto		cama		hogar	
tornillo		vaca		panceta	
frutilla		canguro		globo	
chaucha		avión		cola	
durazno		rosa		cena	
corbata		lápiz		pasta	
hoz		membrillo		bolsa	
zueco		sandía		muela	
calabacín		chayote		jugo	
pelota		albornoz		coche	
ratón		canilla		pelo	
cubiertos		lechuga		gamba	
pastel		pava		humo	
maleta		cuenco		calzada	
cepillo		lapicero		bengala	
vaso		palta		acha	
gato		hueso		taller	
oso		copa		lienzo	
pulpo		bolso		polvo	
abeja		rueca		puro	
mesa		cojín		termo	
jirafa		carroza		queso	
anillo		cometa		invierno	
oveja		perejil		nube	
zapato		empanada		rayo	
pera		pendientes		rueda	
toro		bicicleta		hoja	
reloj		tiburón		sofá	
llave		sopa		cine	
cacahuete		boca		cereza	
percha		luna		diente	
tendedero		cofre		lechuza	
pavo		pistola		pollera	

ananás		brazo	
tenedor		caballo	
embudo		espejo	
pupitre		flor	
helecho		colchón	
lampa		verano	
cinta		árbol	
campana		caja	
bolo		sol	

codo	
jamón	
calefón	
té	
encia	
ardilla	
oficina	
apellido	
cartón	

Palabras en Español	Respuesta (X)	Palabras en Portugués	Respuesta (X)
tapete		leão	
niño		moto	
salada		baleia	
lentilla		prato	
aceite		coração	
vestido		estrela	
barba		moeda	
paja		espada	
toalla		olho	
camello		zebra	
valle		ameixa	
cantero		feijão	
avena		parafuso	
ropa		morango	
lago		vagem	
oro		pêssego	
regla		gravata	
viento		foice	
libro		tamanco	
bebida		abobrinha	
ducha		bola	
limón		rato	
búfalo		talheres	
grano		bolo	
marbete		mala	
mecedor		escova	
chucho		copo	
rodilla		macaco	
alhaja		urso	
tirita		polvo	
canasta		abelha	
ababa		mesa	
chancho		girafa	
oruga		anel	
tiliches		ovelha	
hucha		sapato	
golondrina		pêra	
anaquel		touro	
hipos		relógio	
taza		chave	
bolsillo		amendoim	

Palabras en Portugués	Respuesta (X)
cogumelo	
cinta	
farol	
violão	
ninho	
ventilador	
barco	
pato	
tomate	
cama	
vaca	
canguru	
avião	
rosa	
lápiz	
marmelo	
melancia	
chuchu	
roupão	
torneira	
alface	
chaleira	
tigela	
caneta	
abacate	
osso	
taça	
bolsa	
roca	
almofada	
carruagem	
pipa	
salsa	
pastel	
brincos	

roca		cabide	
almohada		varal	
carro		peru	
pipa		abacaxi	
salsa		garfo	
brincos		funil	
ladrillo		carteira	
gallo		samambaia	
doce		enxada	
esposa		fita	
cacho		sino	
sótano		pino	
cachorro		bala	
		vassoura	

Apêndice K – Desenhos utilizados nas tarefas

